



1.º de Maio responde com a acção

Lutar para mudar

Ao cenário negro pintado pelos porta-vozes da União Europeia, do FMI e do Governo, para justificar a velha receita da «moderação salarial», a CGTP-IN contrapõe a verdade, a firmeza e a luta. Muitos milhares de trabalhadores saíram à rua em mais de meia centena de manifestações e desfiles em todo o País.

Pág. 5

Armas de urânio

- armas para o estado global de guerra
- armas de destruição sem regresso

Págs. 24 e 25



Assembleia da República

Carvalhas no debate

«O Governo está sem fôlego, sem objectivos, anda ao sabor dos lobbies. O Governo não tem rumo e não enfrenta interesses instalados», acusou Carlos Carvalhas na Assembleia da República.

Pág. 9

Desporto

JCP pela democratização

Menos de sete por cento dos alunos têm acesso ao desporto na escola. A prática desportiva e o acesso ao desporto foram questões debatidas numa iniciativa organizada pela JCP, em Gondomar.

Pág. 19

Autarquias

Encontro Nacional do PCP

O Poder Local e as Eleições Autárquicas são o tema do Encontro Nacional que o PCP promove no próximo sábado, em Lisboa, e no qual participa o Secretário-Geral do Partido, Carlos Carvalhas.

Pág. 32

Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.ª-A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matrícula: 47058.
NIF - 500 090 440.

DIREÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lígia Calapez
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria
Sérgio Morais

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 923 99 21
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL
(Contínente e Regiões
Autónomas)
50 números: 9 000\$00
25 números: 4 600\$00

EUROPA
50 números: 23 000\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 33 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



Adutores das Autarquias

O 1.º de Maio traz a luta para a rua

Resumo

24
Terça-feira

Os alunos da Escola Secundária D. Pedro, em Alcobaça, protestam com uma marcha silenciosa contra a decisão do Ministério da Educação de converter a Escola Secundária numa escola integrada básica para o segundo e terceiro ciclos ● A comissão de inquérito ao acidente nas obras do metro do Porto, ocorrido em 12 de Janeiro, responsabiliza a Normetro ● O governo chinês manifesta-se contra a venda de armamento sofisticado norte-americano a Taiwan ● O comité para a prevenção da tortura do Conselho da Europa pede à Turquia para aliviar «imediatamente» o sistema de isolamento dos presos.

25
Quarta-feira

Grandes manifestações e centenas de iniciativas assinalam o 27.º aniversário do 25 de Abril. Na Assembleia da República, Jorge Sampaio elege como tema principal da sua intervenção a questão do financiamento dos partidos políticos ● As autoridades sul-africanas abrem uma investigação a três dignitários do Congresso Nacional Africano suspeitos de congeminar um plano para levaria o presidente Mbeki à demissão ● O presidente norte-americano, George W. Bush, afirma que os EUA continuam a apoiar militarmente Taiwan ● Em Inglaterra, mais de 70 imigrantes clandestinos são deportados para os respectivos países.

26
Quinta-feira

Na África do Sul, um português e um luso-descendente são mortos a tiro ● Como forma de protesto ao encerramento da Portucel-Recicla, em Mourão, os trabalhadores impedem o director de sair da fábrica ● Em consequência do assassinio de quatro activistas da Fatah, vários grupos político-militares palestinos pedem às forças de segurança liberdade total de acção no combate a Israel ● O juiz Eric Halphen declara-se incompetente para continuar o inquérito sobre o processo de escândalo dos financiamentos ocultos de partidos políticos que implicam directamente o presidente francês Jacques Chirac.

27
Sexta-feira

Os trabalhadores não docentes dos ensinos pré-escolar, básico e secundário cumprem um dia de greve como forma de protesto contra a transferência de competência para as autarquias ● O primeiro-ministro israelita e o ministro dos Negócios Estrangeiros reúnem-se para concertarem a resposta de Telavive ao plano de paz jordano-egípcio ● A Celera Genomics anuncia que completou e ordenou o genoma do rato, «um modelo biológico fundamental para descodificar os mecanismos» de doenças que afectam o homem.

28
Sábado

Em Cabília, na Argélia, morrem cerca de nove pessoas em confrontos com os militares ● Acompanhado por dois cosmonautas russos, o primeiro turista do espaço, o multimilionário americano Denis Tito, larga do cosmódromo de Baikonur na nave Soyuz ● A ex-comissária europeia Emma Bonino entra em greve de fome para protestar contra a exclusão do seu partido, o Partido Radical Italiano, dos meios de comunicação durante a campanha eleitoral para as legislativas.

29
Domingo

Um relatório «secreto», revelado por um jornal australiano, culpa 32 generais indonésios de terem organizado as milícias em Timor e a onda de violência registada no território em 1999. O general Wiranto, que não consta da lista, é entretanto apontado como conhecedor das violações dos direitos humanos pelas tropas indonésias ● Shimon Peres, ministro dos Estrangeiros de Israel, anuncia no Cairo um entendimento entre o seu país e os palestinianos com o fim de pôr termo à violência ● A China admite que o avião-espião norte-americano estacionado em Hainan seja inspeccionado pelos Estados Unidos ● Um estudo da UNICEF revela que Portugal detém o recorde da mortalidade infantil na União Europeia.

30
Segunda-feira

O presidente do Benfica, Manuel Vilarinho, ameaça demitir-se do cargo se se mantiver baixa a subscrição de acções pelos associados ● Milhares de partidários de Wahid, acusado de corrupção, manifestam-se em Jacarta contra o eventual afastamento do presidente indonésio ● O líder da milícia Aitarak, Eurico Guterres, responsável por massacres em Timor, é condenado a seis meses de prisão, quatro dos quais já cumpridos preventivamente ● A Assembleia Nacional da Guiné-Bissau reúne-se em sessão extraordinária para debater a crise política desencadeada pela nomeação de Faustino Imbali para primeiro-ministro.

1
Terça-feira

Em mais de meia centena de cidades e vilas do País, muitos milhares de trabalhadores manifestam-se contra a política do Governo. Em todo o mundo foram milhões os que comemoraram o 1.º de Maio em luta em defesa dos postos de trabalho ● Partidários do ex-presidente das Filipinas, Joseph Estrada, preso por corrupção, tentam golpe de Estado para o recolocar no poder e são reprimidos pelas forças policiais e militares ● O presidente Bush, dos Estados Unidos, insiste no «novo projecto estratégico antimissil», apesar da contestação de numerosos cientistas e peritos e da oposição russa e chinesa.

Aconteceu

Leonor Beleza vai ser novamente julgada

O Tribunal da Relação de Lisboa decidiu, na passada terça-feira, voltar a julgar a ex-ministra da Saúde, Leonor Beleza, por dolo

ram que, neste caso, os dez anos para a prescrição do caso só podem ser contados a partir da data da última morte de um doente que



eventual no caso dos hemofílicos contaminados com o vírus da sida.

Este caso volta novamente a tribunal depois de ter sido dado como prescrito em finais do ano 2000. Porém, a decisão do Tribunal da Relação baseou-se no prazo da prescrição que só corre a partir do último dia em que o resultado do crime se verifica. Assim sendo, os juizes da Relação considera-

tenha contraído o vírus da sida entre 1985 e 1987, altura em que Leonor Beleza era detentora da pasta da Saúde.

Em relação a este caso, a vice-presidente da Associação Portuguesa de Hemofílicos, Maria de Lurdes Fonseca, diz que gostaria de «ver os acusados no banco do tribunal para serem julgados», para desta forma se chegar à conclusão se «são inocentes ou não».

Indonésia denuncia actos de terror

Depois de o presidente da Indonésia, Wahid, ter criado um tribunal especial para julgar os crimes de guerra em Timor-Leste, o jornal australiano *Sydney Morning Herald* revela o relatório «secreto» da Comissão de Investigação de Violações de Direitos Humanos.

Este é um documento explosivo onde se denunciam os actos de terror sobre o povo timorense antes e após o referendo de Agosto de 1999. O documento revela como as milícias foram treinadas e pagas pela Indonésia assim como receberam armas de fogo para tortura-

rem e matarem apoiantes da independência. O relatório revela informações enviadas pelo general Wiranto e pelo comandante regional de Bali para o general Feisal Tanjung, que na altura ocupava o cargo de ministro da Coordenação de Segurança, onde demonstra que todos tinham conhecimento integral das acções das milícias.

Este relatório foi apresentado por uma comissão especial liderada por Albert Hasibuan, com um conjunto de 27 advogados, investigadores e documentalistas, tendo a comissão ouvido centenas de testemunhos.



Pintura rupestre no Alqueva

Ao longo da margem do rio Guadiana, numa extensão de dez quilómetros, foram encontradas figuras da era do neolítico no local conhecido como Moinho da Volta.

São atribuídas às gravuras idades de cerca de cinco mil anos e a sua descoberta poderá adiar uma vez mais o encerra-

mento das comportas da barragem. Esta descoberta leva os ambientalistas a colocarem a hipótese de ter existido no processo do Alqueva alguma omissão por parte das entidades responsáveis, visto estas sempre terem afirmado a não existência de arte rupestre nas margens do Gua-

diana. Há quem reclame que o Governo «reconheça o erro» e que «as entidades competentes devem fazer um levantamento exaustivo». António Guterres já garantiu, entretanto, que as obras não vão parar, dada a importância do Alqueva para o desenvolvimento da região.

PT em falta

Um cliente da Portugal Telecom é ilibado de pagar uma factura de valor acrescentado visto que o serviço de audiotexto não tinha sido requisitado por ele. Uma decisão do tribunal arbitral de Vale do Ave, com carácter definitivo, diz que a PT só pode exigir o pagamento de chamadas de valor acrescentado aos clientes que tenham

contratado expressamente este serviço. Existe, pois, por parte da empresa, a obrigação de barrar os serviços de valor acrescentado e solicitar aos assinantes já existentes uma declaração caso queiram aderir a este serviço. Quanto a novos clientes, a PT terá de informar que, se pretendem utilizar o audiotexto, devem requisitá-lo.



Mau recorde para Portugal

Segundo um estudo efectuado pela UNICEF em 26 países da OCDE, morreram em cinco anos no nosso país 17,8 crianças por cada cem mil habitantes. Este facto faz de Portugal o país da Europa com a maior taxa de mortalidade infantil. Em penúltimo lugar encontra-se a Polónia que, comparada com Portugal a nível da riqueza, ainda apresenta uma taxa de mortalidade infantil inferior.

Ainda segundo este estudo, nos 26

países da OCDE morreram mais de 20 mil crianças em acidentes diversos tais como atropelamento, queda ou incêndios. Em Portugal, o número ascende a cerca de 300 crianças por ano.

No relatório que a UNICEF publicou, salienta-se o facto de ser necessária a adopção de leis de prevenção e protecção assim como a melhoria das condições urbanístico-ambientais, por forma a prevenir a redução da taxa de mortalidade infantil.

Crónica Internacional

• Domingos Lopes

Terminar o massacre

No dia 23 de Abril, o exército de ocupação israelita matou o 400.º palestino desde 29 de Setembro de 2000, data da provocação de Ariel Sharon na Esplanada das Mesquitas, local sagrado para os muçulmanos de todo o mundo. A maior parte destes mortos tem menos de dezoito anos. Desde então a brutal repressão israelita para acabar com a INTIFADA, para além dos 400 mortos, já fez mais de 10 000 feridos e cerca de 700 presos, a juntar aos milhares que se encontravam nos calabouços sionistas. Diariamente continuam as demolições de casas de palestinianos que são substituídas por colonatos de judeus provenientes de outros países. Mais de 20 000 árvores de fruta e 7000 hectares de terra arável foram destruídas. Foram impostas severas restrições à livre circulação dos palestinianos dentro e fora dos territórios ocupados, o que acarreta a impossibilidade de ir trabalhar, de ir vender os seus produtos e significa muitas vezes morrer sem assistência médica. Este é o inferno do dia-a-dia dos palestinianos.

Todos os refugiados têm direito a regressar à sua terra

Contra tudo o que foi acordado nas mil e uma reuniões com os palestinianos, Israel vai fazendo dos territórios ocupados minibantustões de três por cinco quilómetros quadrados isolados e retalhados sem ligação entre si e à mercê dos ocupantes.



O quadro de fundo desta repressão impiedosa é este: Israel ocupa desde Junho de 1967 Gaza e Cijordânia contra a Resolução 242 do Conselho de Segurança da ONU. Os colonatos são considerados pela ONU ilegais devendo ser desmantelados em conformidade. Como resultado dessa ocupação cerca de 850 000 palestinianos juntaram-se aos outros

3 000 000 já existentes e que foram obrigados a refugiar-se nos países vizinhos, isto enquanto a Resolução 194 do mesmo Conselho de Segurança determina que todos os refugiados têm direito a regressar à sua terra, ou seja, à Palestina.

Assim o conflito é entre um povo a que a ONU reconhece o direito à autodeterminação e que está disposto a lutar por esse objectivo e o ocupante israelita que parece estar disposto a tudo para manter a ocupação ilegal. E foi-o, no plano internacional, entre as principais potências capitalistas com os EUA à cabeça, por um lado, e por outro os países socialistas, os países Não Alinhados e os povos de todo o mundo. Naturalmente que o desaparecimento da URSS fez mudar muito a correlação de forças na região, o que deu alento a Israel para prosseguir e intensificar a ocupação. A actual coligação que dirige o país entre o Likud de Ariel Sharon (condenado pela própria justiça israelita como responsável pelos massacres de Sabra e Shatila) e o Partido Trabalhista, membro da Internacional Socialista, insere-se nessa política de confronto com os palestinianos para os vergar. Com efeito a coligação poderá representar uma tentativa desesperada do sionismo para resolver pela força o problema palestiniano e prolongar por mais tempo a ocupação ilegal daqueles territórios, mesmo à custa da paz na região. O ataque ao radar sírio no território libanês visa intimidar o Líbano e ameaçar a Síria e abrir o campo de batalha na região. Este desígnio não era possível sem o apoio dos EUA e pelo menos a convívência da União Europeia.

Os EUA têm sido o principal suporte de Israel em todo o conflito que na região tem oposto os palestinianos aos ocupantes israelitas. Vezes sem conta têm utilizado o seu veto no Conselho de Segurança para impedir a condenação de Israel. Aliás, o novo presidente dos EUA mal tomou posse decidiu bombardear o Iraque para mostrar claramente o que constitui a sua preocupação no Médio Oriente e assim tentar colocar os países árabes a reboque das prioridades ou dos interesses norte americanos fazendo-os confrontar-se com o Iraque e não com Israel, o único país na região que se encontra fora da lei.

Cabe, pois, um papel de grande relevo à opinião pública internacional no sentido de denunciar a política colonial de ocupação de Israel e contribuir para que a região possa viver em paz, a qual só pode ser possível com a criação do Estado da Palestina independente em Gaza e Cijordânia, com a capital em Jerusalém Leste e com o regresso ou compensação dos refugiados e libertação de todos os presos políticos.

É preciso que este massacre interminável de palestinianos termine e para esse efeito a solidariedade internacionalista pode ser decisiva. Os membros do Partido, os seus simpatizantes devem animar todas as campanhas em prol deste nobre objectivo que é o do direito à autodeterminação do povo palestiniano.

Editorial

A LUTA CONTINUA

O 25 de Abril e o 1.º de Maio trouxeram às ruas, em festa e em luta, muitos e muitos milhares de trabalhadores em todo o País. Não no cumprimento de um «ritual», como insistem em sublinhar alguns propagandistas de serviço, mas assumindo-se como protagonistas conscientes da luta pelos valores da Revolução de Abril; não por imperativo de «rotina» mas com uma firme e clara determinação de luta contra a política de direita e por uma alternativa de esquerda; não para cumprir «calendário» mas convictos de que a obtenção dos seus objectivos passa pela intensificação e ampliação da luta, convictos de que a luta não só é necessária e indispensável mas que vale a pena.

«Maio está na rua, a luta continua», gritaram bem alto os muitos milhares de pessoas que, acorrendo ao apelo da CGTP-IN, exigiram a melhoria das suas condições de vida e de trabalho, acumularam forças para as lutas futuras, marcaram encontro na jornada nacional de protesto e luta de 7 de Junho próximo e, assim, conferiram a este Dia dos Trabalhadores uma dimensão e um conteúdo à altura das exigências colocadas pela situação actual do País – situação que, como refere o Comunicado do Comité Central do PCP, coloca como questão

“A necessidade de um PCP forte e interventivo é uma evidência incontestável”

essencial a ruptura com a política de direita e de abdição nacional e a adopção de uma política de esquerda, situação que, por isso mesmo, coloca aos militantes comunistas importantes tarefas.

O reforço do combate à política de direita, o desenvolvimento da luta de massas e da iniciativa política; a preparação das eleições autárquicas e a dinamização da CDU; o reforço do PCP – constituem as três direcções de trabalho principais para a intervenção dos comunistas no futuro imediato.

Numa situação em que, por efeito da política do Governo do PS, se agravam todos os dias os problemas dos trabalhadores e do País e em que cresce o sentimento e a consciência da erosão, descrédito e prático esgotamento do governo do Partido Socialista, a questão da construção e concretização de uma alternativa de esquerda emerge como uma necessidade premente. Mostra a experiência e é óbvio que a política de direita, praticada quer pelo PS quer pelo PSD, não só não resolve como agrava todos os problemas nacionais.

O combate à política de direita impõe o esclarecimento, a mobilização, o fortalecimento dos movimentos de massas, o desenvolvimento da luta em torno dos problemas concretos mais sentidos pelos trabalhadores e pelo

povo – caminhos indispensáveis para a ampliação da exigência de uma nova política, de uma política de esquerda. Sendo visíveis as dificuldades que a obtenção de tal objectivo comporta, são igualmente evidentes as potencialidades existentes, tanto mais que, como a realidade bastas vezes tem demonstrado, dificuldades não significam impossibilidade.

As eleições autárquicas do final do ano, pela importância de que se revestem, obrigam a um trabalho intenso e persistente que, na fase actual, passa, nomeadamente, pela dinamização das estruturas locais da CDU e pela formação das listas. Os avanços já concretizados nesse campo e as provas dadas pela CDU no Poder Local – o trabalho, a honestidade e a competência que generalizadamente lhe são reconhecidos – são razões bastantes para que os comunistas se apresentem às próximas eleições com a firme disposição de reafirmar a CDU como uma grande força autárquica nacional, com grandes possibilidades de avançar e crescer, consolidando as suas posições onde já é força majoritária e alargando a sua influência a outros municípios e freguesias.

Num quadro caracterizado pelo crescente uso e abuso do aparelho de Estado em seu benefício por parte do PS – em frontal desrespeito pelas regras democráticas e, assim, ferindo a democraticidade das eleições – a batalha das autárquicas comporta exigências particulares a que é necessário dar resposta. Trata-se de uma batalha que diz respeito a todo o Partido e à qual o colectivo partidário deve entregar-se com determinação e confiança.

Na situação actual, a necessidade de um PCP forte e interventivo é uma evidência incontestável. Com efeito, a força e a intervenção do Partido são factores determinantes na luta pela defesa dos interesses dos trabalhadores, do povo e do País, na luta contra a política de direita e por uma alternativa de esquerda. Daí a importância da atenção permanente ao reforço da organização e intervenção partidárias e, prioritariamente, ao reforço da organização e da intervenção do Partido no seio da classe operária e dos trabalhadores. A presença e a acção organizadas dos comunistas nas empresas e locais de trabalho, sendo determinantes para a elevação da consciência social e de classe, para forjar uma identidade de classe integradora das novas camadas de trabalhadores, para promover a evolução da consciência social a uma mais avançada consciência política, são, igualmente e por isso mesmo, decisivas para o reforço orgânico, social, eleitoral e político do Partido. Tudo isto confere uma muito especial relevância à Resolução aprovada na recente reunião do Comité Central e que – na sequência das decisões do XVI Congresso e incorporando o resultado da experiência acumulada nessa matéria – aponta ao colectivo partidário um vasto conjunto de orientações e medidas visando esse objectivo fundamental.

Muitas, difíceis e complexas são as tarefas que hoje se colocam aos comunistas. Muitas são, também, as possibilidades de as levar por diante com êxito – como o confirmam as manifestações de massas do 25 de Abril e do 1.º de Maio.

Actual O pai dos pobres

• José Casanova

Colaborador do *Diário de Notícias*, onde semanalmente verte reacção e pia prosa, João César das Neves foi, no domingo, chamado a dar entrevista ao referido matutino. Esclarecedora sobre a forma e o conteúdo dos escritos do autor, a entrevista é também exemplificadora da sua maneira de ser e de estar: acredita em Fátima, nunca teve «dúvidas paralisantes de fé», aprendeu latim para ler a *Suma Teológica*, vive «com os olhos postos no céu, porque é para aí que está a ir», enfim, sabe o que quer e para onde vai - direito seu que, digo eu, ninguém tem o direito de pôr em causa.

De resto, diz-se «um provocador nato» que *gosta* de «apresentar as coisas num estilo rebarbativo», que *gosta* «sempre de ver aquele lado das coisas que as pessoas não viram».

Foram esses *gostos* que o levaram a dividir «as pessoas» em «boas» e «más» e a confessar ser seu desejo maior que

«as pessoas boas» e por quem «tem respeito digam bem» dele e dos seus escritos; e que «as pessoas más» e por quem «não tem respeito digam mal» - mais coisa menos coisa, mas basicamente, era esta a visão que presidia às pirómanas decisões da Santa Inquisição.

Foram esses mesmos *gostos* que o levaram a afirmar que «o professor Cavaco Silva é sem dúvida uma das figuras históricas mais importantes do século XX, em Portugal» - imagine-se o que será a sua lista completa das «figuras históricas mais importantes» em Portugal e no Mundo!

Foram, ainda, os ditos *gostos* que lhe iluminaram o verbo até à revelação de que «a irmã Lúcia é, em Portugal, uma das figuras intelectuais mais influentes», «um instrumento que foi escolhido e criado por Deus para o século XX, em todo o planeta» - aceitemos, com infinita piedade, que os *gostos* de JC das Neves não se discutem...

E foi na qualidade de «provocador nato» e vendo o tal «lado das coisas» que só ele vê, que escreveu o texto que o *DN* de 30/4 deu à luz: qual mensageiro da boa nova, diz-nos ele que «a velha pobreza, aquela doença antiga (...) tem cura». Mais: está em vias de erradicação! O remédio é, garante-nos, «a globalização» em curso, «o desenvolvimento» capitalista que, ao contrário do que pensavam «os velhos marxistas», «não tornou os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres». Apoiar a globalização capitalista e aplaudir os seus critérios de distribuição da riqueza é, assim, o caminho certo e seguro para acabar de vez com a pobreza...

Pena é que a boa nova deste pai dos pobres não chegue às centenas de milhões de pessoas subalimentadas, às dezenas de milhões que morrem de fome todos os anos... às quais apenas chega a piedosa máxima que diz que é preciso que os ricos sejam cada vez mais ricos para poderem dar mais esmolas aos pobres.



Imitação

• Vítor Dias

Imagine-se que também nos tínhamos rendido a esse «must» do jornalismo político que são as colunas de «sobe e desce».

Nesse caso, e sem ninguém a subir, poderia sair algo como segue.

PAULO PORTAS - Uma indignidade a sua mistura de assassinados pelas «FP», siglas e datas para criar o efeito de «vítimas do 25 de Abril». Quem, como o PCP, foi dos principais alvos do terrorismo de extrema-direita e moveu um firme combate político às «FP», tem autoridade para dizer a Paulo Portas que se deixe do «argumento» de que andava de bibe ou no liceu e veja lá se, na sede do Caldas, não encontra uma fotografia de um tal José Esteves ao volante de um carro com Freitas do Amaral ao lado. Ou uns papéis sobre essa associação de beneficência que se deu pelo nome de CODECO (Comandos Operacionais de Defesa da Civilização Ocidental).

OTELO - O 25 de Abril fez 27 anos, mas pelo menos desde há 26 que Otelo mente sobre o PCP. Este obreiro da nossa liberdade que, enquanto tal, sempre respeitámos, voltou agora, enquanto mentiroso compulsivo, a repetir bafientas calúnias contra o PCP, acusando-o de estar na origem da sua prisão, supostamente por medo que lhe roubasse votos nas «legislativas de 84» (que, por sinal, nunca existiram). Pelo meio, esqueceu-se que, entre as presidenciais de 1976

e a sua prisão, já tinha havido as presidenciais de 1980 em que tinha tido o espectacular resultado de 1,48%.

JORGE SAMPAIO - Escolha pouco feliz a de relançar a temática do financiamento dos partidos, designadamente com a defesa de mais elevados limites máximos de despesas eleitorais. Assim tirando o tapete às soluções de contenção do despesismo que justamente tinham sido adoptadas há apenas dez meses. E isto sem falar da duvidosa contribuição para a credibilização dos partidos e da vida política que viria da sua sugestão de transformar os tempos de antena televisivos em «spots» inseridos nos «espaços comerciais» (entre o Ariel e a Superbock, ou entre a TMN e o BCP?).

LUÍS FAZENDA - Segundo o «JN» de 21/4, terá afirmado, na abertura do Congresso do PSR, que o PCP representa uma esquerda «velha, caquética, acabada». E terá qualificado a «a nossa agenda» (a do Bloco) como «a única da esquerda». Se é verdade que Fazenda disse tais coisas, então todo o comentário crítico é supérfluo. Porque salta à vista que a primeira afirmação se insere na «política séria de aproximação das esquerdas» que o Bloco proclama defender (cf. Moção de orientação à II Convenção Nacional). E que a segunda afirmação comprova que é o PCP que tem a mania de apresentar «a CDU como monopólio do espaço de representação à esquerda do PS» (cf. a mesma Moção).



Hoje não vou trabalhar

• Aurélio Santos

Foi bom ouvir este verso cantado na rua, de grito em grito, de braço em braço, de mão em mão, acrescentando: «porque faz anos sou trabalhador!»

Assistimos actualmente a uma grande ofensiva ideológica que tenta diminuir e desvalorizar o trabalho como factor de desenvolvimento e progresso da sociedade humana, como motor civilizacional e elemento essencial do bem-estar comum. Doutas dissertações académicas, concorridos seminários, grossos livros, asseguram que estamos a viver na época do «fim do trabalho».

Fim do trabalho? Então onde iria o capitalismo encontrar a forma de explorar a força de quem, como dizia Marx, só tem para reproduzir a sua força de trabalho? Pelo contrário: o que estamos vendo é o refinamento da velha técnica de enganar: a quanto mais trabalho, maior exploração. Foi assim na parceria rural de longos séculos, que no nosso país só terminou legalmente em 1977, mas continua na prática a existir, estendendo-se

quer à indústria quer aos serviços. Com menos trabalhadores, graças aos enormes aumentos de produtividade dos últimos anos, o capitalismo pensa assegurar os fabulosos lucros actuais.

As teses sobre o fim do trabalho servem de pano de fundo a uma grande ofensiva contra os direitos dos trabalhadores, visando criar um clima de desvalorização do trabalho humano, que na maior parte do planeta vai perdendo condições de vida, deixando os trabalhadores submetidos à compressão do exército da reserva do desemprego, que permite ao capital o esmagamento de salários, e quantas vezes, de direitos essenciais à vida de quem trabalha.

Há filósofos capitalistas ou pseudopensadores que como alunos de primeira classe atrasada ainda não compreenderam que o que isto comprova é a necessidade de pôr fim ao capitalismo.

Não é por acaso que o próprio Banco Mundial, um dos principais instrumentos do alastramento da miséria no mundo, publica agora alarmados relatórios avisando que a pobreza duplicou à escala mundial nos últimos dez anos

e que metade da humanidade vive agora em condições de indigência total, com menos de 220 escudos por dia.

Arrependidos? Não! Apenas medo que as fomes e os desesperos se transformem em revoltas que ponham em causa a continuação do sistema explorador dos trabalhadores e violador dos direitos humanos ao serviço do qual se encontram.

Só os trabalhadores, com a sua luta, em cada país e em todo o mundo - os «proletários de todos os países» -, poderão impor as medidas que não afastem mais a humanidade do seu percurso. E isto clama um grito social que precisa de ser dado: não é o trabalho que acaba - é a exploração dos trabalhadores que tem de acabar!

À ronda pelo mundo, andou neste 1.º de Maio, uma vez mais, uma manifestação. Em climas diferentes, mas com milhões de mãos. E o trabalho dessas mãos faz um ruído fundo que diz com orgulho: ganhámos o dia!



Frases

“Mas alguém se lembra de como começou o processo das FP-25? Pois foi levado a São Bento, com a lista de gente a prender e tudo e reza a história que Mário Soares, ao ver o nome de Dias Lourenço, mandou dar fogo à peça, crente de que, finalmente, tinha o PCP na mão. Enganou-se - e foi enganado. O Dias Lourenço não era o do PCP - e não lhe falaram de suspeitas sobre Otelo.”

(Oscar Mascarenhas, *Diário de Notícias*, 25.04.01)

“Noutros países menos nervosos [que Portugal], o arrependido não faz prova de coisa nenhuma: dá à polícia e aos investigadores os indícios e as pistas para que sejam estes a fazer a prova. É que um arrependido-arguido (...) tem interesse na causa e a sua sorte depende da medida em que conseguir incriminar outros.”

(idem, *ibidem*)

“Na primeira volta deste campeonato tonto [das FP-25], foram todos condenados com base nos depoimentos dos arrependidos. Mas foi tudo passado à esponja, começou de novo - e já o testemunho dos arrependidos não fez prova. Contra os outros. Mas serviu de prova contra os próprios arrependidos, que se auto-incriminaram!”

(idem, *ibidem*)

“Quanto a Otelo, os inimigos de Abril já obtiveram a melhor e mais chocarreira desforra: viram-no vender-se ao sistema de corpo e alma, (em)prestando-se, como actor de si próprio, a rebolar com uma pèga da noite e esquecer-se da revolução que fizeram a maldade de lhe dizer que era dele.”

(idem, *ibidem*)

“Há heróis que deveriam estar conservados num frasco de formol e Otelo é um deles. Pela revolução que ajudou a pensar e a executar, o tenente-coronel tinha a obrigação de nos poupar ao decadente espectáculo que tem protagonizado»

(Miguel Coutinho, *Focus*, 29.04.01)

“Não é muito cristão aproveitar a nota pastoral [da Conferência Episcopal Portuguesa] para zurzir no poder socialista quando está vulnerável e em retirada. E quando, no caso da liberdade religiosa, até já recuara mais do que a Igreja Católica esperaria que recuasse.”

(José António Lima, *Expresso*, 28.04.01)

“São abissais as diferenças entre o Estado Novo derrubado em 1974 e a II República em que vivemos há 27 anos. Mas ainda há, pelo menos, duas semelhanças que teimam em persistir: a Concordata com o Vaticano e a sinistralidade rodoviária.”

(Alfredo Barroso, *idem*)

“[A nota pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa] é um texto de rara violência. Parágrafos há diante dos quais se pode legitimamente perguntar se os esbirros do Governo já fecharam um convento ou proibiram as procissões.”

(António Barreto, *Público*, 29.04.01)

“A isenção não é das marcas de qualidade da RTP.”

(António Costa, ministro da Justiça, *Diário de Notícias*, 26.04.01)

“Eu fico sempre surpreendido por ver tantos ministros a participarem tantas horas em programas de televisão.”

(Rui Vilar, *Público*, 29.04.01)



1.º de Maio da CGTP responde com a acção a uma necessidade dos trabalhadores e um interesse do País

Lutar para mudar

Ao cenário negro pintado pelos porta-vozes da União Europeia, do FMI e do Governo, para justificar a velha receita da «moderação» salarial, a Inter contrapõe a verdade, a determinação, a firmeza e a luta pela redução dos horários de trabalho, por melhores salários e pensões, contra o agravamento da exploração e das desigualdades.

Por estes valores saíram à rua muitos milhares de trabalhadores em 54 manifestações e desfiles, as iniciativas de maior destaque nas comemorações do Dia Internacional do Trabalhador, promovidas pela CGTP-IN no continente e nas regiões autónomas.

O número foi avançado por Manuel Carvalho da Silva, ao iniciar a sua intervenção na Alameda D. Afonso Henriques, enquanto continuavam a chegar muitos dos participantes no desfile que partiu do Martim Moniz e encheu a Avenida Almirante Reis.

O secretário-geral da CGTP começou por referir que a central assinala este 1.º de Maio «com a alegria, a determinação e a confiança que são apanágio dos homens e mulheres que sabem honrar

aqueles que nos antecederam nas grandes lutas operárias e sindicais», por uma sociedade de paz, progresso e justiça social, assente na igualdade, fraternidade e solidariedade e sem opressão nem exploração. Saudou «todos os que, por esse mundo fora, comemoram o 1.º de Maio irmanados» naqueles ideais e chamou a atenção para os «sinais de luta» que surgem em vários países.

A guerra da Comissão

Foram duramente criticadas as recentes declarações da Comissão Europeia, confirmando a derrapagem do défice orçamental e da dívida pública e deitando por terra as previsões do Governo português sobre inflação e sobre

crescimento da economia (na linha do que já tinha feito o Fundo Monetário Internacional). «Tal análise vem confirmar a falência do modelo de competitividade seguido», comentou Carvalho da Silva, alertando que «as sentenças e recados ditados pelo FMI e pela Comissão» apenas visam «aumentar os níveis de lucro do capital, chamando a isso crescimento económico».

«Pela manipulação da análise, pela injustiça destas propostas e pela submissão que o Governo tem demonstrado face aos ditames da UE, estamos perante uma verdadeira declaração de guerra aos trabalhadores e um atentado à inteligência dos portugueses», protestou o secretário-geral da CGTP. «A receita habitual» repete-se, com o apelo a moderação salarial, redução das despesas sociais, mais precariedade e até o prenúncio de aumento do desemprego — o que, para a Intersindical Nacional, «são os recados que a maioria dos patrões e capitalistas portugueses quer ouvir, pois assim podem con-

tinuar a encher os bolsos, sem se preocuparem com o investimento, com a qualificação dos trabalhadores ou com as melhorias da organização das empresas».

Carvalho da Silva considerou «um escândalo» que um Comissário tenha dito, na semana passada, que o défice público português se deve a um agravamento das despesas com a saúde e a Segurança Social, pois para as elevadas despesas da saúde «contribuem essencialmente as centenas de milhões de contos que são anualmente canalizados para os lobbies privados». Por outro lado, «é uma mentira que o agravamento do défice também resulte das despesas com a Segurança Social», já que as contas são independentes e «tem sido muitas vezes o orçamento da Segurança Social, que é feito com as contribuições dos trabalhadores, a subsidiar as despesas gerais do Estado». Nestas circunstâncias, é também escandaloso que o Governo não desmintira o Comissário.

Uma jornada nacional de protesto e luta foi anunciada para 7 de Junho

tira que o agravamento do défice também resulte das despesas com a Segurança Social», já que as contas são independentes e «tem sido muitas vezes o orçamento da Segurança Social, que é feito com as contribuições dos trabalhadores, a subsidiar as despesas gerais do Estado». Nestas circunstâncias, é também escandaloso que o Governo não desmintira o Comissário.

Resposta à ladainha

«Denunciar a desinformação sobre as causas da inflação, rechazar a chantagem sobre os trabalhadores e exigir e lutar por melhores salários» é o caminho apontado pela CGTP contra a «ladainha da moderação salarial». Ouviram-se mais aplausos na Alameda — com sol a brilhar durante a manifestação e o comício, depois de um aguaceiro forte ter caído à hora de almoço —, quando Carvalho da Silva lembrou que, em 1999, os trabalhadores por conta de outrem pagaram, em média, 30 vezes mais IRS que os empresários.

O secretário-geral da CGTP acusou o executivo de Guterres e do PS de «hipocrisia e má-fé», por ter apontado uma taxa de inflação de 2 por cento, que sabia irrealista mas serviu «para politicamente credibilizar o OE perante a opinião pública e para pressionar por baixo o crescimento dos salários» no Estado e nas empresas privadas.

A CGTP reclama «uma política nova e diferen-

te», que não se fique por «meras alternâncias de governantes» e produza mudanças efectivas no combate à violação dos direitos laborais e sindicais, ao trabalho clandestino e ilegal, à «tragédia nacional dos acidentes de trabalho», à precariedade de emprego; que garanta emprego de qualidade aos jovens e que trave as pressões patronais para rescisões de contratos e antecipação de reformas; que assegure iguais salários e direitos para os imigrantes; que valorize e faça funcionar os serviços públicos e dignifique os trabalhadores da Administração Pública.

«O País precisa de mudanças, vamos lutar por elas!» — o apelo da CGTP, concretizado neste 1.º de Maio, como sucede na acção de todos os dias, nos vários sectores, regiões, empresas e serviços, tem um novo ponto alto já marcado para 7 de Junho, dia de «uma grande jornada de protesto e luta, com paralisações e manifestações por todo o País, fazendo convergir em objectivos comuns a acção reivindicativa dos trabalhadores», anunciou Carvalho da Silva



Identificação

Entraram em greve na segunda-feira os trabalhadores da Direcção de Serviços de Identificação Civil, que já tinham paralisado no dia 23 de Abril, com uma adesão superior a 95 por cento, conforme informou a Federação Nacional de Sindicatos da Função Pública, adiantando que apenas tinham trabalhado 5 dos 200 funcionários de Lisboa, Porto e Coimbra. Em luta pela transição para a carreira de Registos e Notariado, os trabalhadores exigem ainda que sejam integrados nos quadros os camaradas que estavam com vínculos precários e foram recentemente despedidos. Depois das paralisações parciais de quatro horas, no dia 30, está prevista uma greve de 24 horas para 7 de Maio.

4 por cento

Em Faro foram concluídas a 24 de Abril as negociações entre o Sindicato da Hotelaria e a Fesaht/CGTP, por um lado, e a associação patronal AIHSA, ficando acordados valores «ligeiramente acima dos 4 por cento, em termos globais, com aplicação a 1 de Janeiro». Um comunicado de imprensa do sindicato refere que «são mantidos todos os demais direitos e regalias, constantes do nosso contrato», apontado como «uma das melhores convenções laborais a nível nacional, em termos sociais». O resultado «é insuficiente», mas «só foi conseguido com o empenho de todos», pelo que «temos que encontrar outras soluções para continuar a melhorar as nossas condições de vida e de trabalho», designadamente e «desde já», com a «mobilização de todos os trabalhadores em geral e nas várias empresas».

PT Lucros

Nem são autênticos, nem vão ser distribuídos, os lucros do Grupo Portugal Telecom, protesta a Comissão de Trabalhadores da PT. Comentando as decisões da Assembleia de accionistas, dia 24 de Abril, a CT afirma que os lucros apresentados, superiores a 108 milhões de contos, «não são receitas operacionais, mas resultado de engenharia financeira», com 99 milhões de operações financeiras. É referido ainda o grande aumento das despesas com fornecedores externos (64 milhões em 1999, para 151 milhões em 2000). Com o aval do accionista Estado, foi alargado para 10 por cento o limite da participação da espanhola Telefonica (era de 5 por cento), que passou a contar com 2 administradores no grupo, e foi decidido canalizar para negócios no exterior cerca de 37 milhões de contos que poderiam ser distribuídos a accionistas, administradores e trabalhadores. A CT exige agora «transparência e justiça» na atribuição de um prémio até 125 contos, anunciado pela PT Comunicações.

Transportes urbanos municipais

Regresso à greve

Os trabalhadores dos transportes urbanos colectivos municipais vão estar em greve hoje e amanhã, responsabilizando o secretário de Estado da Administração Local pelos prejuízos causados aos utentes.

No último dia da greve realizada a 28 e 29 de Março, aquele governante declarou, perante representantes do STAL/CGTP, que já tinha sido elaborado um projecto de diploma destinado a resolver os problemas colocados – e que têm a ver, designadamente, com correcção de injustiças nas carreiras profissionais, definição do conteúdo funcional da carreira de revisor, regulamentação do suplemento de insalubridade, penosidade e risco, como lembra o sindicato, numa

nota de imprensa em que dá conta da entrega de um manifesto, dia 26 de Abril, na Secretaria de Estado de José Augusto Carvalho, chamando também à responsabilidade do ministro José Sócrates.

É por culpa do Governo que os transportes urbanos municipais vão parar novamente

O sindicato contesta o argumento de que o falado anteprojecto estaria a aguardar pareceres de outros departamentos governamentais, com que o secretário de Estado procurou justificar o facto de, um mês depois da reunião com o STAL, ainda não ter dado conhecimento de qualquer

texto. «O alegado anteprojecto apenas parece existir na palavra do senhor secretário de Estado», estranha o sindicato, recordando que semelhante episódio «nunca se verificou em anteriores processos negociais». Assim, afirma o STAL, «estamos perante uma inqualificável tentativa de alijamento das responsabilidades da secretaria de Estado da Administração Local, que adia mais uma vez a solução dos problemas dos trabalhadores e os obriga à nova greve de 3 e 4 de Maio».

Ao mesmo tempo que reafirma «a disponibilidade negociada que tem vindo a assumir ao longo deste processo», a direcção do sindicato repudia «o comportamento do Governo, que manifesta cada vez mais tiques de autoritarismo, arrogância e indisponibilidade negociada».

Privados

O plenário de sindicatos da Festru decidiu na semana passada convocar para dia 7, segunda-feira, uma nova greve de 24 horas nas empresas privadas de transporte de passageiros. Numa reunião realizada seis dias depois da greve de 20 de Abril, a associação patronal «persistiu no bloqueio à negociação, demonstrativo de uma injustificada falta de respeito por quem trabalha». No dia da greve terá lugar uma manifestação frente à sede da Antrop, no Porto.

A federação sindical acusa os representantes patronais de pretender «manter salários baixos, não respeitando os direitos dos trabalhadores, particularmente o pagamento do subsídio de agente único, que foi adulterado, arrecadando o patronato milhares de contos que são dos trabalhadores».

Por mais segurança

Para exigir medidas efectivas para garantir a segurança dos motoristas de transportes públicos, a Festru/CGTP promoveu na semana passada uma conferência de imprensa no Terreiro do Paço. O Governo e as administrações das empresas «parecem

mais virados para deixar andar e preparam-se para, mais uma vez, fazerem recair as consequências desta situação inaceitável em cima dos utentes, normalmente as pessoas menos favorecidas e mais carenciadas» e que, por isso, são as mais afectadas pelas

lutas dos trabalhadores, acusa a federação. A par do protesto contra a falta de segurança – matéria do âmbito das empresas, no quadro da garantia de condições de trabalho, e também competência do Governo, no quadro da política de segurança pública – a Festru apresentou ainda uma série de propostas de medidas concretas, incluídas numa carta-aberta que foi nessa tarde entregue no Ministério de Nuno Severiano Teixeira, a quem a federação pediu uma urgente audiência.

Na iniciativa pública participaram trabalhadores da Carris, Metro, Vimeca, Stagecoach, Rodoviárias de Lisboa e da Estremadura, Belos, Transportes Sul do Tejo, Covas & Filhos, Barraqueiro e taxistas.



As propostas e reivindicações foram levadas em mão ao Ministério da Administração Interna

Novo compromisso após luta nas escolas

Na passada sexta-feira, dia de greve nacional com uma adesão entre 80 e 85 por cento, cerca de 2 mil trabalhadores não docentes do ensino básico e secundário concentraram-se frente ao Ministério da Educação, em Lisboa, para reivindicar a revalorização das carreiras, disse um dirigente da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública à Agência Lusa. Artur Sequeira revelou que os trabalhadores obtiveram a promessa de que a secretária de Estado da Administração Educativa se reunirá com a FNSFP/CGTP até dia 7 de Maio, para apresentar os quadros regionais.

Considerados fundamentais para que possam ser abertos concursos de acesso, os quadros regionais são outra das reivindicações que levaram à paralisação destes profissionais e que teve como

consequência o encerramento de muitas escolas por todo o País. «O Ministério da Educação é o único culpado de esta greve, já que foi avisado várias vezes de que os trabalhadores não docentes não aguentavam muito mais tempo a situação que se arrasta há muitos anos e que reflecte a inércia da tutela», sublinhou o sindicalista.

Caso o Ministério não aceite a transferência automática para a nova carreira, a federação e os trabalhadores afirmam que não desistem e voltarão à luta. «O novo regime jurídico, negociado durante quatro anos entre a FNSFP e o ME, saiu em 1999 e definia que o Ministério tinha 90 dias para regulamentar as portariças dos quadros regionais, fundamentais para que possam ser abertos concursos de acesso», mas «até agora, nada foi apresentado».

Grande adesão na refinaria de Sines

Os trabalhadores de turnos de laboração contínua da refinaria de Sines da Petrogal entraram em greve quinta-feira, com uma adesão superior a 80 por cento, que na sexta-feira atingiu 95 por cento – de acordo com o Sinqüifa e a Fequimetal/CGTP.

Nos próximos dias vai ser convocado um plenário de trabalhadores, para analisar o prosseguimento da luta por um aumento salarial mínimo de 15 contos, pelo aumento do subsídio de turno e pela melhoria de outras condições, adiantou o sindicato. Num comunicado em que saudou o êxito da luta, «bem evidenciado na paragem de todas as unidades produtivas, no encerramento do Parque de Abastecimento de carros-tanque, na suspensão das operações de carga e descarga de navios e do pipe-line Sines-

-Aveiras», o Sinqüifa protestou contra os aumentos «brutais» que foram decididos «sigilosamente» pela administração, contemplando algumas dezenas de quadros com acréscimos de centenas de contos, que chegam a duplicar os vencimentos até agora auferidos. Esta decisão é classificada como «uma verdadeira provocação», a exigir resposta adequada.

Para o sucesso da greve de 26 e 27 de Abril o sindicato considerou determinante «o forte espírito de unidade dos trabalhadores em torno das suas justas e fundadas reivindicações» e, enaltecendo «o papel importante de todos os que participaram na luta», realçou «a adesão maciça dos jovens trabalhadores que, pela primeira vez, puderam dar o seu contributo efectivo».

Portucel Recicla

Até amanhã a administração da Gescartão deveria deslocar-se a Mourão, para reunir com a comissão de trabalhadores da Portucel Recicla e responder às reivindicações colocadas face ao encerramento da empresa, no final da semana passada. O compromisso foi assumido na sexta-feira, depois de os trabalhadores terem voltado a reunir em plenário, informou o Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa, num comunicado em que desmente que no dia 26 tenha havido qualquer sequestro de um administrador.

O pessoal da Portucel Recicla, cujo encerramento estava previsto no quadro da construção da barragem do Alqueva, reclama garantias de pagamento de todas as remunerações, como se estivessem em actividade. «A administração não apresentou posições que respondessem positivamente àquilo que os trabalhadores pretendem e deu mostras de não querer respeitar os direitos nem cumprir as obrigações assumidas no processo de privatização», afirma o sindicato, acusando o Governo de também não ter feito o que lhe competia: «fiscalizar e exigir da administração o rigoroso cumprimento dos compromissos».

Representantes da administração prometeram estar em Mourão entre os dias 2 e 4 de Maio, para procurar desbloquear o conflito, mas o sindicato admite novas formas de luta. Lembrando que a empresa recebeu 5 milhões de contos de indemnização e 800 mil contos para salários e formação, o sindicato lamenta que a administração não assumia as suas responsabilidades pelo atraso na construção da nova fábrica, que também provoca dificuldades noutros sectores.

Palco CCB

Na Festa da Música de sexta-feira, sábado e domingo passados, os técnicos de palco do Centro Cultural de Belém decidiram entrar em greve, depois de a administração da Fundação ter encerrado unilateralmente as negociações. Mário Pegado, do Sindicato dos Trabalhadores dos Espectáculos, disse à Lusa que a administração do CCB anunciou a intenção de manter as posições anteriores, através de um fax enviado ao final da tarde de quinta-feira, no qual não se pronunciava sobre as questões legais que estão na origem da greve, relativas aos horários de trabalho e descansos semanais dos trabalhadores. O sindicato refere que a administração do CCB remeteu a sua discussão para posteriores negociações, mas considera despropositada a intenção de negociar o que está previsto na lei. Se a posição da administração não se alterar, o sindicato convocará novas formas de luta.

O «não prémio»

Na Quimigal do Grupo Melo só não foi atribuído um prémio de gestão aos trabalhadores que recusaram subscrever um acordo ilegal e recorreram ao tribunal para salvaguarda dos seus legítimos direitos – denunciou o Sinorquifa/CGTP, num comunicado em que volta a lembrar que o Tribunal de Trabalho de Oliveira de Azeiteis declarou que o Acordo de Empresa de 1981 se mantém «aplicável», mesmo depois da privatização. «É esta realidade que incomoda os senhores administradores, que assim mostram uma incompatibilidade com os valores da justiça e da igualdade constitucionalmente consagrados», acusa o sindicato, que afirma a sua confiança em que, «mais cedo do que tarde, a justiça será reposta e a legalidade será cumprida». Ao mesmo tempo que afirma a intenção de levar «a atitude prepotente e persecutória da administração da Quimigal» aos órgãos de soberania nacionais e ao Tribunal Europeu, o Sinorquifa apela à resistência dos trabalhadores e à sua sindicalização.

José Alho

O Sindicato dos Jornalistas expressou solidariedade ao cabo José Alho e à Associação dos Profissionais da Guarda, considerando que «medidas disciplinares determinadas em razão do exercício de um mandato de representação não só tendem a fazer recuar dirigentes associativos para a trincheira das fontes anónimas, o que é inaceitável no contexto de liberdade que vivemos há 27 anos, mas também põem em risco a própria liberdade de expressão».

A mensagem de solidariedade foi divulgada sábado, quando profissionais da GNR se reuniram em solidariedade para com aquele dirigente da APG, alvo de procedimento disciplinar, por ter prestado declarações a jornalistas em nome dos representados pela associação e interpretando os sentimentos e opiniões dos seus camaradas.

ROL condenada

A «indesculpável teimosia» da administração da ROL voltou a ser condenada no Tribunal de Trabalho de Caldas da Rainha, revelou o Sindicato dos Metalúrgicos de Coimbra e Leiria. Em causa está a redução do horário de trabalho no regime de dois turnos, com contagem do intervalo para refeição, como sucede com os demais trabalhadores. O processo agora julgado, onde a administração da empresa já recuou nos argumentos anteriormente apresentados, declara como tempo de serviço retribuído os 30 minutos de intervalo em cada turno e condena a empresa a pagar 900 contos ao trabalhador e mais 160 contos de multa.

Agressões, ameaças e buscas nas empresas

Onde estavam eles no 25 de Abril?

Ao fim de 27 anos, há patrões que ignoram a implantação da democracia em Portugal e recorrem às mais violentas formas de repressão. Na Tabaqueira os trabalhadores são revistados... à entrada.

Na semana de 26 de Abril até hoje, a administração da Tabaqueira/Philip Morris mandou proceder a revistas às viaturas dos trabalhadores e aos próprios trabalhadores, quando da sua entrada no recinto da empresa – denunciou o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação do Sul e Tabacos.

A democracia não é aceite pelo patrão, mesmo ficando à porta da empresa

Em nota à imprensa, o STI-AST/CGTP recorda que «desde sempre os trabalhadores têm tido livre acesso ao parque de estacionamento da empresa» e classifica como «muito estranho» o facto de a Tabaqueira encarar «todos os trabalhadores como potenciais criminosos», tanto mais que tal sucedeu «durante o período em que se assinala o 25 de Abril e o 1.º de Maio».

No dia 26 de Abril, três trabalhadores da construção civil apresentaram queixa na esquadra de Câmara de Lobos contra o subempregado, por este os ter ameaçado de morte com uma arma de fogo e um martelo eléctrico.

O caso foi confirmado à Agência Lusa por um subintendente da PSP, segundo o

qual a denúncia foi efectuada por três homens, um brasileiro e dois portugueses, aconselhados pelos responsáveis do sindicato do sector na RA dos Açores.

Diamantino Alturas – coordenador da estrutura sindical da CGTP, que tem denunciado situações de tráfico de mão-de-obra e outras ilegalidades na Re-

gião – adiantou que o caso envolve cerca de 11 trabalhadores, dez brasileiros e um português, de uma obra no concelho de Câmara de Lobos, os quais não recebem salários há mês e meio, motivo que estará na origem das ameaças do subempregado. O dirigente entende que o indivíduo «não tem capacidade» para ser responsável e lembrou que não foi esta a primeira vez que se registaram incidentes deste tipo.

José Rui Felizardo, patrão da fábrica de malhas Blutex, agrediu com uma coronha de caçadeira dirigentes sindicais à porta da empresa, na zona industrial de Alto de Pega, em Vila do Conde. De acordo com o Sindicato dos Têxteis, Vestuário, Calçado e



A festa da liberdade conquistada prossegue hoje na resistência a novas formas de pressão patronal e a atitudes repressivas tão velhas quanto escandalosas

Curtumes do Distrito do Porto, a agressão teve lugar dia 19 de Abril, em dois «episódios»:

- durante o intervalo de almoço, dois dirigentes daquele sindicato distribuíam aos trabalhadores um documento sobre a importância de estar sindicalizado; Felizardo, «profundamente incomodado por ter o sindicato à porta da empresa, dirigiu palavras insultuosas e ameaçou agredir fisicamente», mas os sindicalistas não responderam às provocações e saíram do local, de onde se acabou também por retirar o patrão;

- minutos depois, outros

dois dirigentes sindicais passam pela Blutex e dirigem-se aos trabalhadores para perguntar pelos seus camaradas, com quem iam ali encontrar-se; nesta altura «são surpreendidos por um jipe em alta velocidade, que obriga um dirigente a saltar para o passeio, para evitar ser atropelado»; do jipe sai Felizardo, «munido de uma coronha de caçadeira, e começa a agredir o dirigente sindical»; «a outra dirigente procura evitar a agressão» ao seu camarada e «imediatamente foi agarrada pelo pescoço pelo sr. José Rui Felizardo, tudo isto acompanhado pelos mais graves insultos».

«Se isto é assim fora de portas, o que se passa dentro da empresa?», questiona o Sintevec/CGTP na nota de imprensa em que denunciou este caso. O sindicato revela ainda o patrão da Blutex, «tal como um Big Brother industrial, tem câmaras de vídeo nas várias secções para filmar os seus trabalhadores».

A direcção do sindicato conclui que «não é porque este senhor não gosta» de sindicatos que vai desistir e reafirma que «é também porque continuam a existir patrões (felizmente poucos) capazes desta violência, que não nos calaremos».

O caso exemplar do grande comércio

Os grandes grupos da distribuição comercial são apontados pelo CESP/CGTP como «os principais protagonistas de generalizadas práticas sociais, violadores e desrespeitadores dos mais elementares direitos dos trabalhadores».

O sindicato convocou para ontem uma conferência de imprensa, com o objectivo de apontar casos concretos de uma situação que atinge os trabalhadores de praticamente

te todas as grandes superfícies, onde os direitos de quem trabalha valem menos do que os resultados pretendidos pelos grupos económicos. São desrespeitadas normas eleitorais, como o CESP tem denunciado.

Há cerca de um ano, foi divulgado um rol de gritantes irregularidades. O Grupo Sonae era acusado de impor férias repartidas e em datas incontestáveis; tinha um

director que se arrogava o direito de ler e censurar a informação sindical, antes de autorizar a sua distribuição e afixação; discriminava as trabalhadoras que decidissem casar e engravidar; controlava as idas à casa de banho... Nas lojas do Feira Nova, a peixaria servia como local de castigo para quem ousasse contestar ou reclamar, enquanto operadoras de caixa eram forçadas a fazer 4 ou 5

horas seguidas, sem poderem ir aos sanitários. Eram ainda referidos o Carrefour, o Lidl, o Intermarché, o Pingo Doce, o grupo Auchan...

Passam imunes

Agora, esta «anormalidade do Estado democrático» mantém-se e os direitos dos trabalhadores ficam à porta das empresas, «excepto naquelas onde à força os impõem». Sucede que o problema «tem muito pouco eco na comunicação social e na opinião pública» e «os seus protagonistas passam normalmente imunes à censura social que, a existir, teria reflexos especialmente na imagem e nas vendas», afirma o sindicato.

Entre os problemas referidos pelo sindicato, destacam-se irregularidades no cálculo de remunerações, elevada precariedade e fuga a pagamentos à Segurança Social.

No cálculo do subsídio de férias e do salário correspondente ao mês de férias, por exemplo, são geralmente excluídos o trabalho nocturno, o trabalho suplementar, o trabalho em dias feriados e

domingos. Estima o CESP que fiquem por pagar mais de 10 milhões de contos aos trabalhadores e mais de 2 milhões de contos à Segurança Social.

A precariedade de emprego atinge na grande distribuição uma média de 46 por cento, que representa mais do dobro da já elevada média nacional. Nos «picos» das vendas, este valor chega a ultrapassar os 80 por cento. Dos contratados a termo, afirma o sindicato, apenas 7 por cento passam a efectivos. Os despedidos, por rescisão de contratos a termo (cerca de 22 mil por ano), são ainda gravemente prejudicados no cálculo das compensações, engordando os lucros das empresas em mais cerca de 3 milhões de contos.

O não pagamento do trabalho suplementar, acusa o sindicato, motiva uma tripla burla: as empresas não pagam em dinheiro, com o acréscimo de 100 por cento imposto por lei; não pagam os efeitos desse trabalho nas retribuições das férias e Natal; e não fazem os devidos descontos para a Segurança Social.



O CESP exige a actuação conjugada do Governo e das inspecções, e vai continuar a agir junto das empresas, da justiça, da opinião pública e dos trabalhadores

O caso do urânio desaparecido

• João Amaral

A Comissão Científica, que analisou a possível contaminação de soldados portugueses com urânio empobrecido no Kosovo, já apresentou o seu relatório final, concluindo não ter encontrado indícios de contaminação ou situações que mostrassem a possibilidade de ela ter ocorrido. Em consequência, a Comissão não atribui nenhuma das patologias ocorridas ao contacto com o urânio empobrecido. O facto de nenhum soldado português estar contaminado só pode causar satisfação.

É certo que se ouviram vozes de cientistas a argumentarem que a ética do raciocínio científico não permite passar sem mais da frase "não foi encontrado" para a frase «não existe», o que, aplicado ao caso, significa que aquelas conclusões têm de ser relativizadas com uma frase como «face às informações e nível de conhecimentos de que a Comissão dispôs».

É sabido também que o rastreio dos militares acabou por não envolver a totalidade mas só uma parte inferior a

equipamento, nós poderíamos ir mais longe nas análises que estamos a fazer e o País ganharia uma ferramenta de que não dispõe hoje.»

A espectrometria de massa não é a lua, é uma ferramenta que permitiria ir mais longe nas análises.

Apesar destas reservas, é reconfortante ouvir que não há problemas de saúde por esta razão com os nossos militares. Mas... o problema do uso militar do urânio empobrecido fica resolvido? Não. É necessário desfazer essa confusão. Será verdade que não há problemas com os nossos soldados. Mas a Comissão Científica não pode afirmar que o uso do urânio empobrecido é irrelevante para a saúde, de militares ou dos civis que vivam nas áreas. As dez toneladas de urânio empobrecido despejadas sobre o Kosovo não se desmaterializaram.

Aliás, o Chefe da Comissão Científica teve de o reconhecer no Parlamento:

«O período de semivida do urânio 238 é de 10 à nona, ou seja, de 10 milhões de anos. Pouco importa se o urânio esteve, na altura do conflito do Kosovo, sob a forma de um aerossol e

se depois a chuva o depositou no chão, na superfície de uma couve ou se o enterrou. Desde que nós tenhamos colhido as amostras certas, ele lá estará para nós o medirmos.»

Afinal, o urânio não desapareceu porque não pode desaparecer, e, para o encontrar, basta ter colhido as amostras certas. A charada do urânio desaparecido resolve-se como nos romances policiais, basta seguir a pista certa.

Por isso, o Governo português, como os governos dos países que usam estas munições ou podem ser vítimas delas, não pode considerar este caso arquivado. O urânio empobrecido é radioactivo e é pirofórico, resultando da sua inflamação dois óxidos, um

insolúvel na água e outro solúvel, sendo particularmente perigoso a inalação do insolúvel e a ingestão do solúvel, tornando-se uma arma de acção indiscriminada e de efeitos químicos e radiológicos.

A Comissão ouviu as muito bem fundamentadas explicações de cientistas, em especial do Doutor Eng. Frederico de Carvalho, do Prof. Doutor José António Salcedo e do Prof. Doutor Delgado Domingues. Quem as questiona na área científica? Ninguém.

Houve quem usasse o facto de não haver consenso, quanto à prova de relação causa e efeito, para induzir que não havia razões para alarme. Mas uma alta entidade militar que seguiu esse caminho acabou a afirmar que «há patologias que só podem revelar algum aumento passados mais de dez anos».

A exigência de proibição do uso militar do urânio empobrecido tem acrescida fundamentação.

É uma obrigação das forças de progresso humano a de lutarem por essa proibição.



Continua a valer a pena lutar pelos valores e ideais que fizeram o 25 de Abril

Sessão solene no Parlamento evoca os valores da liberdade e da democracia

Abril está vivo

Foi com uma sessão solene que o Parlamento assinalou, duplamente, o 27.º aniversário do 25 de Abril e o 25.º aniversário da Constituição. Uma convergência saudada por palavras de apreço aos valores que estiveram na base do acto fundador da democracia e da Lei Fundamental que dela resultou.

No decorrer da cerimónia, a que assistiram numerosas individualidades, entre as quais muitos «capitães de Abril», intervieram representantes de todas as bancadas parlamentares, bem como Almeida Santos e Jorge Sampaio.

A reter do discurso do Presidente da República importa sobretudo a referência a um tema que lhe tem sido caro desde a reeleição e que tem a ver com imperativos de maior cidadania e participação. «Sejamos exigentes, sejamos insatisfeitos. Sejamos exigentes para não perder o que já alcançámos. Sejamos insatisfeitos para melhorar o que ainda não está bem», sublinhou.

O Presidente da Assembleia da República, por seu turno, não poupou elogios ao trabalho dos constituintes. Evocou, designadamente, o mérito de «terem sido capazes de nos legar a Constituição», carta magna que «reflete o melhor espírito de Abril».

Também o deputado António Filipe, falando em nome da bancada comunista, homenageou os legítimos representantes do povo que, em 1976, souberam «afirmar

a decisão do povo português de defender a independência nacional, garantir os direitos fundamentais dos cidadãos, estabelecer os princípios basilares da democracia, assegurar o primado do Estado de direito democrático e abrir caminho para uma sociedade socialista, no respeito da vontade do povo português».

Constituição da República em relação à qual o deputado do PCP afirmou ter dúvidas se haverá em qualquer outra parte do mundo um texto idêntico que tenha sido capaz de «elevar ao nível de uma Lei Fundamental, e com uma qualidade técnica a todos os títulos notável, um conjunto tão amplo e significativo de direitos, liberdades, garantias e aspirações de progresso económico e social do povo em cuja representação foi elaborado».

Foram por isso inevitáveis as críticas que António Filipe não pôde deixar de tecer a quantos, ao longo destes 25 anos, através de sucessivos processos de revisão, introduziram alterações que eliminaram muitas das «características originais da Constituição». É que o resultado

dessa evolução, por si classificada de «globalmente negativa», traduziu-se em «sucessivos empobrecimentos da democracia nos planos político, económico, social e cultural».

Situação que de novo se avizinha com a revisão extraordinária já iniciada, processo este que, no entender de António Filipe, volta a «dar cobertura a compromissos que foram internacionalmente assumidos pelo Governo apesar de contrariarem disposições constitucionais». Desta vez com a agravante, sublinhou, de «a aceitação que é proposta, ainda que indirectamente, da pena de prisão perpétua na ordem jurídica portuguesa, representar um grave retrocesso civilizacional, num país em que a extinção dessa sanção penal remonta ao século XIX».

Mas apesar do momento ser de «desencanto e descrença» para muitos portugueses, face ao «incumprimento de promessas» e ao «defraudar de expectativas», há razões, na perspectiva do PCP, para confiança. Porque «Abril está vivo», sustentou, e são muitos os que não se conformam com o actual estado das coisas e continuam a «afirmar convictamente, não apenas que Abril valeu a pena, mas, acima de tudo, que continua a valer a pena lutar pelos valores e pelos ideais que fizeram o 25 de Abril, que marcaram indelévelmente o texto constitucional e que continuam a ser bandeiras de luta do povo português por mais democracia e mais progresso social».



metade dos que estiveram na Bósnia e Kosovo.

Acresce que alguns cientistas questionam a técnica usada no rastreio. Vale a pena citar o que disse o chefe da Comissão Científica, Prof. Fernando Carvalho, à Comissão Parlamentar de Defesa:

«Espectrometria de massa seria ou não uma técnica adequada? Seria sim senhor, a adequada. A que nós estamos a utilizar é essencialmente espectroscopia alfa, que é muito apropriada para os isótopos radioactivos do urânio, mas, a espectrometria de massa seria muito apropriada. Aliás, há vários anos que andamos a tentar obter o financiamento necessário para adquirir esse equipamento. Estou a referir-me a uma espectrometria de massa de alta resolução. Ela não existe no País e, como disse há pouco, nós adoptamos a atitude de fazer o que há a fazer com os meios existentes, sem primeiro pedir a lua para depois se dizer que, então, se faria o trabalho. Mas, sim senhor, quando dispusermos desse

Não ao ranking escolar

O PCP está em desacordo com a elaboração de um ranking de escolas secundárias e com novas provas de avaliação, como propõe em projecto de lei o PSD. O tema esteve em debate na semana transacta. Para a deputada comunista Margarida Botelho, esta forma de avaliar o desempenho das escolas constitui um erro já que iria criar escolas de primeira e segunda, agravando os factores de injustiça.

«Democraticamente é insustentável que duas crianças não tenham as mesmas possibilidades de sucesso», sublinhou a deputada do PCP, para quem, por isso mesmo, a bitola proposta pelo PSD é «profundamente injusta, elitista e conservadora».

Por si citadas foram as experiências realizadas com este sistema noutros países, cujos resultados, lembrou, são francamente negativos. Assim se passou, por exem-

plo, no Reino Unido onde a classificação das primeiras escolas fez disparar no ano seguinte uma procura desmesurada de casa na área envolvente para que os jovens a possam frequentar. «Esta é uma espiral de elitização inaceitável», referiu Margarida Botelho, que criticou com não menos veemência o facto de o PSD, ao propor ainda mais provas, «querer enterrar a avaliação contínua».

Desaires na política económica

Governo sem rumo nem objectivos

A política económica e social voltou a estar na mira das críticas dos partidos da oposição. O tema dominou o debate parlamentar de sexta-feira passada. Para Carlos Carvalhas, este é um Governo «sem fôlego» e «sem objectivos».

Esta foi de resto uma ideia que o próprio debate tratou de consolidar, perante afirmações de António Guterres que não só não trouxeram nada de novo como foram incapazes de contrariar o sentido de algumas acusações. Foi manifestamente o caso, por exemplo, da denúncia feita

pelo Secretário-Geral do PCP de que o Governo, «perante os sinais de crise económica e o elevado défice comercial», tem na calha o propósito de «apertar ainda mais o cinto aos trabalhadores e aos reformados», endossando-lhes a «factura da sua nefasta política».

Também as referências à taxa de inflação, muito acima da projectada, que na prática constitui «um congelamento geral dos salários», como referiu o dirigente comunista, foi assunto que se percebeu ser incómodo para o Primeiro-Ministro, que não encontrou melhor

argumento para a justificar do que socorrer-se do impacto dos preços dos combustíveis e das crises sanitárias no domínio alimentar. Esquecendo que também outros países foram condicionados pela mesma realidade, sem que isso se constituísse em qualquer derrapagem inflacionista.

Como também não colheram, face às dificuldades económicas globais - sobretudo quanto à taxa de crescimento económico -, as explicações avançadas por Guterres de que as projecções das principais instituições mundiais, como as do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Comissão Europeia, apontam para abrandamentos de todas as maiores economias do mundo.

Dá que Carlos Carvalhas, em presença das novas estimativas em alta da inflação portuguesa, tenha confrontado directamente o Primeiro-

-Ministro com a absoluta necessidade de proceder a aumentos salariais para compensar a perda do poder de compra dos trabalhadores.

Na sua intervenção (ver nesta página), Carlos Carvalhas insurgiu-se ainda contra a «política de compadrio do actual Governo», a quem acusou de ter «engordado a administração pública com largos milhares de afilhados socialistas sem concurso» e de ter «multiplicado os institutos públicos».

Referindo-se à intenção de Guterres em lançar a economia portuguesa em Espanha, o deputado, do Bloco de Esquerda, Luís Fazenda, por seu lado, acusou o primeiro-ministro de ter «descoberto hoje e aqui o mercado espanhol».

Num registo dominado pelas preocupações ambientalistas, Heloísa Apolónia, em nome do Partido Ecologista «Os Verdes», referiu-se ao desastre de Entre-os-Rios para defender a urgência na fiscalização da actividade de extracção de areias nos rios portugueses, acusando ainda o Governo de não cumprir a legislação que obriga à descontaminação de locais onde funcionaram fábricas ou indústrias poluentes.



Os trabalhadores não aceitam que o Governo queira passar-lhes a factura da sua nefasta política

Carlos Carvalhas exige no debate Aumento dos salários e reformas

O Governo está sem fôlego, sem objectivos, anda ao sabor dos *lobbies*.

O Governo não tem rumo e não enfrenta interesses instalados.

Em vez de ir ao encontro das expectativas das pessoas persegue os temas que fazem parte da agenda mediática...

Não fique crispado, Senhor Primeiro-Ministro, pois isto foi afirmado por respeitadas dirigentes socialistas. Um deputado até diz que o ministro das Finanças é o coveiro da nova maioria. Aliás, como sabe, também um seu ministro, ainda há dias, afirmava, após cinco anos e meio de Governo PS, que o que passava na Saúde era uma vergonha! E outro ex-membro do seu Governo, hoje sentado nestas bancadas, já vaticinou que, se continuar assim, acabam todos no Largo do Rato, ou seja, na oposição.

O Governo está de facto desacreditado, mas é pela política de concentração da riqueza, pela fúria privatizadora, pela política do compadrio, pela incompetência e não defesa do interesse público e nacional, como o exemplificam os casos da TAP, da GALP e da ponte de Entre-os-Rios, pela política de falsidades como atestam os sucessivos anúncios de obras públicas ou traçados do TGV, por não dar resposta aos problemas da saúde, do ensino e da segurança.

Por não dar resposta aos problemas da insegurança.

Agora, perante os sinais de crise económica e o elevado défice comercial, o Governo quer apertar ainda mais o cinto aos trabalhadores e aos reformados, quer passar-lhes a factura da sua nefasta política. É o caso da Administração Pública, em que o ministro das Finanças diz que gasta muito para o trabalho que é feito, esquecendo-se de que o Governo engordou com largos milhares de afilhados socialistas, sem concurso, e que a despesa também disparou nos institutos do Estado que se multiplicaram!

Mas não só.

Tal como afirmámos na altura, a projecção do Governo da taxa de inflação era uma ficção. A projecção é que era em muito subavaliada O Governo sabia-o, mas apresentou-

-a deliberadamente para manipular os aumentos dos salários e das pensões e reformas.

O aumento geral de preços e sobretudo o aumento de certos bens e serviços essenciais têm vindo a corroer os salários e as pensões e reformas.

Muitos deles, em termos reais, já estão negativos.

Com uma inflação que tudo indica se aproximará dos 3,5%, o aumento de salários que o Governo apontou como referência foi, na prática, **um congelamento geral dos salários**. E isto num País em que as taxas de lucro das actividades intermediárias

e especulativas continuam em espiral, como se verificou também no caso da banca, onde só três bancos, BCP, BES e BPI, lucraram 177 milhões!

O que pensa fazer o Governo para compensar a perda de poder de compra das baixas reformas e dos baixos salários? É necessária uma

reactualização das pensões e reformas mais degradadas e dos vencimentos mais sacrificados. Por isso, pergunto-lhe: vai mesmo tomar medidas ou vai continuar com a retórica de que o Governo governa com uma grande consciência social, de que a economia portuguesa não pode assentar nos baixos salários, etc., etc., ou vai mesmo inverter a sua política? Ou vai dizer-nos que a inflação é conjuntural e que, portanto, durante a conjuntura seguramente sempre superior a um ano, os assalariados e os reformados que aguentem o mito?

Ou vai ainda continuar a atirar as culpas para a falta de profissionalismo dos portugueses que, tanto no País como no estrangeiro, já demonstraram que são tão bons como os melhores quando lhe dão as condições necessárias? Os portugueses não são os culpados por o PIB não convergir com a média europeia, nem pelo défice da Balança Comercial, nem pela política de acentuação das desigualdades e crescente dependência do estrangeiro, nem pelo enfraquecimento do nosso aparelho produtivo.

(...)

Lei de Liberdade Religiosa

O Parlamento aprovou em votação final global a Lei de Liberdade Religiosa. A favor do diploma estiveram PSD, CDS/PP e a maioria da bancada socialista. Vinte e quatro deputados do PS abstiveram-se e o PCP, PEV e BE votaram contra.

Como se antevia, consumou-se a divisão no seio do Grupo Parlamentar socialista relativamente ao projecto de Vera Jardim, que excluiu do seu articulado a Igreja Católica. O que foi visto por variados sectores como uma cedência perante a Conferência Episcopal. Este foi, aliás, um dos aspectos mais controversos que levou inclusive outros deputados do PS a apresentarem um projecto alternativo propondo que a Igreja Católica fosse abrangida.

No próprio debate que antecedeu a votação foram notórias essas clivagens, que persistiram durante meses no debate na especialidade, com o PS a atribuir o seu tempo de intervenção quer aos subscritores da versão que prevaleceu, de Vera Jardim, quer à proposta derrotada, pela voz de Jorge Lácio. Segundo este, «a lei legaliza a desigualdade e gera discriminação», numa referência directa ao projecto que veio a ser aprovado. E defendeu que devem ser os deputados «a dar o exemplo devido aos valores constitucionais e democráticos».

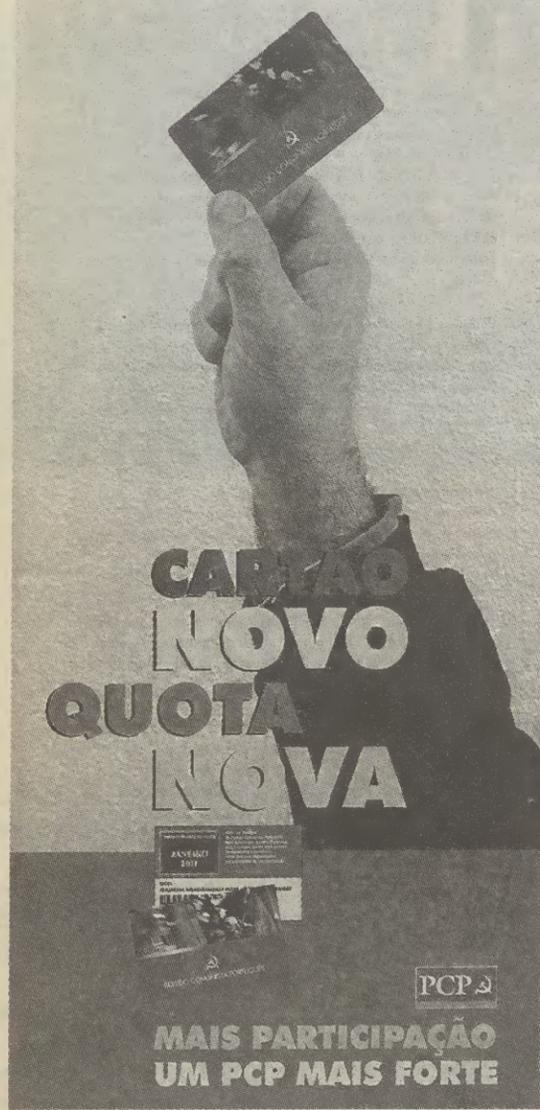
João Amaral, definindo a posição do PCP, mais exactamente quanto ao artigo 58.º, considerou também não ser aceitável «uma forma de realizar o direito que ponha seja quem for acima do direito». E acrescentou: «A Assembleia da República é o órgão competente para regular os direitos e garantias, constantes da Constituição. Todos os direitos, liberdades e garantias, sem excepção.»

Clarificada por João Amaral fora já antes a questão primordial que diz respeito ao direito das religiões e ao seu relacionamento com o Estado, bem como o princípio da igualdade que deve pautar essa relação. «Princípio de igualdade» que, em sua opinião, é intrínseco aos princípios de progresso. E exemplificou: «São os princípios da laicidade do Estado e da separação do estado e das religiões, princípios que são condição *sine qua non* da liberdade religiosa nas suas diferentes expressões: liberdade de opção religiosa, liberdade de não ter religião, liberdade de organização, de culto e de expressão religiosa.»

Dá que, na perspectiva de João Amaral, a «especial presença da Igreja Católica não é nem pode ser decreto de um qualquer poder do Estado, por meio de lei ou por outra qualquer forma. Essa especial presença decorre da sua condição maioritária, das suas raízes históricas, da sua acção na área religiosa ou social. Ou decorre disso tudo, ou deixaria de ser igreja livre».

O mesmo raciocínio se coloca em relação ao Estado, segundo o deputado comunista. «Ou o Estado respeita e é respeitado como Estado de laicidade, separado das religiões e capaz de aplicar a lei sem discriminações, ou o Estado deixa de ser livre. E a liberdade do Estado também é um valor a defender», sustentou João Amaral, antes de recordar que no Estado de direito democrático «todos gozam de cidadania e não há cidadania acima da lei». No caso vertente, precisou, «não há uma questão religiosa», há, sim, «uma questão de direito» e nada mais.

Se ainda não tens
o cartão de militante
dirige-te
à tua organização



Assembleia em Paris

No passado domingo, realizou-se a Assembleia da Organização do PCP na região de Paris, com a presença de cerca de três centenas de militantes que contou com a presença da camarada Fernanda Mateus, a qual e avaliou a acção desenvolvida desde Janeiro de 1988 – data de realização da última Assembleia – até ao presente, discutiu e aprovou as principais linhas de acção imediatas e elegeu o novo Secretariado.

Da avaliação da acção desenvolvida destacaram-se como momentos altos da actividade e da mobilização de centenas de militantes e simpatizantes as comemorações do aniversário do PCP e da Revolução de Abril, a intervenção em momentos eleitorais – parlamento europeu, eleições legislativas e presidenciais – e a preparação e realização do XVI Congresso do Partido. Destacou-se, ainda, designadamente, a realização do Encontro Europeu de quadros do PCP, em Nanterre para troca de opiniões sobre os problemas da emigração portuguesa e a participação no movimento associativo e nos movimentos sociais dos respectivos países de acolhimento e às perspectivas de construção duma Europa dos cidadãos, desenvolvida, solidária e progressista.

Melhorar o trabalho

A avaliação positiva do trabalho realizado não impediu que também se tenha conside-

rado necessário enfrentar e superar as debilidades orgânicas – promovendo uma mais regular ligação e discussão política com o conjunto dos militantes, maior atenção à formação política e ideológica, aposta no recrutamento e na participação na actividade partidária de jovens e de mulheres – e a necessidade de melhor a direcção política do trabalho – e perspectivar a melhoria do trabalho de direcção política – através do regular funcionamento do novo Secretariado e do envolvimento e responsabilização do conjunto dos militantes.

A par da continuação da participação de militantes do PCP no movimento associativo da comunidade portuguesa na região de Paris – considera-se fundamental o reforço da iniciativa política do PCP em torno dos problemas dos emigrantes e dos luso-descendentes e de maior informação das propostas do Partido e da sua iniciativa parlamentar junto da comunidade.

No plano das iniciativas concretas destacam-se as comemorações do 25 de Abril e do 1.º de Maio, preparação das eleições para o Conselho das Comunidades Portuguesas, que terá lugar a 25 de Novembro –, a concretização das metas para a Campanha Nacional de Fundos, a participação do jornal Avante na Festa do l'Humanité e uma permanente intervenção política em torno dos problemas dos emigrantes portugueses e dos luso-descendentes.

Seixal acolhe exposição dos 80 anos do PCP

História ao vivo

José Vitoriano falou sobre as lutas do passado e do presente, na abertura da exposição organizada pela DORS que esteve este fim-de-semana no Seixal e até ao fim de Maio irá percorrer todo o distrito de Setúbal.

O 80.º aniversário da fundação do PCP, a 6 de Março de 1921, foi recordado na Sociedade Filarmónica União Seixalense, que passou em revista a fundação do Partido, os 70 anos do «Avante!», os 48 anos passados na clandestinidade e com o debate sob o tema, «Histórias Clandestinas – ouvir e partilhar o que aconteceu para que nunca mais se repita».

Eram 18 horas de sexta-feira quando se inaugurou a exposição, onde, entre outros, se pôde ver vários objectos oferecidos por organizações de trabalhadores da região ao PCP, pinturas de Rogério Ribeiro ilustrativas da obra de Manuel Tiago «Até amanhã, camaradas», edições clandestinas do «Avante!», objectos feitos em prisões pelos presos políticos, objectos de tipografias clandestinas, originais e cópias de documentos políticos da clandestinidade e cartazes e autocolantes que acompanharam a história do Partido.

Por volta das nove horas, José Paleta, responsável da Organização Regional de Setúbal pelo concelho do Seixal, inaugurou o período de reflexão e debate, apresentando o convidado principal, José Vitoriano, militante e dirigente durante vários anos, «que tem muito para nos contar, não só sobre as histórias da clandestinidade, como também sobre a actualidade e aquilo que é o futuro que nós

pretendemos para este País e para o nosso povo».

José Vitoriano afirmou perante uma plateia de cerca de uma centena de pessoas

que «embora seja bastante idoso, provavelmente o mais velho da assistência, comecei a luta contra o fascismo e pela liberdade ainda muito jovem, não estive

muitos anos na clandestinidade. Estive na cadeia durante muitos anos o que me privou de estar algum tempo na clandestinidade».

Viver na clandestinidade

«A vida na clandestinidade não era menos dura do que na prisão», afirmou José Vitoriano. «Na clandestinidade, mudávamos de nome, personalidade, profissão, tínhamos



No Seixal, o 80.º aniversário foi recordado este fim-de-semana com uma exposição comemorativa na Sociedade Filarmónica União Seixalense

que ir para zonas onde não éramos conhecidos, os contactos com a família e com os amigos eram-nos completamente negados.»

O PCP viveu assim 48 anos, e milhares de lutas foram travadas pelos trabalhadores e as populações de todo o País, dos mais variados sectores profissionais e classes sociais, que se mobilizaram e uniram em marchas, concentrações e manifestações, greves e abaixo-assinados, distribuindo manifestos e tarjetas, colocando cartazes, realizando debates.

«Milhares de trabalhadores e comunistas foram presos

e passaram pelas cadeias. Foram torturados, alguns foram mortos, as suas famílias passaram miséria. Por isso, é bom que estas memórias não se esqueçam, porque provam-nos que o fascismo existiu realmente», recordou.

«A liberdade perdeu-se, mas recuperámo-la graças à acção corajosa do Movimento dos Capitães de Abril e dos elementos do MFA. Mas temos que pensar que esta situação não nasce do zero, mas sim de uma situação objectiva e favorável criada pela luta do povo português ao longo de dezenas de anos», referiu José Vitoriano.

História do passado

«Antes de ir para a clandestinidade lutei nas empresas, até fui presidente do Sindicato dos Operários Corticeiros do distrito de Faro durante três anos. Não era fácil ser-se comunista nestes anos. Tínhamos que fazer um grande esforço, por um lado, para não nos queimarmos perante o fascismo e, por outro lado, não podíamos actuar de modo a perder a confiança dos trabalhadores», declarou José Vitoriano.

E continua: «O subsecretário de Estado das Corporações, na altura Castro Fernandes, resolveu reunir todos os dirigentes sindicais do país, agrupando-os por certas afi-

nidades de indústrias. Quando chegou à minha vez, falei dos problemas da corticeira, e, entre os problemas que pus, dei ênfase à necessidade do País estabelecer relações comerciais com todos os países consumidores de cortiça, independentemente do regime que cada um tinha. Como resposta, o tipo fez-se vermelho como um pimento e disse: isso já se diz muito nuns papelinhos finitos que se distribuem por aí, dizendo que os corticeiros são muito férteis», concluiu José Vitoriano em tom de graça, referindo as suspeitas que o subsecretário tinha em relação à imprensa ilegal que existia na altura.

Câmara hipoteca futuro de Aveiro

Em menos de um mês, o município de Aveiro contraiu dois novos empréstimos junto da banca, nos valores respectivamente de 1 milhão de contos e de 1 milhão e 354 mil contos, recebendo para tal a autorização da Assembleia Municipal.

O PCP, através do seu eleito, decidiu não inviabilizar estas decisões da Câmara, já que a concretização de investimentos em curso depende desses financiamentos, mas, sabendo que «outros empréstimos se perspectivam no horizonte», veio alertar para os perigos de a Câmara Municipal estar a hipotecar o futuro de Aveiro e a própria qualidade de vida dos aveirenses.

De facto, segundo a Concelhia de Aveiro do PCP, a actual Câmara Municipal – de maioria relativa do PS mas com a colaboração dos vere-

dores do PSD e CDS-PP –, desde que entrou em funções, agravou a situação financeira do município que, no final do ano 2000, tinha uma dívida aos bancos de 4,7 milhões de contos (2,5 milhões em 1997), podendo atingir com os empréstimos recentemente autorizados um montante superior a 5,7 milhões de contos.

Entretanto, os gastos anuais com o pagamento dos juros e amortizações dos empréstimos subiram substancialmente (110 mil contos em 1997, 340 mil contos em 2000), podendo atingir os 850 mil contos, em 2003, se se tiver em conta os novos empréstimos.

É por isso que, ao afirmar que a capacidade de endividamento está longe de estar atingida, o presidente da Câmara está «a iludir os aveirenses» e a «atrasar a tomada

de medidas que impeçam o colapso financeiro da Câmara». Pois sendo certo que ainda existe «capacidade legal de endividamento», certo é também estar a saúde financeira municipal «cada vez mais periclitante».

Encargos superiores a receitas

Porém, a estas dívidas, acrescem outros encargos, talvez superiores a três milhões de contos, resultantes de operações de *leasing*, sendo que o total de encargos assumidos e não pagos, no final do ano passado, atingiu a cifra de 2,26 milhões de contos (cerca de um milhão em 1997). Ou seja, o município tem encargos em dívida superiores a dez milhões de contos, sem considerar eventuais dívidas nos Serviços

Municipalizados. Bastante mais, portanto, do que os 8,5 milhões de contos de receitas totais do município, no ano 2000.

O PCP afirma não defender uma «gestão municipal imobilista» e aceitar investimentos com recurso ao crédito bancário mas, em seu entendimento, este recurso deve ser feito «com a garantia de distribuição equilibrada dos custos pelos vários orçamentos anuais, com a prevenção da excessiva concentração temporal de amortização e sem exposição a riscos excessivos», pois existe uma grande diferença «entre construir o futuro e hipotecá-lo». E a Comissão Concelhia de Aveiro do PCP recusa que o futuro em construção tenha por base o empobrecimento das famílias aveirenses, através dos aumentos de taxas, tarifas e preços municipais.

SANTIAGO DO CACÉM Contra resíduos industriais

A Comissão Concelhia de Santiago do Cacém do PCP, no passado dia 26, criticou as posições tomadas pelo PS local, que veio defender a instalação de uma estação de pré-tratamento de resíduos industriais perigosos, junto ao pinhal do concelho, em Maria da Moita, freguesia de Santo André. Em comunicado divulgado à população, a Concelhia advertiu que «o Governo, sempre tão exigente com o cumprimento do PROTALI e do PDM, despreza agora o que a lei impõe, despreza o poder local eleito, vende a saúde da população do Litoral aos interesses das cimenteiras, inicia uma obra clandestina e impediu um fiscal da Câmara de Santiago de Cacém de entrar no recinto das obras clandestinas do Ministério do Ambiente».

Os comunistas exortam a população do município a «lutar contra a instalação de mais resíduos industriais perigosos» no concelho e a exigir do Governo «a suspensão imediata das obras em curso, que se destinam a um objectivo de agravamento das condições ambientais no Litoral Alentejano, expondo a maiores riscos a saúde de cada um de nós».

SETÚBAL

Agrava-se situação social

Na passagem de mais um 1.º de Maio, a Comissão Concelhia de Setúbal do PCP analisou na passada semana a situação social e política que, «fruto da política de direita do Governo», regista um agravamento nos diversos sectores de actividade, assim como se degradam as condições de vida das populações do concelho.

No plano laboral, «agravou-se a situação em várias empresas, tendo-se registado já o encerramento de muitas delas, colocando em risco milhares de postos de trabalho e a sobrevivência de inúmeras famílias», alerta a Concelhia em comunicado à imprensa. «Mantém-se, a avaliar pelos dados oficiais, uma preocupante taxa de desemprego na região e no concelho de Setúbal. Ganha cada vez mais peso o número de trabalhadores em situação precária, atingindo principalmente os jovens e as mulheres. Merece igualmente grande atenção o aproveitamento de mão-de-obra de trabalhadores clandestinos, nomeadamente de imigrantes dos países de Leste da Europa. Continuam ainda sem aplicação em várias empresas e locais de trabalho as 40 horas semanais», conclui o comunicado.

VIANA DO CASTELO Primeira reunião da DORVIC

Na semana passada, a Direcção da Organização Regional de Viana do Castelo do Partido, na primeira reunião após a sua eleição, escolheu o Secretariado. Este organismo executivo da DORVIC ficou constituído por Branca Carvalho (responsável da DORVIC), Alberto Midões, Albino Barros, Fernando Almeida, Fernando Silva, Gonçalo Fagundes e João Duarte, informa a direcção regional do PCP. Na nota distribuída à comunicação social aponta como competências do Secretariado, «entre outras, a criação das condições técnicas e humanas para a realização da actividade política corrente, bem como o acompanhamento das questões de organização e de direcção, a administração dos recursos financeiros da DORVIC e a gestão financeira corrente». Na análise da campanha de fundos para a reconstrução do Centro de Trabalho foi salientado o êxito que constituiu a exposição-venda de obras de arte, efectuada em Viana do Castelo. Foi também analisada a preparação do leilão de obras de arte, a realizar em breve, incluindo trabalhos de alguns artistas de renome nacional e internacional», como Óscar Niemeyer, Álvaro Cunhal, Rogério Ribeiro, José Mouta, Sá Nogueira, Jorge Pinheiro, António Inverno, Chichorro, Maria Irene Ribeiro e Santabárbara.

Relativamente à preparação das eleições autárquicas, foi apontado o início do mês de Junho como o prazo limite para a apresentação dos candidatos da CDU aos órgãos autárquicos do distrito.



Portugal — país de emigrantes e cada vez mais de imigrantes

No momento em que nas ruas muitos milhares de trabalhadores assinalaram o 1.º de Maio e que se comemoraram os 27 anos da revolução de Abril, tem sentido reflectir, ainda que sucintamente, sobre uma realidade - a das migrações - que marca o nosso quotidiano.



Rui Fernandes
Membro
do Secretariado
do CC

Em primeiro lugar, porque também pela diáspora se comemoram Abril e Maio. Em segundo lugar, porque, no nosso país, cada vez mais intervém na luta social, contra a precariedade e por elementares direitos de cidadania um número significativo de imigrantes.

É inegável que o tradicional fluxo de imigrantes para Portugal tem vindo a ser alterado quanto aos países de origem. Nos dias de hoje assiste-se a um peso crescente de imigrantes oriundos do

seus interesses». Um exemplo desta política governamental é o que tem estado a suceder com as autorizações de permanência temporária, cuja concessão depende da entidade patronal lhes conceder contrato de trabalho, findo o qual são obrigados a abandonar o país ou a remeterem-se à condição de foragidos até adquirirem um eventual novo contrato. Ou, noutro plano, a ausência de condições mínimas de atendimento nas instalações do SEF.

Política do Governo contribui para a criação de fenómenos xenófobos

Leste Europeu - essencialmente para a construção civil - e do Brasil - fundamentalmente para a hotelaria e comércio.

Se em 1990 o número de estrangeiros era inferior a 110 mil, em 1995 era já de 160 mil e em 1999 de 190 mil, além dos muitos milhares que continuam ilegais.

Portugal, com uma longa tradição emigrante e importantes comunidades portuguesas, não pode olhar de soslaio esta nova realidade.

As hesitações do Governo PS face ao peso crescente da comunidade imigrante, a política de uma no cravo e outra na ferradura, só têm vindo a contribuir para a criação de caldos de cultura securitários e xenófobos que têm em Paulo Portas um porta-voz, seguindo a velha máxima que diz que «dominam-se mais facilmente os povos excitando as suas paixões do que ocupando-se dos

há um senão: não diz como. Isto é, foge à questão de fundo.

É bom fixar que, pelos dados de 1990, o peso dos imigrantes representava 1,5% da população nacional residente, e que a comunidade portuguesa representava 40% do total de residentes no território nacional.

Também nesta matéria, a emigração, estão em curso mutações em resultado das novas condições legais de mobilidade no espaço europeu. Cresce, por isso, uma emigração de carácter temporário e informal que introduz novas necessidades de reflexão. Mas estas alterações e a necessidade de aprofundamento da reflexão em torno desta e outras matérias que lhe andam associadas, não obsta à consideração de que, no essencial, as condições de trabalho e de vida das comunidades portuguesas não sofreu alterações significativas.

Eliminar preconceitos

É necessária uma outra política, e uma outra prática política, empenhada e determinada, sem preconceitos e audaz, garantindo direitos cívicos, sociais e culturais que contribuam para a dignificação dos

imigrantes e valorizem o seu papel na ajuda ao desenvolvimento do País.

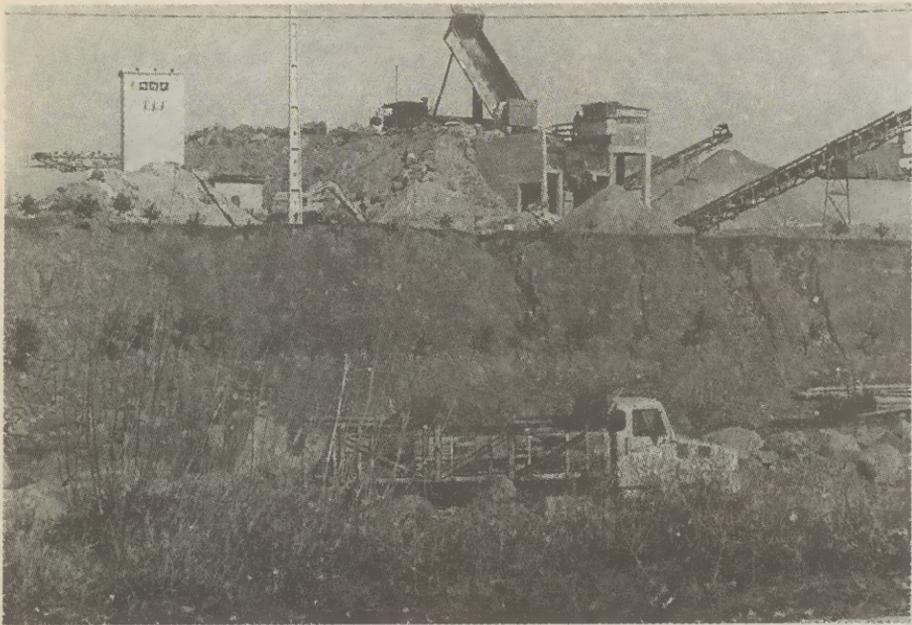
Do mesmo modo se exige do Governo idêntico empenhamento, na adopção de medidas de apoio à comunidade portuguesa espalhada pelo Mundo. É inaceitável tudo o que se passou - anos de paralisia - com o Conselho das Comunidades que tem agora eleições marcadas para 25 de Novembro. É incompreensível a lentidão na resposta a problemas como o do ensino da língua portuguesa no estrangeiro, no exacto momento em que pelos quatro cantos de Portugal o primeiro-ministro prega hossanas às novas tecnologias, mas não as põe ao serviço dos portugueses que em França, na Suíça, no Luxemburgo, no Brasil, enfim, pelo Mundo, pretendem falar a língua portuguesa. Guterres faz passar, aqui e ali, a ideia do enganei-me. Só

Direitos iguais

Ao consagrar e dinamizar a mobilidade, mas ao resistir dar e aprofundar direitos sociais, cívicos e culturais, o que as políticas que vão sendo seguidas ao nível da UE e em Portugal vão acentuando, são as desigualdades, a exclusão, os fenómenos do racismo e da xenofobia.

No fundo, o que vai ficando cada vez mais longe é a Europa Social e cada vez mais perto a Europa da EUROPOL e SCHENGEN, a Europa da militarização e do pilar europeu da NATO.

No momento em que se comemora Maio e Abril e no ano em que a Constituição da República perfaz 25 anos, é bom recordar o artigo 13.º n.º 2, «Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social», e o artigo 15.º n.º 1, «Os estrangeiros e os apátridas que se encontrem ou residam em Portugal gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres do cidadão português».



Um elevadíssimo número de trabalhadores sofre de silicose, situação que tende a agravar-se com as novas ferramentas

Pedreiras e acidentes de trabalho

Lutar pela saúde

Realizou-se na sexta-feira, em Famalicão, com a participação de Jerónimo de Sousa, membro da Comissão Política do PCP, um encontro-debate promovido pela Organização das Pedreiras do PCP.

O encontro contou com a presença e participação de várias dezenas de trabalhadores que puderam transmitir diversas experiências e debater a sua complexa situação laboral.

Armando Mesquita, pedreiro, disse ser necessário prosseguir a

luta por mais direitos e mais saúde, pois a situação continua muito grave: é elevado o número de acidentes de trabalho, que vão desde a perda de visão, de pernas, braços, mãos, dedos e até mortes (principalmente nos trabalhadores que andam a soltar as pedras nas pedreiras); um elevadíssimo número de trabalhadores sofrem de silicose (pó nos pulmões), situação que tende a agravar-se com as novas ferramentas, como os martelos de agudas e as máquinas que provocam enormes nuvens de pó nas pedreiras e telheiros.

Armando Mesquita referiu ainda os problemas de coluna devido ao carregamento

pesos excessivos, a surdez derivada do barulho, o reumatismo que atinge muitos trabalhadores devido a laborarem com humidade excessiva, no Inverno, terminando com a denúncia da inação da Inspeção Geral do Trabalho e acusando os poderes políticos

«É necessário prosseguir a luta por mais direitos e mais saúde»

da região, «que se mantém silenciosos».

Armando Mesquita afirmou ainda a validade da luta dos trabalhadores das pedreiras, já que várias empresas, como a Rocha e Barbosa, a Arlindo Mota e José Mota, de Perosêlo, a Granitos Lda., de Boelhe, entre outras, começaram a distribuir máscaras de protecção do pó, óculos, protectores auditivos, luvas, botas de biqueira de aço, capacetes e cintos.

Armando Mesquita apelou aos trabalhadores das pedreiras para se juntarem ao PCP, dando-lhe mais força e apoio, justificando o Partido toda a confiança dos trabalhadores.

Projecto de lei do PCP

Foi apresentado, por Jerónimo de Sousa, o projecto de lei do PCP, na Assembleia da República, de Revalorização das Pensões, ao que se seguiu um apelo para que todos fizessem chegar a sua opinião à Assembleia da República.

Jerónimo de Sousa sublinhou a importância da batalha desta área profissional, afirmando que «perda de saúde perde-se tudo». O dirigente comunista referiu ainda que, em matéria de prevenção de segurança, Portugal se encontra entre os países mais atrasados, sendo necessário um investimento sério. O dirigente comunista acusou ainda as seguradoras de «fazerem lucros fabulosos com os acidentes de trabalho, sendo necessário uma maior responsabilização do Estado para que seja feita justiça aos sinistrados do trabalho».

Jerónimo de Sousa criticou também a revisão do Regime Jurídico de Reparação por Acidentes de Trabalho ou Doença Profissional de 1999, que rege as baixas pensões, considerando que contém enormes injustiças e que continua a proteger os interesses das seguradoras privadas.

CDU do distrito do Porto apresenta candidaturas e propostas

Trabalhar por um distrito melhor

Durante a passada semana e o início desta, o distrito do Porto avançou com mais três candidaturas aos concelhos de Santo Tirso, Amarante e Baião.

Foram apresentados no sábado, durante um jantar comemorativo da Revolução, os candidatos aos órgãos municipais de Baião. Manuel Rodrigues, empregado de escritório, e Manuel Vilas Boas são, respectivamente, candidatos da CDU à câmara e assembleia municipais de Baião.

Amarante e Santo Tirso

Em Amarante, num almoço de comemoração do 25 de Abril, realizado no próprio dia, foram apresentados publicamente os candidatos aos órgãos municipais, Regina Sardoieira e António Duarte.

O reforço da CDU e a eleição de vereadores são os grandes objectivos

Manuel Rodrigues, na sua intervenção, afirmou que aceitou este desafio «pura e simplesmente para dar o meu melhor, trabalhando de forma desinteressada, em prol de todos os baioneses, independentemente das corações políticas de cada um».

Como nunca foi nem será nosso timbre criticar por criticar, em sintonia com o Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português e quando da discussão do Orçamento Geral do Estado para os anos de 1999, 2000 e 2001, foram apresentadas uma série de propostas a incluir em PIDDAC», disse o candidato, realçando que o bom trabalho da CDU é reconhecido pelos adversários políticos. Esse bom trabalho está patente, para o candidato, no facto de que «enquanto a CDU – apesar de não ter qualquer representação na Assembleia Municipal e no Executivo Camarário – apresenta propostas válidas para tirar Baião do fosso em que se encontra, os outros preferem fazer visitas de charme a oficiais do mesmo ofício, numa operação cosmética de pura hipocrisia, para se promoverem política e pessoalmente».

Em apresentação da sua candidatura à Câmara Municipal, Regina Sardoieira afirmou: «Vivo e actuo em Amarante há 20 anos (...) por isso, aceitar esta candidatura significa dizer a todas as mulheres de Amarante que podem e devem sair dos espaços confinados a que o preconceito as condenou para virem marcar presença já que, ao nível dos direitos fundamentais consagrados na Constituição, nada nos distingue dos homens.»

A candidata a presidente da Câmara Municipal de Amarante afirma ainda que «a CDU é a alternativa ao obscurantismo cultural, à falta de horizontes da sociedade amarantina, fechada ao progresso, parada no tempo, incapaz de expandir os seus múltiplos recursos».

«Terra de belas paisagens, não vejo uma política de turismo que apoie os milha-

res de visitantes nacionais e estrangeiros que só vêem as belezas naturais, mas que mais nada usufruem para além disso; terra de gente activa, não vejo uma política de apoio à dinamização da indústria e do comércio e, consequentemente, à criação de empregos estáveis», afirmou Regina Sardoieira, acrescentando que «falta quase tudo». A candidata terminou, lançando um desafio a Amarante: «É com responsabilidade que encaro a minha intervenção nos meses que vão seguir-se e é para prestar um serviço à comunidade que aceito iniciar uma caminhada no decorrer da qual tentarei ser a voz da mudança necessária, 27 anos após a Revolução de Abril.»

Também num almoço comemorativo do vigésimo sétimo aniversário do 25 de Abril, realizado em Vilarinho e que contou com a presença de cerca de 250 pessoas, foram apresentados os cabeças de lista à câmara e assembleia municipais de Santo Tirso, respectivamente, Fernando Moreira, advogado, membro da comissão concelhia de Santo Tirso, responsável pelo grupo de trabalho autárquico e José Alberto Ribeiro, operário metalúrgico, dirigente sindical, e membro da mesma Comissão Concelhia e da DORP do PCP. Na sua intervenção, Fernando Moreira mostrou-se confiante e realçou a importância para Santo Tirso da eleição de um vereador.



Vila Real de Santo António

CDU contra encerramento de conserveira

A Comalpe, a última fábrica de conservas de Vila Real de Santo António, foi condenada a fechar pela administração que informou as trabalhadoras que, após um mês de férias, iriam para formação profissional. As trabalhadoras manifestaram o seu descontentamento em relação à formação, que as prejudicaria no vencimento, e defenderam a continuação – perfeitamente viável – da laboração da fábrica.

Este processo, denunciado pela Comissão Coordenadora da CDU de Vila Real de

Santo António, levou à solicitação de uma entrevista à administração da fábrica, por parte dos eleitos e vereadores da CDU e do próprio presidente da Assembleia Municipal para saber se, como se lê na nota da estrutura da CDU, a fábrica continuaria a laborar após o período de formação. Nesse caso, «tratar-se-ia de uma medida perfeitamente aceitável, tendo em vista uma reestruturação tecnológica, sempre necessária». O cancelamento da entrevista por parte da administração,

que veio pôr praticamente de lado esta hipótese, «indicia o pior».

A CDU «alerta os trabalhadores da Comalpe e a população do concelho de Vila Real de Santo António para a gravidade do momento e para o aumento do desemprego em perspectiva» e afirma que fará tudo o que estiver ao seu alcance para impedir o encerramento, à semelhança do que fez com o Casino de Monte Gordo, porque, «mais uma vez, as vítimas são os trabalhadores».

festa
Avante!

25
anos
1976-2001

7,8 e 9 Set.
Atalaia, Amora, Seixal

Continuam as apresentações no distrito de Évora

Continuar o trabalho realizado

A CDU aposta nos actuais presidentes das câmaras de Borba e Redondo, em cujas apresentações contaram com a presença de centenas de apoiantes e alguns dirigentes do Partido. Houve até o apoio de Álvaro Cunhal.

O parque de viaturas dos Bombeiros Voluntários de Borba foi pequeno para acolher os cerca de trezentos apoiantes da CDU que, no domingo, participaram na apresentação pública dos candidatos da coligação ao município alentejano. A iniciativa contou

com a presença de José Soeiro, da Comissão Política do PCP, e André Martins, da Comissão Executiva e do Conselho Nacional do PEV.

Joaquim Manguinhas, candidato à Assembleia Municipal, na sua intervenção, afirmou-se «militante convicto da CDU, sem filiação

partidária, candidatando-se não contra ninguém, mas por Borba».

A CDU responde com trabalho às provocações e falta de ética da oposição

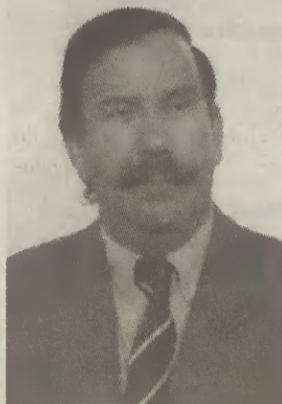
Já João Proença, candidato à Câmara Municipal e actual presidente, afirmou candidatar-se para renovar o mandato de presidente da Câmara, consciente das responsabilidades

des acrescidas que esse passo acarreta. O candidato afirmou que o lema *Trabalho, Honestidade, Competência* continuam a definir os parâmetros da «nossa actuação, marcando profundas diferenças com a actuação dos nossos opositores políticos». Não só no concelho, assegura o candidato,



mas na Zona dos Mármoreos, onde «quatro concelhos de maioria CDU se complementam nas suas actividades, porque não trabalham sozinhos, não trabalham de costas e se tornaram numa mais-valia para as suas populações». João Proença, que recebeu uma mensagem

de apoio do camarada Álvaro Cunhal (ver caixa), estando certo que irá ser alvo das provocações e falta de ética dos seus adversários políticos, afirmou que «é preciso estarmos disponíveis e preparados para enfrentar este assalto às autarquias da CDU, combatendo de uma forma positiva os ataques que nos irão fazer, privilegiando o esclarecimento dos eleitores, apresentando aquilo que são as nossas propostas, demonstrando que na entrada de um novo milénio, com a CDU, Borba é um concelho com futuro!».



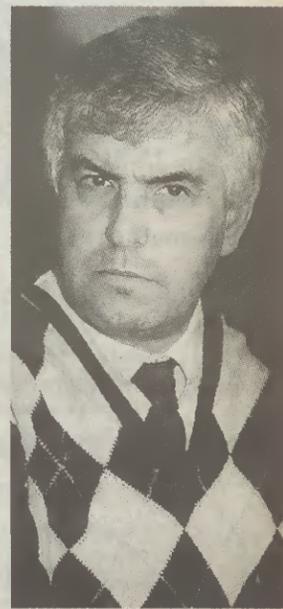
Alfredo Barroso

Redondo

No sábado, foi apresentado o candidato da CDU à

Câmara de Redondo, Alfredo Barroso. O actual presidente da Câmara afirmou que tem aprendido a «enfrentar as dificuldades e superar os obstáculos, num trabalho colectivo com os eleitos e com os trabalhadores da autarquia». Alfredo Barroso, presidente da Associação de Municípios do Distrito de Évora, considera que está mais apto a enfrentar novos desafios e a «encarar o futuro com mais determinação, consciente das dificuldades mas decidido a vencê-las».

«É com determinação e dedicação que assumi aceitar a candidatura à presidência da Câmara de Redondo, naturalmente nas listas da CDU e como militante do Partido Comunista Português», disse o candidato, que o faz com a «certeza de que a população do concelho de Redondo irá mais uma vez confiar na CDU para gerir a câmara municipal». «Porque temos provas dadas, porque trabalhamos para servir as populações, porque nos dedicamos com todas as nossas capacidades ao trabalho autárquico, porque o projecto da CDU



João Proença

é o que melhor serve as populações», assumiu Alfredo Barroso, que dirigiu ainda uma palavra especial à sua família que sabe que quando assume responsabilidades não o faz a «meio tempo», agradecendo depois toda a compreensão.

«Podem contar comigo na certeza de que trabalhando em equipa saberemos corresponder aos que de nós esperam e exigem trabalho, honestidade e competência», disse.

Saudação de Álvaro Cunhal a João Proença

Querido Camarada,

Chegaram-me as tuas boas palavras e a tua apreciada lembrança. É grata a recordação que tenho das idas à vossa terra, da participação em iniciativas, do conhecimento da tua actividade sempre ligada ao povo, nomeadamente como Presidente da Câmara.

Sei que de novo vais ser candidato. Há razões para ter plena confiança no voto popular.

Gostaria de, conforme a tua sugestão que me transmitiram, estar directamente convosco. Mas o grave estado de saúde em absoluto o impede.

Um abraço comunista.

Figueira da Foz «Não basta estar na moda por dois meses»

No passado dia 24 de Abril, no jantar comemorativo do 25 de Abril, que juntou mais de uma centena de activistas e simpatizantes da CDU, foram apresentados os primeiros candidatos das listas da CDU à câmara e assembleia municipais.

O primeiro candidato da lista à Câmara Municipal da Figueira da Foz é Rui Alexandre Miguens de Moura, de 56 anos, médico obstetra, adjunto da direcção clínica do Hospital Distrital da Figueira da Foz, com responsabilidade das consultas externas.

Antigo presidente da Assembleia de Freguesia de S. Pedro, Rui Moura considero que, entre outros aspectos, apesar de ser o turismo um pilar importante para o crescimento e desenvolvimento da cidade, «não lhe basta estar na

moda apenas por dois meses por ano».

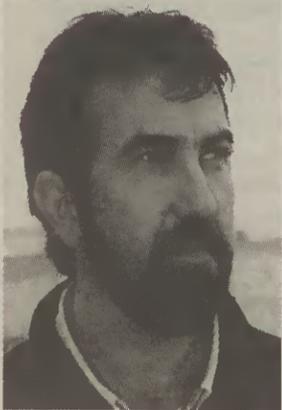
O candidato fez a defesa de alguns aspectos que a CDU entende serem necessários, nomeadamente a dinamização do parque industrial e o desenvolvimento de uma política que vá ao encontro dos investidores, a defesa das acessibilidades, a melhoria dos transportes e a protecção ambiental.

Foi igualmente apresentada a primeira candidata à Assembleia Municipal, Silvana Queiroz. 48 anos, professora do primeiro ciclo, a candidata enunciou na sua intervenção alguns dos muitos problemas que tem levantado na assembleia ao longo deste mandato, nomeadamente em relação ao problema porque passam todos os trabalhadores da EMEF, que, e mais uma vez, têm o seu posto de trabalho ameaçado.

Ferreira do Alentejo Basta de promessas vãs

Apresentado no sábado, José Damas, candidato da CDU à Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo, afirmou querer que o «futuro seja diferente com e para todos os ferreirenses». Para isso, o actual membro da Assembleia de Freguesia de Ferreira do Alentejo quer «discutir os problemas do nosso concelho com as populações interessadas, por forma a, em conjunto, os resolvermos».

Os problemas são muitos e o candidato enumerou alguns. Ao nível do desenvolvimento económico, José Damas lembrou que «as fábricas tardam em aparecer, os empregos muito menos, a não ser determinados lugares feitos à medida para os candidatos e os eternos programas ocupacionais com que vamos continuando a ver mascarada a taxa de desemprego».



José Damas

A fixação dos jovens, e da população em geral, mereceu por parte do candidato umas palavras especiais para lembrar que «pouco ou nada tem sido feito nesse sentido», continuando a verificar-se o êxodo das populações. «E ficamos à espera que as respostas a estes problemas sejam dadas pela barragem de Alqueva e a consequente aposta no regadio.» Como «soluções» apresentadas pela autarquia, o candidato destaca as alterações e atropelos

feitos ao Plano Director Municipal (PDM) e, não bastando «oito anos de promessas em vão, o actual presidente da Câmara, no seu discurso do 25 de Abril, voltou a prometer milhões e mais milhões, fábricas e mais fábricas, empregos atrás de empregos».

O candidato, presidente da ADTR - Associação de Desenvolvimento das Terras de Regadio, destacou as áreas da habitação, à qual o PDM não dá resposta aos anseios populares, da juventude, da cultura e do desporto e da saúde.

A terminar, o candidato quis «reafirmar a vontade indómita em dar corpo a uma lista abrangente, aberta, livre de preconceitos e com personalidades de todos os quadrantes que demonstrem capacidade e disponibilidade para abraçar este projecto».

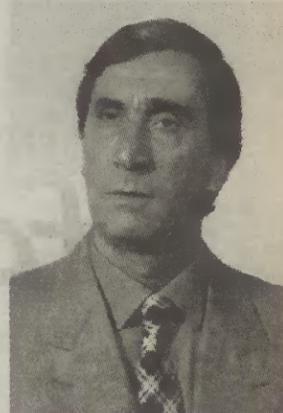
Torres Vedras «Batemo-nos por convicções»

Apresentado na véspera da comemoração dos 27 anos da Revolução dos Cravos, Joaquim Caetano Dinis, candidato à presidência da Câmara Municipal de Torres Novas pela CDU, avisou os presentes na sessão de apresentação de que as eleições «não vão ser fáceis, pois os nossos aliados possuem meios e aliados, muito poderosos, tornando, por isso, esta luta muito renhida e difícil, mas também aliciante», pois na CDU, na opinião do actual vereador da autarquia, «possuímos argumentos que eles não têm». O candidato considera que «na CDU, batemo-nos por convicções, por causas, por militância, por ideais», o que constitui, em sua opinião, uma forte reserva moral, que as outras candidaturas não possuem.

No entanto, Caetano Dinis avisou que «só isto, que é muito não chega» e que é preciso passar a mensagem, «no bairro, no trabalho, nos locais de convívio, em todo o lado».

Sobre o desempenho da CDU no executivo da Câmara Municipal, onde é o único vereador da Coligação Democrática Unitária, Caetano Dinis considera que «não é fácil desempenhar este cargo, num executivo camarário de maioria do Partido Socialista». «Mas, com persistência e trabalho, dedicando a cada dossier a atenção devida, temos conseguido, pensamos nós, exercer o cargo com honestidade, lisura de processos, frontalidade nas discussões políticas com as outras forças, propondo soluções, lutando, enfim, para que as deliberações da Câmara sejam justas e satisfaçam as legítimas aspirações dos torrienses, quer elas sejam no campo social, urbanístico ou em defesa do meio ambiente», disse o candidato.

Sobre o próximo mandato, saído das eleições do final deste ano, Caetano Dinis considerou, na sua intervenção, que «como membro do Partido Comunista Português que sou, com muito orgulho, encontro-me motivado e com renovadas esperanças, para servir o Partido e a CDU nos embates que se avizinham».



Joaquim Caetano Dinis

Depois de Elvas, a CDU de Portalegre avança com as apresentações de Joaquim Miranda, para a capital do distrito, e Anabela Fino, para o concelho de Fronteira

Um projecto mobilizador

Apresentado no Dia da Liberdade, em Portalegre, Joaquim Miranda, deputado do PCP no Parlamento Europeu, aproveitou para saudar os obreiros do 25 de Abril e o Poder Local Democrático, conquista da Revolução e «um dos seus resultados mais exitosos».

Afirmando que a sua candidatura se orienta «pelos ideais mais nobres de Abril», Joaquim Miranda considera que é necessário alterar o «estado de atraso e de apatia que chegou o nosso concelho».

Nas últimas eleições «foram já muitos os que deram um passo no sentido da aproximação à candidatura que então apresentámos», disse o candidato que considerou que «mais não foram porque alguns duvidaram ainda da minha efectiva disposição em permanecer em Portalegre».

Joaquim Miranda, actual vereador, acredita que, desta vez, muitos mais esta-

rão com a CDU porque «muitos dos mais importantes problemas do concelho continuam por resolver». O eurodeputado,

O sistema multimunicipal de abastecimento de água deve-se à CDU

que assegura deixar essa função se for eleito para a autarquia portalegrense, considerou que estes foram «quatro anos perdidos,

pela ausência de um projecto global para o concelho, pela falta de critérios e prioridades e pelo recurso sistemático às obras avulsas, pela incapacidade de diálogo evidenciada».

Joaquim Miranda entendeu ser já tempo de Portalegre escolher um presidente da Câmara e um projecto de gestão autárquica



Anabela Fino

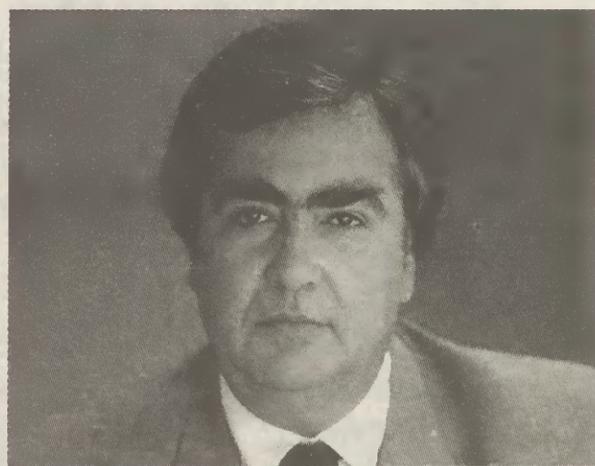
que lhes «asseguem estabilidade, segurança e confiança num futuro melhor, que dê garantias de prosseguir e terminar um projecto conhecido, executável, mobilizador e transformador», virado, fundamentalmente, para a mobilização dos trabalhadores da autarquia, para a construção da habitação social. «Entretanto, importante é também olhar para a limpeza e, em geral, para o alindamento da nossa terra», disse o candidato

que lembrou que «há bairros que não vêem uma vassoura desde que existem».

O candidato lembrou que, aos idosos, «dá-se anualmente uma festa e alguns passeios» e que, mesmo sendo esta uma área de intervenção do poder central, muito mais podia ser feito ao nível da carência de centros de dia e das más condições dos existentes. Também a juventude se vê confrontada, lembra o eurodeputado, com a falta de habitação. Os estudantes do Politécnico, oriundos de todo o País, sentem a falta de residências oficiais.

Fronteira

Em Fronteira, a CDU realizou, com a participação de Fernando Carmosino, membro do Comité Central, no passado dia 29, a apresentação da sua candidata à presidência da Câmara Municipal, Anabela Fino. Jornalista, membro da direcção do Sindicato de Jornalistas e subchefe de redacção do *Avante!*, a candidata contou com a presença, na iniciativa, dos presidentes das câmaras de Avis e Monforte. Na sua intervenção, a candidata conside-



Joaquim Miranda

rou que «após dois mandatos de gestão PSD, o último dos quais em maioria absoluta, Fronteira tem todos os motivos para mudar de rumo». O concelho está «hoje mais despojado, os seus recursos mais delapidados, os problemas crónicos mais agravados».

Membro do PCP desde o início dos anos 70, Anabela Fino afirma que, «para Fronteira, onde já existe uma praia fluvial e uma piscina aquecida, está projectada mais uma piscina, mas não há medidas para resolver problemas tão elementares como a limpeza pública, o estacionamento urbano, a conservação do património, o arranjo de estradas e caminhos ou a defesa do

meio ambiente», estando a obra da autarquia limitada a «umas quantas obras avulsas decididas com base num critério de prioridades no mínimo aberrante». A candidata falou ainda da fraca resposta dada «aos graves problemas que a população enfrenta no domínio da assistência médica, dos transportes, do ensino ou da ocupação de tempos livres». A carência de equipamentos culturais e de lazer foi outra das críticas feitas pela candidata da CDU que propôs medidas para fixar os jovens à sua terra, apoiar a terceira idade e fazer de «Fronteira um concelho orgulhoso da sua história, empenhado no seu presente e confiante no seu futuro».

Vimioso

«A CDU é o motor da luta»

Leandro Vale Dinis Júnior, actor e jornalista, é o candidato da CDU à presidência da Câmara Municipal de Vimioso. Director artístico do «Teatro em Movimento», o candidato, de 61 anos, lembrou que «conseguimos, mesmo sem estar representados em qualquer órgão autárquico do concelho, ver concretizadas as nossas propostas», e acentuou a sua convicção de que «ninguém poderá ter dúvidas de que a luta que se tem travado em todos os quadrantes, no concelho de Vimioso, tem como motor a CDU, quer nos

problemas que se vêm arrastando nas minas do Argozelo quer na denúncia de que existe falta de liberdade de expressão no concelho, passando pelo apontar do perigo do fecho das escolas básicas».

Sobre a elevação de Argozelo a vila, que considera uma «grande vitória», Leandro Vale afirmou que «ninguém terá por certo dúvidas de atribuir ao grupo parlamentar do Partido Comunista Português, força integrante da CDU, grande parte do mérito».



Leandro Vale

Apresentado no passado dia 24 de Abril, o candidato reafirmou as suas certezas de que, com a CDU no executivo camarário, «já existiria um Plano Económico, Social e Cultural de Emergência, que invertesse, definitivamente, a tendência de desertificação humana que continua a verificar-se», e que importantes obras e medidas já teriam sido tomadas, e de forma diferente, realçando a zona industrial – com implementação de empresas que criassem postos de trabalho em vez de armazéns –, a conclusão das obras do Pavilhão Gimnodesportivo de Argozelo, iniciadas há vinte anos, entre outras.

Para que tudo isto seja uma realidade, prosseguiu o candidato, «apelamos aos vimiosenses que, em Dezembro, confiem na CDU para que tudo mude numa melhoria de valores que passam do humano ao económico». Terminou com a promessa de uma «luta dura, embora leal e justa» e com vivas à CDU e ao concelho de Vimioso.

Vizela

Apresentados candidatos

Com a participação do camarada António Lopes, membro da Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português, realizou-se no passado domingo, no Centro de Trabalho de Vizela, um Encontro Concelhio da CDU onde se apresentaram os cabeças de lista da coligação aos órgãos autárquicos daquele concelho. Assim, a lista da CDU à Câmara Municipal de Vizela será encabeçada por José Manuel Faria, 39 anos, professor do Ensino Secundário. Membro do PCP, é eleito na Assembleia de Freguesia de S. Miguel e coordenador da Comissão Concelhia.

Quanto à Assembleia Municipal, será apresentado como primeiro candidato Joaquim Pacheco, 57 anos e analista de laboratório de profissão. Natural de Vizela, milita no PCP desde 1974.



José Manuel Faria

Portimão

Servir as populações

Num jantar comemorativo do 25 de Abril, com 150 participantes, a CDU apresentou os seus primeiros candidatos à Câmara Municipal, Assembleia Municipal e Assembleia de Freguesia de Portimão.

Manuel José Canelas, cabeça de lista à Câmara, natural de Portimão, é presidente do Sindicato dos Agentes Técnicos de Arquitectura e Engenharia, foi dirigente da Sociedade Filarmónica Portimonense e da Associação de Pais da Escola Poeta António Aleixo, sendo também membro da Comissão Concelhia de Portimão do PCP.

Foram igualmente apresentados os cabeças de lista à Assembleia Municipal, Rui Sacramento, empresário, e à Assembleia de Freguesia de Portimão, Joaquim Mealha, professor assistente do ensino superior.

Luís Catarino, dirigente nacional da ID, mandatário concelhio, não pôde estar presente, tendo sido lida uma saudação que enviou.

Manuel José Canelas, manifestando-se sensibilizado pela confiança em si depositada, expressou o seu compromisso e determinação na concretização do projecto colectivo da CDU pela felicidade e melhoria da qualidade de vida dos portimonenses.

O candidato realçou o objectivo de servir as populações como traço marcante da candidatura da CDU, assim como a sua confiança em que os portimonenses expressem o apoio

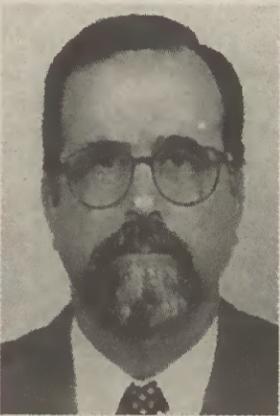
necessário ao retorno da CDU à vereação da Câmara Municipal.

No final usou da palavra José Neto, da Comissão Política do PCP e responsável da DORAL, que abordou vários aspectos da situação política nacional e das próximas eleições autárquicas, tendo considerado ser «imperioso alterar, nestas eleições, o quadro actual de bipolarização PS/PSD no nosso distrito, tanto mais que os principais problemas do desenvolvimento regional se agudizam, reflexo da incapacidade destes dois partidos conduzirem, quer no governo, quer nas autarquias locais, políticas adequadas aos interesses da região».

José Neto referiu ainda que «também aqui, em Portimão, confiamos que é possível crescer em votos e mandatos e alcançar de novo uma presença digna ao nível do executivo camarário, para além de outros órgãos autárquicos. É com essa confiança que

quero saudar os nossos candidatos, agora apresentados, assegurando-lhes todo o nosso apoio e empenhamento para que os objectivos sejam atingidos, designadamente a sua passagem de candidatos a eleitos da CDU».

A concluir, sublinhou que «o crescimento do PCP e da CDU nas próximas eleições não é apenas uma garantia de mais trabalho em prol dos cidadãos e da região, mas uma forma de reforçar a nossa influência política para melhor responder aos desafios e problemas do Algarve».



Manuel José Canelas

Álvaro Cunhal homenageia
Bento Caraça

Uma figura de luta e de cultura

As homenagens a Bento de Jesus Caraça prosseguem em todo o País. Também em Vila Viçosa, a terra que viu o nascer, lembrou o grande matemático. Álvaro Cunhal, em saudação, sublinha o seu papel social.

Vila Viçosa, a terra natal de Bento de Jesus Caraça, foi palco de mais uma homenagem a este matemático e humanista. A sessão pública, organizada pela CGTP-IN, teve lugar no Cineteatro Florbela Espanca, no passado dia 21, com a apresentação de uma exposição sobre Caraça, um recital de poesia, um espectáculo de um grupo coral alentejano e uma conferência proferida pelo professor Borges Coelho. Na ocasião, o presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa lançou um concurso público para a concepção de um monumento a Bento Caraça.

Papel ímpar

Álvaro Cunhal enviou uma saudação à conferência, lembrando que «é uma exigência histórica a homenagem a um homem

que, no século que agora finda, desempenhou tão importante papel na vida cultural e na luta do povo português pelas mais justas causas».

«Professor catedrático de matemática, sempre ligado às suas origens sociais, desempenhou ímpar papel na formação de quadros; na criação em jovens do gosto pela ciência, pela cultura e pelas artes; e na democratização dos conhecimentos, de que é testemunho a sua inspirada direcção da edição de numerosos e valiosos estudos na colecção Cosmos», salientou.

«A sua luta política desenvolveu-se particularmente no mais amplo movimento unitário clandestino (o MUNAF, o Conselho Nacional e o MUD), na luta contra a ofensiva hitleriana e pela paz (Movimento Amsterdam-Pleyel), na organização dos Amigos da União

Soviética e na valorização da construção da sociedade socialista. A ditadura não lhe perdoou esta múltipla actividade. Foi perseguido, demitido do professorado, preso nos cárceres da Pide», referiu Álvaro Cunhal.

«No seu pensamento e na sua intervenção, tiveram lugar central inspirador conceitos e sentimentos político-éticos. Isso explica a aparente contradição entre o militante que foi da resistência activa contra o fascismo e o encantamento que lhe provocavam os heróis indianos da resistência passiva.»

«A homenagem a Bento Caraça não pode limitar-se a um registo neutro de factos e acontecimentos, por muito exaustivo e útil que seja. Prestando homenagem a Bento Caraça é imperativo tirar lições da sua vida e, à distância, continuarmos a aprender com ela», lê-se na saudação.

Álvaro Cunhal recorda ainda que «Bento de Jesus Caraça foi um activo militante do PCP. Para mim, um próximo camarada e amigo».

Um livro de Américo Leal Quem Somos? — Testemunhos

Américo Leal lançou na passada sexta-feira, em Sines, sua terra natal, mais exactamente no Salão Nobre da Câmara Municipal, o seu livro «Quem Somos? — Testemunhos», numa cerimónia integrada nas comemorações do 27.º aniversário da Revolução de Abril. Numerosos camaradas e amigos do autor encheram completamente a sala, que transbordava, mobilizando-os a vontade de participarem nesta iniciativa que se transformou, pela palavra dos intervenientes, também em homenagem ao resistente antifascista que foi Américo Leal e ao democrata e militante que continua a ser.

Para além do autor, tomaram lugar na mesa Durval Ferreira, da União dos Resistentes Antifascistas Presos, que passou a apresentar e a dar a palavra a Manuel Coelho, presidente da Câmara Municipal de Sines, a Francisco do Ó Pacheco, antigo presidente da edilidade e actual presidente da Assembleia Municipal, a Valdemar Santos, membro do Comité Central e da Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP, a Manuel

Martins, membro da Direcção da Organização Regional do Litoral Alentejano do PCP, e a Paulo Coutinho, autor do prefácio do livro.

Falando em primeiro lugar, Manuel Coelho, salientando a importância do acto que ali se realizava, sublinhou o carácter de homenagem que a sessão integrou. Homenagem ao «homem trabalhador, ao resistente antifascista, ao lutador pela liberdade, exemplo e testemunho que enriquece Sines, homem discreto e de grande dignidade».

Por sua vez, Valdemar Santos recordou alguns passos da vida e do carácter de Américo Leal, militante comunista que foi membro do Comité Central do PCP durante trinta anos e, após a Revolução de Abril, responsável, na DORS, por várias frentes de trabalho.

Paulo Coutinho, que afirmou ser o livro «não apenas um olhar sobre o passado mas um olhar de esperança sobre um futuro melhor para o nosso país», lembrou as origens operárias do autor, natural de Sines, onde tornou após o 25 de Abril e ali foi recebido entusiasticamente

pela população, e falou das batalhas travadas em diferentes épocas do século pelos sineenses, pela causa da liberdade e por uma vida melhor.

Por fim, Américo Leal, dirigindo-se aos presentes, nomeando autarcas, membros de Direcções Regionais do PCP, membros da URAP e tantos amigos e familiares, e destacando a presença de Sofia Ferreira, Georgette Ferreira e João Honrado, esclareceu que este livro que apresentava não tinha pretensões literárias, mas pretendia constituir um testemunho sobre o que fez o povo de Sines ao longo do século findo. E, não pretendendo situar-se apenas numa força política e sem no entanto comentá-las a todas, acrescentou que o seu livro procurou fixar-se sobretudo nos trabalhadores e no povo, nas suas aspirações, carências, reivindicações e lutas. Américo Leal terminou com um apelo — a construção de um monumento aos resistentes antifascistas, em relação aos quais o povo de Sines tem uma dívida de gratidão.



Crónica breve em dia de Festa

• Jorge Sarabando

25 de Abril no Porto, na passada semana. Um acaso

levou-me a seguir um longo percurso a pé até ao local de início do desfile, junto ao edifício da ex-Pide, em volta do busto que perpetua a memória de Virgínia Moura.

(Se estivesse viva, ali estaria entre nós, com o seu sorriso aberto, o abraço fraterno, a voz calorosa, o entusiasmo que não conhecia sombras ou incertezas — quem a conheceu como pode esquecê-la?)

Ano após ano, a comemoração foi sempre diferente. Os tempos iniciais da Revolução, vibrantes, combativos, em que sonhos e aspirações desciam à rua de braço dado. Depois de 1975, o discurso do poder dominante, novembrista, tornou-se agressivo.

A reconstituição do poder económico foi-se fazendo, com as adaptações constitucionais necessárias, mas a Avenida dos Aliados continuava um imenso palco de luta e de festa.

Tantas histórias por dizer

Hoje, arredados os feirantes pela Câmara, já sem ar tão garrido de romaria, a Avenida volta a encher-se de gente e o desfile dos cartazes enumera os grandes problemas colectivos, que fazem parte do programa de Abril e exigem uma política diferente — para que «Abril se cumpra».

Enquanto a direita, ousada e com os favores mediáticos, faz o discurso demagógico da «compaixão» e contra «os políticos», que esconde a pior das políticas, o discurso mais corrente também se modificou, amaciou, arredondou-se, pontuado agora por generalidades amáveis e votos piedosos em torno da liberdade e da democracia.

A realidade concreta é bem mais amarga e desapiedada.

É preciso andar a pé numa cidade para lhe tomar o pulso, para nos aproximarmos da sua alma. Conhecer a sua gente, rostos, silêncios, olhares, gestos, pequenos nada que são tudo. Tantas histórias há por dizer...

A cidade

A cidade mudou, envelheceu no Centro Histórico, criou e deixou degradar os seus guetos, afastou para o arquipélago de betão das periferias autocarros e comboios de gente nova, que depois vai e vem todos os dias.

Há mais miséria exposta e muito mais escondida, que a todo o momento se desvela, interpela e silenciosamente acusa. A pausa e a festa do dia santo da cidadania deram lugar a um assomo de bulício de dia normal de trabalho.

Os supermercados estão abertos, a construção civil, em ruas e prédios, em obras particulares e públicas, regurgita de azáfama e camartelos, alguns comerciantes não abrindo as portas, enquanto empreiteiros de sucesso passeiam nos Mercedes a brilhar as esposas oficiais, pois sempre é feriado. O 25 de Abril vai sendo, assim, lentamente diminuído e envolto nas dobras da acumulação despolvorada do lucro, e no funcionamento da economia, onde o pequeno comércio se afunda na crise e os trabalhadores são obrigados a trabalhar mais e mais tempo. Para o próximo 1.º de Maio anunciaram-se novos casos de empresas que laboram quando deviam estar encerradas.

Mas como se pode falar em liberdade e democracia quando o trabalho e os trabalhadores são assim desvalorizados, quando direitos e conquistas sociais são assim sacrificados?

25 de Abril sempre!...





Povo reitera nas ruas fidelidade aos valores da Revolução

25 de Abril, sempre!

O povo voltou a encher as ruas para comemorar a liberdade reconquistada há 27 anos. Milhares de pessoas evocaram o 25 de Abril de 1974, afirmando, com esse gesto, a sua fidelidade aos valores que nortearam a gesta heróica dos capitães de Abril. Valores de paz, democracia, progresso que os jovens oficiais, sabendo interpretar o sentir do povo que resistiu e lutou, erigiram como seu pondo corajosamente cobro a 48 anos de ditadura fascista. Reiterá-los, sem desânimos, incorporando novos anseios e expectativas, foi o que fizeram quantos desceram às ruas e praças em muitas localidades do País. Mantendo viva a chama da confiança. Ponto alto das comemorações foram de novo as cidades de Lisboa e Porto. Na capital, um caudal humano inundou a Avenida da Liberdade. Foi de novo a festa, num mar de cor e movimento. As palavras de ordem lembrando Abril e, sobretudo, como o futuro – um futuro melhor – se constrói com as lutas do presente. Foi esse desejo de participação e partilha, respondendo ao apelo da comissão promotora da manifestação, que levou dezenas de milhares de portugueses a integrarem-se no desfile que desceu do Marquês do Pombal aos Restauradores. Enquadrados por muitas dezenas de organizações e estruturas populares, sindicatos, associações culturais, juvenis, de reformados, de imigrantes, colectividades. Eram jovens, mulheres, trabalhadores, reformados. De cravo ao peito, empunhando bandeiras – vermelhas, muitas –, como muitos eram os panos e faixas com inscrições alusivas à festa mas também às lutas que dão impulso às transformações por uma vida melhor. Gritando consignas que expressavam um forte desejo de mudança. Por uma política diferente e de esquerda. Por melhores reformas e pensões. Por melhor emprego e melhores salários, como reivindicaram os trabalhadores da administração central e local. Expressando firmemente o seu repúdio pela política económica de matriz neoliberal que persiste numa acção privatizadora que delapida o melhor do património público. Contra o encerramento de empresas e a eliminação de postos de trabalho, testemunhada, por exemplo, no grande pano erguido pelo trabalhadores da Indelma. Contra a precariedade. E também contra a repressão e outra formas de coacção que restringem direitos associativos e querem impor o silêncio, situação rejeitada pelos profissionais das forças de segurança, como a GNR, que sinalizaram essa afronta desfilar de boca tapada. Por melhor ensino, exigência continuamente reiterada pelos estudantes nas escolas e nas ruas.

Em suma, por uma política de desenvolvimento que sirva os interesses dos trabalhadores e do País. A mesma linha de rumo defendida pelos 3250 cidadãos que subscreveram o abaixo-assinado posto a circular no decoreta da manifestação de Lisboa, onde exigem dos poderes públicos uma intervenção no sentido de garantir que as soluções preconizadas para o Alqueva, nas suas várias valências, cumpram o desiderato de fazer deste empreendimento um instrumento estratégico de desenvolvimento regional e local, capaz de combater a desertificação e o envelhecimento do Alentejo. Como salientava o apelo subscrito pelas organizações que integravam a comissão promotora - Associação 25 de Abril, Associação Intervenção Democrática, Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional, Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, PCP, PEV, PS, BE, UGT e União dos Resistentes Antifascistas Portugueses - «participar nas comemorações, sendo uma forma de «manter viva a memória colectiva», é também a maneira de afirmar que «um futuro melhor se constrói a partir de um modelo de desenvolvimento que responda aos problemas políticos e económicos e sociais do presente». Foi dessa mensagem que foram portadores os homens, mulheres e jovens que participaram nestas comemorações do 25 de Abril e para quem essa celebração, nos dias que correm, como lembra o documento, é sobretudo «reafirmar valores que darão substância a uma sociedade solidária, aberta e progressista», afirmando simultaneamente a sua «firme determinação de os continuar a defender no quadro de uma democracia que, por via disso, se vitalize e aprofunde».



JCP de Braga conclui campanha «Direitos não se pagam, conquistam-se», depois de cinco meses de contactos com estudantes e associações académicas

Lei de financiamento é inimigo a abater

A JCP de Braga deu por concluída a campanha dirigida ao ensino superior «Direitos não se pagam, conquistam-se», lançada em Novembro do ano passado. O encerramento foi feito com a divulgação das conclusões da iniciativa, entretanto apresentadas na Assembleia da República pelo Grupo Parlamentar do PCP.

O grande problema apontado nos encontros que a JCP manteve com as associações académicas é o subfinanciamento das instituições do ensino superior público. «A actual lei de bases do financiamento é injusta, levando ao estrangulamento financeiro dos estabelecimentos e, consequentemente, à degradação da qualidade do ensino», afirmaram os jovens comunistas na conferência de imprensa.

Como consequência desta política do Ministério da Educação, a acção social escolar é insuficiente e mal distribuída, com apoios directos irrisórios (nomeadamente as bolsas de estudo) e escassas infra-estruturas de apoio social (cantinas, residências, serviços médicos, etc.).

A JCP refere ainda o insucesso escolar como fruto desta situação, bem como a dificuldade em arranjar emprego: «É curioso constatar que, num país onde existe

um défice de qualificação técnica e científica, existem milhares de licenciados no desemprego.»

A palavra aos estudantes

Hoje, a Universidade do Minho tem poucas actividades culturais

No encontro com a Associação Académica da Universidade do Minho (AAMU), destacou-se o subfinanciamento crónico, gerador da fuga das receitas das propinas dos estudantes para o pagamento das despesas da instituição. Segundo a associação académica, esta situação está a gerar uma série de problemas de ordem pedagógica e social e já provocou o corte substancial de actividades culturais e desportivas.

Considerando que a Universidade do Minho é desfavorecida quanto ao financiamento público (é a terceira do País, com 16 mil alunos), a AA critica também a criação de novos cursos, que julga



Paralelamente aos protestos dos estudantes, a JCP manteve reuniões com as associações académicas

serem desapropriados e desajustados da realidade e que não correspondem às necessidades do mercado de trabalho. Além disso, os estudantes afirmam que o plano curricular destas licenciaturas é quase idêntico ao de outros que já existem.

Os estudantes estranham ainda que não exista apoio financeiro à actividade desportiva, precisamente na instituição do ensino superior que apresenta a maior taxa do País de prática desportiva, cerca

de 30 por cento. Por seu lado, a Associação de Estudantes do Instituto de Estudos Superiores de Fafe (AEIESF) aponta como problema central a não aplicação da Lei de Organização e Ordenamento do

Ensino Superior, que prevê a possibilidade de certos cursos poderem ser organizados em sistema bacharelato + licenciatura, o que aliás acontece na maioria das escolas politécnicas do País. No entanto,

esta situação não se verifica no IESF, onde existem apenas bacharelatos. Desde 1996, esta instituição apresentou vários requerimentos nesse sentido, mas todos foram diferidos.

EPPET pública mais um ano

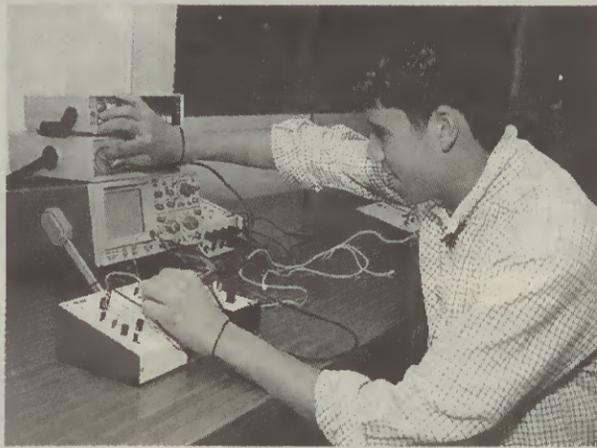
Os alunos e a associação de pais da Escola Profissional de Electrónica e Telecomunicações (EPPET) estão novamente de parabéns: o Ministério da Educação e a Direcção Regional de Educação de Lisboa anunciaram que aquela instituição irá continuar pública pelo menos durante mais um ano.

Esta é a segunda vez que o ME recua na intenção de privatizar esta escola pública, caracterizada por ser rentável, ter um índice de sucesso escolar elevadíssimo e contar com saídas profissionais praticamente asseguradas para os seus estudantes. Esta situação é fruto da luta dos encarregados de educação e dos estudantes, que desde o início recusaram a entrega da escola para mãos privadas e duvidaram das verdadeiras

intenções do Ministério. A associação de pais defende agora a criação de duas turmas para o próximo ano lectivo, de forma a diminuir os custos fixos e a permitir que mais alunos possam ser admitidos na escola. Anualmente, cerca de cem jovens candidatam-se a esta institui-

ção, mas a oferta é de pouco mais de vinte vagas.

Outra reivindicação dos encarregados de educação é a existência de novas instalações, maiores e mais funcionais, e a construção de um laboratório de físico-química, com custo avaliado em quatro mil contos.



JCP denuncia Concelho de Sintra está a degradar-se

A Organização Concelhia de Sintra da JCP saúda o 27.º aniversário do 25 de Abril e apela a uma profunda introspecção do poder central e autárquico. E denuncia os grandes problemas que se vivem no concelho, particularmente pela juventude, desde a toxicoddependência aos problemas habitacionais.

O ensino é a primeira questão abordada. «A educação, paixão de um Governo rosa, passou de esposa, em campanha eleitoral, a amante, aquando da tomada de posse do poder. A educação ainda não é a estrela da Dr.ª Edite», acusa a JCP.

Só nas escolas secundárias, falta construir nove pavilhões gimnodesportivos. Dos 10 previstos, apenas um está acabado. Para os jovens comunistas, esta situação, aliada às «miseráveis» condições materiais e humanas, é uma das causas do insucesso escolar.

A insegurança é cada vez mais um factor preocupante em Sintra. A JCP sublinha que a resolução deste problema passa por políticas estruturais: «A solução não é o aumento do policiamento, pois os polícias também são humanos e muitas vezes são os mais prejudicados. A solução é a revisão do processo judicial. Mas, enquanto neste país se der mais importância ao «Big Brother», as coisas continuarão a piorar.»

A toxicoddependência é apontada como uma doença e refúgio para muitos jovens

que não contam com os apoios que necessitam a nível social, económico, cultural e desportivo.

A este tema estão intimamente ligadas várias questões, nomeadamente a falta de oportunidade de trabalho «para aqueles que são na verdade a força activa da produção e rentabilização do nosso concelho» e a degradação do parque habitacional.

«Várias construções estão degradadas, efectuadas num exagero vertical, sem qualidade, mas altamente rentáveis», denuncia a JCP. «Os bairros degradados continuam, com a miséria à vista de todos, excepto daqueles que andam nas zonas privilegiadas e nem sequer conhecem os seus municípios.»

As acessibilidades também são lembradas. «Mais de um ano foi perdido na vida de cada um de nós, devido às «proveitosas» filas de trânsito», comenta.

Os jovens comunistas referem ainda o ambiente: «As ruas não têm limpeza, não existem campanhas de prevenção a favor da saúde pública, não há um sistema público com os meios necessários para servir a população.»

«Devemos lembrar que já lá vão 27 anos desde a Revolução de Abril e perguntar: «Será esta juventude «rasca» por querer resolver os seus problemas?», concluem.

Campanha pela infância

«Diga sim às crianças» é o nome da nova campanha da UNICEF e do Movimento Global para as Crianças, lançada na semana passada, em várias capitais mundiais. O objectivo é criar uma base de apoio que pressione os líderes mundiais a cumprirem os compromissos assumidos em nome da infância, nomeadamente em áreas como a esco-

larização, a saúde e o trabalho. Contando com o apoio de numerosas personalidades, como o antigo presidente sul-africano Nelson Mandela ou o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, esta campanha distribuirá boletins de voto pelos quatro cantos do globo e entregá-los-á aos líderes mundiais reunidos na Sessão Especial da ONU dedicada à

infância, que se realiza em Setembro.

Em Portugal, a campanha é lançada a 1 de Junho, data em que se comemora o Dia da Criança.

O Movimento Global para as Crianças foi lançado em Maio do ano passado por Nelson Mandela e Graça Machel e junta organizações e cidadãos de todo o mundo.

O desporto de massas como pilar do desenvolvimento

• José Pedro Rodrigues

JCP defende democratização do desporto

A prática desportiva e o acesso ao desporto foram algumas das questões debatidas no sábado, numa iniciativa sobre o tema organizada pela JCP, em Gondomar.

A exigência de uma nova política desportiva para o País foi o mote para a iniciativa nacional sobre o despor-

to. Local, associações, colectividades, os clubes e o Movimento Associativo Popular em geral, foi uma das princi-

palidades, integrada no processo de desenvolvimento global do País.

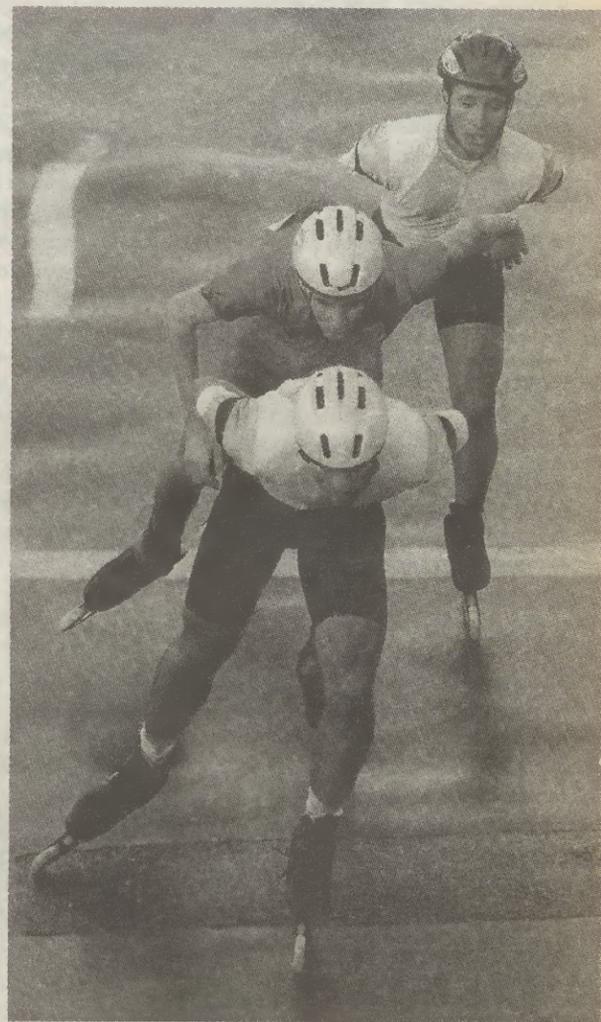
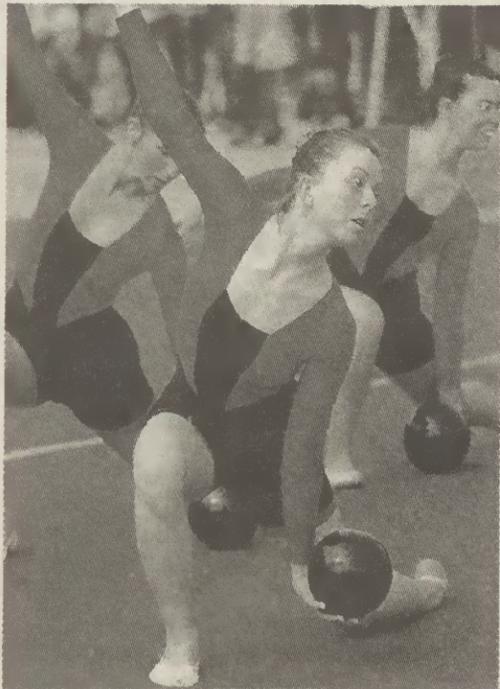
No sentido de promover um olhar atento e orientar uma acção frutí-

Menos de sete por cento dos alunos têm acesso ao desporto na escola

ferosa, favorecendo prioritariamente a formação, «investimento que terá de passar pelo reforço do apoio às colectividades e clubes que detêm, em muitos casos, a res-

ponsabilidade de formar jovens desportistas».

«A iniciativa terminou sob o signo do «desporto para todos» relembrando, que a prática desportiva tem de constituir-se como o «suporte para o pleno desenvolvimento do indivíduo sobre todos os aspectos» e «base de um desenvolvimento mais saudável e sustentado do País».



to que a JCP organizou, na Escola Preparatória do Monte da Burra, em Gondomar.

Num momento de convívio e verdadeiro desportivismo, várias dezenas de jovens puderam confraternizar e debater o desporto como fonte de bem-estar e de são relacionamento colectivo, criticando a degradação de vários sectores da prática desportiva, fruto da desresponsabilização do Governo no seu fomento e generalização.

Numa iniciativa que procurou sobretudo chamar a atenção para a importância do desporto como factor essencial de melhoria da qualidade de vida das populações e de humanização da vida social, a JCP promoveu, para além de vários torneios de andebol, basquetebol, futebol e matraquilhos, um debate em torno da situação do Desporto no nosso país, em que participou Paulo Raimundo, membro da Comissão Política da JCP.

A necessidade de generalização da prática desportiva, organizada num esquema que envolva, de forma estrutural, o Estado, o Poder

Dezenas de jovens discutiram a necessidade de investir no desporto

local, as conclusões do debate organizado pela JCP, que considerou ser esta uma abordagem essencial para a criação de um verdadeiro Sistema Desportivo Nacional que tome em justa conta a valorização do ser humano e do progresso social.

Por uma nova política

Como a JCP destaca na moção que foi aprovada por unanimidade durante a iniciativa, «é urgente promover a definição de uma política nacional clara, coerente e ajustada à realidade, que conte com a participação de

ra sobre esta área, a JCP prioriza a necessidade de se alterar a situação no interior do sistema educativo, exigindo «esforços para se resolver a situação da Educação Física no 1.º ciclo do ensino básico, possibilitar o acesso ao desporto escolar pela grande maioria dos alunos e promover a melhoria das condições materiais e das condições de leccionação da actividade desportiva nas escolas dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e secundário».

Em simultâneo, a criação de condições materiais deve corresponder a critérios objectivos e deve ser coordenada entre o poder local e o

responsabilidade de formar jovens desportistas».

Autarquias equilibram

O desporto para os trabalhadores, como factor de desenvolvimento humano e social e de acréscimo na produtividade e bem-estar, constitui uma das exigências dos jovens comunistas, bem como à prática de desporto de idosos e de pessoas com deficiências físicas.

A importância do poder local na construção de um sistema desportivo nacional, coerente e democrático foi igualmente lembrada, tendo

Desporto escolar

Balanço muito negativo

A valorização da prática do desporto escolar, quer ao nível do ensino básico e secundário quer ao nível do desporto universitário, foi um dos temas colocados em discussão, tendo sido protestada, a respeito, a necessária responsabilização do Estado na criação de condições infra-estruturais e no planeamento de horários e currí-

culos que fomentem esta nível de prática desportiva.

A situação crítica do desporto no ensino pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico esteve igualmente presente nas preocupações levantadas no debate, tendo sido contudo sublinhado o trabalho que algumas autarquias realizam nesta área, muitas vezes sem o

devido acompanhamento do Ministério da Educação.

Toda esta situação de carência, agravada por baixos índices de prática desportiva, tem tendência a piorar se forem concretizadas propostas governamentais como, por exemplo, a supressão da disciplina de Educação Física. Tendo em conta que o despor-

to escolar - apesar de ser um factor básico de desenvolvimento desportivo e de formação da juventude - não chega a integrar sete por cento dos alunos, são justificadas as preocupações que se colocam ao futuro do desporto popular, assim que é colocada precocemente em xeque a própria formação de desportistas.



As propostas da JCP

- Definição de uma política desportiva nacional;
- Criação de um sistema desportivo nacional, democrático e participado;
- Combate à violência no desporto;
- Investimento na criação de infra-estruturas desportivas;
- Apoio ao associativismo desportivo;
- Desenvolvimento do desporto de alta competição através da criação de infra-estruturas de apoio técnico e material aos jovens atletas e de condições para a detecção de qualidades;
- Criação, em todas as escolas do ensino básico, secundário e superior, de condições para que sejam possíveis a Educação Física e a prática desportiva de lazer;
- Promoção e potenciação da prática desportiva dos jovens, elevando a sua participação;
- Promoção do desporto nos locais de trabalho, de forma a envolver os trabalhadores;
- Igualdade e dignificação da prática desportiva para os deficientes;
- Elevação do espírito desportivo entre a juventude, caracterizando a prática desportiva a raízes populares, de lazer e de massas;
- Divulgação junto dos jovens dos ideais genuínos do Olimpismo e do respeito pelos outros na prática desportiva.

O País em derrapagem

• Sandra Pimenta

António Guterres chegou ao poder em 1995. Todos se recordam das promessas feitas aos portugueses pelo então candidato a primeiro-ministro, de tornar Portugal tão ou mais competitivo em relação aos outros países da União Europeia (UE). E se melhor o disse, pior o fez!!!

Seis anos volvidos qual o balanço a fazer de tantas promessas? A situação nacional neste momento é marcada pelo permanente agravamento dos problemas do País, em consequência da política governativa. É notória a crescente consciência por parte dos portugueses do desgaste e do descrédito no governo do Partido Socialista.

E o que faz o governo? Apresenta aos portugueses um conjunto de desculpas esfarrapadas para a situação que o País atravessa.

E com que objectivo? Salvar os únicos e verdadeiros responsáveis: a política de direita e os intérpretes dessa política, o Governo do PS. E para quem sobram as culpas? Inesperadamente, ou talvez não, elas foram anunciadas pelo próprio primeiro-ministro, no momento em que acusou os portugueses de serem muito «pouco profissionais».

Depois desta imagem menos positiva, muito pouco credível e abonatória para o País, dada por António Guterres, não é de estranhar, portanto, que o cenário atribuído a Portugal pela Comissão Europeia (CE), ao anunciar as grandes orientações de política económica para 2001, na semana passada, tenha

E quem vai pagar esta vergonha nacional?

As famílias portuguesas, que, segundo a CE, verão o desemprego aumentar dos 4,2% em 2000 para 4,6% este ano e 5,1% no próximo, serão ainda confrontadas com menores salários reais.

Salários perdem poder de compra

O relatório de Primavera prevê que a inflação vá disparar para 3,5% este ano, quando os aumentos para 2001 foram negociados com base na previsão de um crescimento de preços de apenas 2,8%, meta inicial do governo português.

Recentemente, o ministro Pina Moura reviu o objectivo de inflação para 3,1%, mas, a avaliar pelas contas da Comissão não será mais uma vez cumprido.

A confirmarem-se as previsões de Bruxelas, Portugal registará três anos consecutivos de empobrecimento face à UE.

Um cenário que não é partilhado pelo Governo que recentemente baixou as previsões de crescimento para 2001, de 3,3% para 3,0%, valor que continua, ainda assim, acima do avançado agora pela Comissão.

Além de reflectir, via exportações, o abrandamento externo, a economia portuguesa também está a ser vítima da desaceleração progressiva da procura interna, sobretudo do consumo privado, após anos de forte crescimento



deixado alguém espantado, e muito menos o nosso governo que alegadamente tudo fez para impedir esta situação.

No entanto, Portugal continua (e continuará) muito mal em termos de padrões europeus. Senão vejamos: Portugal deverá registar este ano a menor taxa de crescimento (2,6%) e a maior taxa de inflação (3,5%) desde que Guterres se tornou o primeiro-ministro de «todos os portugueses». Mas, como sempre, a «culpa» deste abrandamento nacional é da economia mundial e principalmente da UE, que ao representar mais de dois terços das exportações do País, segundo o governo, impede o consumo interno como principal motor de crescimento.

A CE chegou mesmo a aconselhar Portugal a dar mais importância à flexibilização dos mercados de trabalho, a moderar os salários e a tomar medidas para facilitar os despedimentos e as contratações.

sustentado pelas baixas taxas de juro proporcionadas pela adesão à moeda única.

Quanto às contas públicas, de acordo com as previsões de Primavera da Comissão Europeia, Portugal não deverá cumprir as metas orçamentais a que se propôs no programa de estabilidade e crescimento revisto, apresentado em fins de fevereiro deste ano.

Resumindo e concluindo, Portugal não cumpriu nenhuma das metas a que se propôs atingir e isto não é mais que um reflexo do fracasso do governo do PS, que traduz fundamentalmente o insucesso da política de direita, regida por interesses capitalistas, que o governo do PS, em aspectos essenciais e determinantes, deu continuidade e desenvolvimento.

Todos sabemos que as previsões são o que são e valem o que valem... mas a continuar assim, o Governo não pode ficar à espera que as previsões do próximo ano sejam mais favoráveis.



Perto de 35 mil bovinos foram comprados pelo Estado português para destruição

Comité veterinário efectua nova inspecção às explorações portuguesas

O fim do embargo?

A Comissão Europeia vai enviar a Portugal uma missão veterinária para verificar o cumprimento das medidas necessárias para o levantamento do embargo aos produtos bovinos portugueses.

Do resultado da inspecção, que decorrerá entre 16 ou a 23 de Maio, depende o reinício das exportações proibidas desde Novembro de 1998 devido ao elevado número de casos de encefalopatia espongiforme bovina (BSE) registado no nosso país.

No entanto, segundo o ministro da Agricultura português, a Comissão Europeia deverá levantar o embargo durante o mês de Junho, de forma a honrar um compromisso assumido no final do ano passado. Em declarações citadas pela Agência Lusa, Capoulas Santos mostra-se optimista acreditando que o processo não deverá ser atrasado pelo tempo que a missão veterinária demorar a efectuar o relatório da inspecção - que em muitos casos chega a três meses.

Como explicou o governante, existe o compromisso de que o levantamento aconteceria após Portugal ter instalada a capacidade para fazer testes rápidos, o que acontece desde o final de Março. Acresce que a tendência de

descida do número de casos positivos por milhão de bovinos (incidência) tem vindo a acentuar-se, podendo, até ao final do ano, descer abaixo dos cem casos, considerado o limite de risco.

Quebra no consumo

Entretanto, de acordo com dados da Comissão Europeia divulgados na passada semana no Luxemburgo, o consumo de carne de vaca em Portugal diminuiu 20 por cento desde o início da crise da BSE, em Outubro do ano passado. No mês de Março, este valor era de 25 por cento, o que revela uma ligeira tendência de crescimento da procura no nosso país.

No conjunto dos Quinze, o consumo diminuiu 18 por cento desde a mesma altura, assinalando-se uma melhoria considerável em relação a Março, em que a quebra na procura atingiu os 25 por cento. De acordo com dados divulgados, a Alemanha regis-

tou a maior quebra de consumo (40 por cento), seguida da Itália (30 por cento) e Grécia (25). Espanha e França apresentam os mesmos valores de Portugal. No mesmo período, a Bélgica registou uma diminuição do consumo de cinco por cento, número igual ao do Luxemburgo, seguida da Suécia (três por cento) e a Finlândia (dois).

O ministro da Agricultura português tem afirmado que a diminuição do consumo em Portugal atinge em particular os produtos importados, ao contrário da carne nacional que teria mesmo sofrido um ligeiro acréscimo.

Em termos de preços da carne, os dados disponíveis indicam um ligeiro aumento (nas novilhas nomeadamente) a nível europeu, à excepção das vacas. Os mesmos dados indicam que o número de animais portugueses que entraram no esquema de compra para destruição foi de 34,7 mil, num total europeu de 481.881 animais, para o qual contribuíram a França (155 mil), Irlanda (189 mil), Itália (33.460), Alemanha (31.200), Bélgica (17,8 mil), Luxemburgo (3,5 mil), Espanha (16 mil) e Grécia (149 animais). Desde Outubro passado, foram retiradas do mercado europeu 350 mil toneladas de carne, resultantes das medidas de intervenção pública e da compra para destruição.

Ambiente exige nova PAC

A Comissão de Agricultura e do Desenvolvimento Rural do Parlamento Europeu aprovou na passada semana um relatório de parecer elaborado pela deputada, do PCP, Ilda Figueiredo, relativo ao 6.º Programa de Acção da Comunidade Europeia em matéria de ambiente.

Este documento, que será aplicado no período entre 2001 e 2010, é destinado à Comissão do Meio Ambiente, da Saúde Pública e da Política do Consumidor e aborda quatro domínios prioritários: as alterações climáticas; a natureza e a biodiversidade; ambiente e saúde e a utilização sustentável dos recursos

naturais e gestão dos resíduos. A relatora debruçou-se em particular sobre três últimos, considerando que «as pessoas exigem que a água que bebem e os alimentos que consomem esteja livres de poluição e de contaminantes e querem usufruir da beleza dos campos, das costas intactas e das zonas montanhosas bem preservadas».

Neste sentido, Ilda Figueiredo sublinha a necessidade de rever a política agrícola comum em relação ao espaço rural de modo a promover a modificação de processos de produção, a diversificação dos produtos apoiados, a promoção dos produtos regionais

de alta qualidade, tendo em conta a segurança a alimentar, o princípio da precaução e a soberania alimentar, bem como os diferentes níveis de desenvolvimento agrícola na União Europeia.

Segundo a deputada do PCP, para «garantir um desenvolvimento sustentável e a coesão económica e social, as modalidades de apoio interno deverão ter em especial consideração a situação dos pequenos agricultores e da agricultura familiar, assim como a legitimidade de um apoio específico aos bens e serviços de interesse público no quadro da agricultura multifuncional».

Maioria contra alargamento

Uma sondagem do Eurobarómetro, divulgada na segunda-feira pela Comissão Europeia, revela que apenas 34 por cento dos europeus desejam o alargamento da União aos países de Leste. No entanto, 70 por cento dos inquiridos não põem obstáculos à entrada de países como Suíça e Noruega, percentagem que se reduz consideravelmente no caso de Malta (48%), Hungria (46%), Polónia (42%) e 42 por cento para Chipre e República Checa. Da mesma forma, os restantes países candidatos não superam os 40 por cento de opiniões favoráveis. Em pior situação estão países como Estónia, Letónia e Lituânia (37%), Eslovénia e Bulgária (35%); Roménia (33%); e apenas 30 por cento dos europeus vêem com bons olhos a adesão da Turquia.

Europa é potência espacial

O comissário europeu para a Investigação, Philippe Busquin, e o responsável da Agência Espacial Europeia (ESA), Antonio Rodotà, asseguraram na passada semana que a Europa já é uma potência espacial. Os dois responsáveis destacaram como iniciativas mais importantes o programa de navegação por satélite Galileo e o de Controlo Mundial do Meio Ambiente e Segurança (GMES). Busquin salientou a importância da ESA, organismo em que estão representados todos os membros comunitários, incluindo Portugal, à excepção da Grécia e Luxemburgo, notando que apesar de a Europa investir muito menos que os Estados Unidos no sector conseguiu alcançar uma quota de mercado de 50 por cento. A indústria espacial europeia emprega 33 mil pessoas e tem um volume de negócios de 5500 milhões de euros (1100 milhões de contos).

Português no comité antifraude

O presidente do Tribunal de Contas, Alfredo José de Sousa, foi nomeado oficialmente membro do Comité de Vigilância do Organismo de Luta Anti-Fraude (OLAF) dos Quinze, passando a ser uma das cinco personalidades europeias que compõem aquele organismo. A OLAF foi criada em 1999 por decisão das principais instituições europeias com o objectivo de garantir o combate à fraude e à evasão no Orçamento comunitário, apropriação indevida de subsídios, corrupção ou qualquer outra prática que seja lesiva dos interesses financeiros da União. Embora esteja formalmente integrado na estrutura da Comissão Europeia, este organismo dispõe de um estatuto de independência, nomeadamente para efeitos de investigação.

Projeções do FMI e Comissão Europeia Portugal empobrece

A confirmarem-se as previsões de Bruxelas e do FMI, Portugal registará três anos consecutivos de empobrecimento face à União Europeia.

No ano passado, o produto interno bruto (PIB) do país cresceu menos 0,1 pontos percentuais do que a média dos Quinze. Segundo as mais recentes previsões este diferencial aumentará para 0,2 pontos percentuais este ano e 0,3 pontos percentuais no próximo.

Depois de a Comissão Europeia ter revisto em baixa as projecções para Portugal de 2,7 por cento para 2,6 por cento este ano e no próximo, foi a vez de o Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciar, na semana passada, que o crescimento económico do nosso país em 2001 não deverá ultrapassar os 2,4 por cento.

Esta nova previsão fica bem aquém dos 3,2 por cento adelantados pela instituição no

relatório de Outono relativamente ao ritmo de expansão do PIB português. Este clima de pessimismo já tinha de resto sido reconhecido pelo próprio Governo de António

FMI é ainda mais pessimista que a UE nas previsões para a economia portuguesa

Guterres quando, em 11 de Abril, baixou as expectativas de crescimento do PIB em 2001 de 3,3 por cento para três por cento. A culpa da desaceleração da actividade económica foi atribuída à crise da economia mundial, sobretudo da União Europeia (UE) que representa mais de dois terços das exportações do país.

Desemprego aumenta

O chamado arrefecimento da economia terá ainda como

consequência o aumento do desemprego em Portugal. De acordo com os dados da Comissão a taxa de desemprego passará de 4,2 por cento em 2000 para 4,6 por cento em 2001 e para 5,1 por cento em 2002, ficando em biveis similares a 1997/98. Mais uma vez a tendência do nosso país é inversa à da UE onde se prevê uma redução continuada da taxa de desemprego.

Ao nível da balança comercial, o défice permanecerá acima dos 13 por cento negativos do PIB durante o período 2000-2002. A balança de transacções correntes regista um défice de 10,2 por cento do PIB em 2000, mantendo-se acima dos 9 por cento até 2002.

A inflação continuará em alta, passando de 2,8 em 2000 para 3,5 por cento no presente ano, prevendo-se que baixe em 2002 para 2,3 por cento. Por outro lado, a produtividade crescerá 1,6 por cento em 2001 e 1,9 por cento em 2002, mas em con-

trapartida prevê-se uma redução dos custos unitários salariais reais em -2,2 por cento, em 2001, e -0,4 por cento em 2002.

Aterragem dos EUA

De acordo com os cálculos de Bruxelas, o crescimento nos Quinze e nos Doze da zona euro deverá abrandar de 3,4 por cento em 2000, a maior taxa da última década, para 2,8 por cento este ano. No Outono as projecções apontavam para um abrandamento para 3,1 por cento na UE e 3,2 por cento na Euro-landia.

Contudo, a desaceleração da economia europeia é apenas em parte reflexo da aterragem brusca dos Estados Unidos da América, onde, segundo a Comissão, o ritmo de actividade económica deverá cair de cinco por cento em 2000 para apenas 1,6 por cento este ano. Segundo a própria Comissão, a crise americana apenas se transmite à Europa através do comércio exterior.

Uma vez que as exportações para os EUA representam apenas cerca de três por cento do PIB da União, estima-se que a contracção das importações americanas se reflectirá negativamente de um quarto a zero por cento no crescimento da UE.

O executivo comunitário acredita ainda que o vigor da procura interna deverá limitar as consequências e que a fraqueza da economia americana não deverá durar, prevendo para o próximo ano um crescimento médio de 2,9 por cento nos Quinze e de três por cento nos EUA.



O desemprego aumentará em Portugal nos próximos dois anos para níveis de 1997/98

BCE receia inflação

Entretanto, o Banco Central Europeu (BCE) manteve inalteradas as taxas de juro da zona euro, depois de o presidente do BCE, Wim Duisenberg, ter afirmado que, «as pressões inflacionistas impedem, de momento, uma redução das taxas de juro».

Esta decisão contraria a opinião de muitos analistas que

alertam para o perigo da actual a conjuntura mundial, com as economias dos EUA e Japão a desacelerar e a Europa a perspectivar algum abrandamento.

Por outro lado, o facto de a inflação nos EUA se situar nos três por cento - acima dos 2,6 por cento da média na zona euro verificada em Março -

não impediu as autoridades norte-americanas de reduzir as taxas de juro em dois por cento, desde o início de Janeiro, para fazer face ao abrandamento da economia.

Acresce que apesar da revisão em baixa do crescimento, o relatório da Primavera da União Europeia mantém nos 2,2 por cento a previsão da

inflação média nos Quinze para este ano, e aponta uma baixa deste índice, em 2002, para 1,8 por cento.

Segundo o Tratado de Maastricht, o BCE tem como único objectivo a estabilidade dos preços na zona euro, definida pela própria instituição com uma inflação inferior a dois por cento no médio prazo.

A luta pelo desenvolvimento

O Grupo Confederal da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Verde Nórdica promoveu, na quarta-feira, uma conferência dedicada à «Luta contra o empobrecimento dos países menos desenvolvidos: do discurso à realidade», que teve como principal objectivo antecipar a 3.ª Conferência das Nações Unidas sobre os países menos desenvolvidos, a realizar

entre os dias 14 e 20 de Maio. Esta conferência das Nações Unidas irá debater o empobrecimento acelerado dos 49 países menos desenvolvidos (PMD), que representam 610 milhões de pessoas, ou seja, mais de 10 por cento da população do planeta.

As principais instituições mundiais, tais como o FMI, o Banco Mundial, os G7 e a OMC, já anunciaram progra-

mas de acção para apoiar os PMDs. Por seu lado, a União Europeia adoptou um programa intitulado «tudo menos armas» que visa favorecer as exportações destes países para os mercados europeus.

Com a sua iniciativa, o Grupo da Esquerda Unitária, que os eurodeputados do PCP integram, pretendeu analisar as propostas e a sua concreti-

zação, bem como debater medidas alternativas de combate ao empobrecimento dos PMD e dos países subdesenvolvidos.

Os trabalhos, dirigidos pelo presidente do grupo, Francis Wurtz, foram concluídos por Joaquim Miranda, deputado do PCP e presidente da Comissão Parlamentar para o Desenvolvimento e Cooperação.

Dois dólares por dia

Quase 1,2 mil milhões de pessoas, cerca de um em cada cinco habitantes do planeta, vivem em situação de pobreza extrema, com menos de um dólar (220 escudos) por dia, revelam os Indicadores de Desenvolvimento Mundial 2001, do Banco Mundial. Contudo, são mais do dobro, 2,8 mil milhões, mais de 45 por cento da população da Terra, aqueles que vivem também em situação de pobreza, com menos de dois dólares diários (440 escudos por dia, cerca de 13 contos por mês).

Segundo o Banco Mundial, mesmo nos cenários mais optimistas, em 2015 ainda haverá 2,3 mil milhões de pessoas a sobreviver com menos de dois dólares diários. O número dos que viviam em situação de pobreza extrema no mundo, com menos de um dólar por dia, diminuiu entre 1990 e 1998, mas tal deve-se a um número limitado de países, em particular à China. Excluindo a China, o número de pessoas que têm menos de um dólar por dia aumentou de 916 milhões em 1990 para 961 milhões (mais 4,9 por cento) em 1998. Entre 1990 e 1998, o número dos que sobrevivem em situação de pobreza extrema aumentou na Ásia do Sul (de 495 milhões para 522 milhões), na África subsahariana (de 242 milhões para 302 milhões, mais 24,8 por cento) e na Europa e Ásia Central mais do que duplicou, passando de sete milhões para 18 milhões.

Ao contrário do previsto para todas as outras regiões, o número dos que dispõem de menos de um dólar diário deverá continuar a aumentar na África subsahariana até 2015, data em que já ultrapassará a Ásia do Sul. Os Indicadores de Desenvolvimento Mundial 2001 revelam, também que em 1999 morreram dez milhões de crianças com menos de cinco anos, maioritariamente de doenças que poderiam ter sido prevenidas. Calcula-se que nos países em desenvolvimento haverá mais de 150 milhões de crianças em situações de subnutrição.

A África subsahariana apresenta os níveis mais baixos de uso de contraceptivos e a maior percentagem de infectados pelo vírus da SIDA (8,4 por cento da população adulta estava infectada em 1999, contra 0,33 por cento nos países ricos e um por cento de média mundial).

O PIB médio por habitante nos países mais ricos em 1999 era 60 vezes superior ao da Ásia do Sul (440 dólares, ou 97 contos, por habitante e por ano) e situava-se 54 vezes acima do da África subsahariana (490 dólares, ou 108 contos, por ano e por habitante). Na zona euro o PIB por habitante era de 22.250 dólares (4.895 contos).

O Banco Mundial assinala que apesar do compromisso de muitos países doadores em afectar 0,7 por cento do PIB para ajuda ao desenvolvimento, apenas quatro países atingiram essa meta em 1999: Dinamarca, Holanda, Noruega e Suécia.

PCP em Calais

Realizou-se no passado dia 21 de Abril em Calais, França, uma manifestação onde estiveram presentes cerca de 30 mil manifestantes que protestaram contra os despedimentos das multinacionais Danone e Marks & Spencer. A manifestação contou com a presença solidária de alguns partidos comunistas e de esquerda da Europa, entre os quais o PCP, que esteve representado por Graciete Cruz, membro do sector sindical do PCP e da Comissão Executiva da CGTP.

200 mil em greve na Grécia

Mais de 200 mil pessoas tomaram parte, na quinta-feira, numa das maiores greves ocorridas na Grécia dos últimos 25 anos. A participação rondou os 100 por cento nas áreas dos transportes, *media*, indústria, construção, escolas, universidades, saúde, instituições públicas e empresas, entre outras. Em causa estão as reformas dos trabalhadores que irão ser modificadas consoante a sua categoria. O 1.º de Maio será a próxima etapa dos protestos gregos, juntamente com a greve nacional de 17 de Maio marcada pela Confederação dos Trabalhadores da Grécia (GSEE).

GB apoia Colômbia

Dois generais britânicos, o antigo comandante da ONU na Bósnia, Michael Rose, e o antigo Chefe da Segurança da Irlanda do Norte, John Steele, estão há meses na Colômbia, em missão de apoio ao Exército Colombiano, segundo apurou na passada semana o jornal inglês «The Guardian». Entretanto, os Estados Unidos suspenderam o programa de interceptação do tráfico de droga aéreo no Peru e na Colômbia, após o incidente de uma avioneta de missionários norte-americanos que matou duas pessoas.

Confrontos no Sri Lanka

Os recentes confrontos entre o exército cingalês e os rebeldes tamil no Norte do Sri Lanka fizeram, pelo menos, 159 mortos, informaram esta sexta-feira fontes governamentais. Os Tigres de Libertação do Eelam Tamil reconheceram também no mesmo dia ter sofrido 33 baixas nas suas fileiras, e afirmaram ter morto 300 soldados e ferido outros 1200 durante os confrontos que ocorreram esta semana na sequência de uma ofensiva lançada pelo exército cingalês. O executivo do Sri Lanka indicou, por seu lado, que 126 dos seus soldados morreram e 382 ficaram feridos, tendo abatido 180 rebeldes e ferido outros 300. Os rebeldes lutam há cerca de 30 anos pela instauração de um Estado independente no Norte e Nordeste da ilha, onde está concentrada a minoria tamil do país.

O Senado do México reconhece direitos da população indígena... mas fica aquém das expectativas

Índios desapontados com reforma

O Senado mexicano aprovou por unanimidade, dia 25 de Abril, a lei de direitos e cultura indígena, mas a reforma não satisfaz as aspirações dos 10 milhões de indígenas.

A aprovação da lei de direitos e cultura indígena, uma das condições impostas pelos líderes da guerrilha zapatista para recomeçar o diálogo de paz com o governo mexicano, suspenso desde 1996, está longe de corresponder às exigências dos povos índios.

Terá de haver mais pressão indígena para abrir novos caminhos

O texto agora aprovado na generalidade inclui reformas em cinco artigos constitucionais e estabelece os princípios da autodeterminação e autonomia dos povos índios, mas fica aquém do estabelecido no projecto apresentado em 1996 pela comissão parlamentar que resumiu os acordos de San Andrés Larrainzar.

Não obstante as limitações, a nova lei proíbe a discriminação dos 10 milhões de indígenas, os mais pobres dos 40 milhões de pobres do México, e obriga o governo a disponibilizar recursos e a implementar políticas de desenvolvimento para as comunidades índias.

De acordo com o texto legal, aquelas comunidades passam a ter direito a estabelecer as suas formas de organização social, política e eco-

nómica, a aplicar a justiça segundo os seus usos e costumes, e a usufruir dos seus recursos naturais, no âmbito dos limites impostos pela Constituição.

As principais alterações ao projecto inicial foram introduzidas pelo partido governamental, Partido de Acção Nacional (PAN) e pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI), tendo sido aceites «com reservas» pelo Partido Revolucionário Democrático (PRD).

Uma das alterações mais significativas é a que altera o reconhecimento das comunidades indígenas como entidades de «direito público» para entidades de «interesse público».

Um passo insuficiente

Na opinião de Adolfo Regino Montes, do Congresso Nacional Indígena (CNI), apesar do projecto de lei aprovado pelo Senado estabelecer a autonomia dos povos, não define os mecanismos através dos quais vai ser exercida, não incluiu o território das



Os 10 milhões de índios mexicanos são os mais pobres entre os pobres do México

comunidades e não reconhece os índios como sujeitos de direito público, pelo que só se pode concluir que a legislação não reconhece de facto os direitos dos indígenas.

Em declarações ao periódico mexicano *Jornada*, Regino Montes não hesita em afirmar que os legisladores «não ouviram» as exigências dos que dizem defender.

«O que os povos exigem é que a comunidade seja um sujeito titular de direitos e obrigações no âmbito público, mas ao ser considerado como de «interesse público» despojam-nos disso» - afirma.

Também o senador Cárdenas Batel, do PRD, manifestou a sua insatisfação, dizendo ter ficado «com um sentimento de pena e grande frustração» com as omissões do texto legal. Se realmente se pretendia garantir a paz em Chiapas, afirmou, «devia ter-se ido mais longe».

Demetrio Sodi, do mesmo partido, revela-se igualmente decepcionado por o texto legal não incluir o conceito de território, o uso colectivo dos recursos naturais e a possibilidade de associação dos povos. Em seu entender, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) não vai aceitar esta reforma.

«Sabemos que os zapatistas advertiram desde que conheceram o texto da iniciativa da Cocopa que era insuficiente, que o consideravam como a expressão mínima dos acordos de San Andrés, e agora, que lhe fizeram cortes, pode levar a que o recusem», disse Sodi.

O PRD considera no entanto que este foi «o acordo possível» dada a correlação de forças no Senado, e espera que a Câmara dos Deputados, que terá de ratificar a reforma, introduza as alterações que ficaram por fazer. «Terá de haver outra vez uma pressão indígena para abrir novos caminhos», afirma Sodi.

Camarões

Tráfico de crianças

«Quinhentas e cinquenta mil crianças são vítimas de tráfico ou das piores formas de trabalho nos Camarões», afirmou há dias, em Yaounde, o representante residente da UNICEF nos Camarões, Jean Michel Ndiagne, num encontro com a imprensa.

«Estes números ressaltam de um estudo realizado no ano 2000 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT)», afirmou Ndiagne interrogado pelos jornalistas sobre a história do navio «Etinero».

Este barco, suspeito de transportar até 250 crianças vítimas de tráfico, acostou em Cotonu com apenas 23 crianças, de idades compreendidas entre os 5 e os 14 anos, e duas dezenas de adolescentes entre os 147 passageiros a bordo.

O «Etinero» tinha partido do porto da capital do Benin a 30 de Março com destino ao Gabão, onde se suspeita que os menores fossem ser vendidos, mas a denúncia do caso fez com que as autoridades do Camarões recusassem a sua entrada no porto de Douala e o expulsassem.

«Tenha ou não fundamento esta história, o gabinete UNICEF de Yaounde condena firmemente e com muita energia este tráfico odioso e os seus autores e interroga a opinião pública sobre as piores formas de trabalho a que as crianças são submetidas», afirmou Ndiagne.

O gabinete camaronês da UNICEF, que dá cobertura a todos os seus representantes na África central, sublinha ainda «a necessidade de ratificar a convenção 182 da OIT, assim como o protocolo facultativo da convenção relativa aos direitos da criança sobre a venda de crianças, a prostituição de crianças ou da pornografia que utiliza crianças». Recorde-se que os Camarões não ratificaram ainda esta convenção.

A mesma fonte apela «à responsabilidade de todos, pais, encarregados de educação, os *media*, parceiros governamentais, membros da sociedade civil, agências de cooperação bilateral e multilateral, para que a causa das crianças seja defendida em todo o lado contra as discriminações, as injustiças e as desigualdades de toda a espécie», concluiu.

Crianças albanesas vendidas na Europa

Vários milhares de crianças e jovens de etnia albanesa estão a ser vendidos por toda a Europa como escravos sexuais. A denúncia foi efectuada pela organização de beneficência infantil Save the Children.

Segundo um comunicado divulgado pela organização sediada em Londres, pelo menos 60 por cento dos albaneses traficados são crianças que acabam no submundo da prostituição. Por exemplo, em Itália, a Save the Children acredita que existam pelo menos 15 mil prostitutas albanesas, muitas das quais não recebem qualquer pagamento.

A Save the Children refere que em algumas regiões da Albânia a situação é tão dramática que mais de 90 por cento das crianças de sexo feminino abandonam as escolas com medo de serem sequestradas.

«Pede-se uma acção urgente para combater a pobreza, a falta de oportunidade e a educação precária na área rural da Albânia. Enquanto prevalecerem as actuais condições económicas e as recompensas continuarem altas, o tráfico infantil vai continuar a ser uma opção tentadora», afirma a entidade no seu comunicado.

Futuro da Jugoslávia em debate

O presidente jugoslavo, Vojislav Kostunica, anunciou para este mês «uma iniciativa tendo em vista conversações entre as autoridades sérvias e montenegrinas» sobre o futuro da Federação jugoslava.

«No seguimento da eleições legislativas no Montenegro e dados os resultados, decidi lançar uma iniciativa visando encetar conversações entre as autoridades sérvias e montenegrinas, para fazer da Jugoslávia uma federação aceitável quer pelos que compõem a Federação quer pela população que vive na RFJ (República Federal da Jugoslávia, Sérvia e Montenegro)», disse Kostunica, citado pela Lusa.

«O novo poder montenegrino será convidado a participar nas conversações, assim como representantes dos governos sérvio e jugoslavo», explicou por seu turno Slobodan Samardzic, conselheiro de Kostunica.

Os resultados das eleições legislativas no Montenegro, que não deram à coligação do presidente Milo Djukanovic a maioria que este esperava, fizeram crescer em Belgrado a convicção de que a Federação pode sobreviver. Isso mesmo afirmou o presidente do Parlamento jugoslavo, Dragoljub Micunovic, ao diário *Politika*, sublinhando que os resultados «mostraram profundas divisões na população do Montenegro e que qualquer referendo será um perigo».

Também o ministro da Justiça sérvio, Vladan Batic, em declarações ao jornal *Vecernje Novosti*, fez notar que «sem o recurso a opções externas, nomeadamente aos liberais, ela (a coligação de Djukanovic) não terá maioria, o que significa que a ideia de um referendo será posta em causa».

Contrária à separação está igualmente a União Europeia. O governo alemão, através do ministro Joschka Fischer, emitiu mesmo um comunicado onde se afirma que «Belgrado e Podgorica estão doravante convocados para iniciarem, sem demora, discussões sérias sobre o seu futuro comum». Essas discussões, prossegue o texto advertindo contra «acções unilaterais», deverão ter «por objectivo as suas relações sobre bases democráticas, em conformidade com as leis constitucionais existentes e com o respeito pela estabilidade na região».



Vietname IX Congresso do PCV

De 19 a 22 de Abril realizou-se, em Hanói, o IX Congresso do Partido Comunista do Vietname, no qual participou, em representação do PCP, o camarada José Casanova, da Comissão Política do CC.

Cerca de 1200 delegados, representando os 2,4 milhões de militantes do PCV, debateram a situação do país e do Partido e definiram orientações conducentes à superação dos problemas que afectam o país e o povo e ao reforço da organização partidária. O IX Congresso, que culminou um ano de debate em todas as organizações do Partido, reafirmou a necessidade imperiosa de prosseguir o esforço colectivo visando o avanço no caminho da industrialização e modernização, a defesa da pátria socialista vietnamita, a elevação da capacidade e combatividade

«O Partido de Ho Chi Min tem uma longa e gloriosa história»

do Partido, a promoção da melhoria das condições de vida do povo. O Congresso elegeu o Comité Central do Partido, com 150 membros, o qual elegeu, depois, os seus organismos executivos e o Secretário Geral do Partido, camarada Nong Duc Manh. Intervindo da tribuna do Congresso, em nome do CC do PCP, o camarada José Casanova, membro da Comissão Política, sublinhou que «o PCV, Partido de Ho Chi Min, tem uma longa e gloriosa história de luta indomável pelos interesses vitais dos trabalhadores e dos povos do Vietname, con-

tra sucessivos colonialismos e a brutal agressão do imperialismo americano, pela independência e a reunificação do país, para arrancar o seu povo dum situação semifeudal e conduzi-lo na via do progresso social». «Os países que, como o Vietname, mantêm como objectivo e orientação a construção do socialismo, dão uma preciosa ajuda aos trabalhadores e povos de todo o mundo», afirmou ainda. E acrescentou que «essa história, os extraordinários exemplos massivos de coragem e tenacidade revolucionárias, as experiências acumuladas na luta contra o imperialismo e o atraso, as realizações na concretização de um caminho adequado de transição para o socialismo – são património inestimável não só dos comunistas do Vietname, mas fonte de inspiração e confiança para os comunistas e revolucionários do mundo inteiro».

4.º Congresso do PC da Moldova

Dias 21 e 22 de Abril realizou-se em Chisinau o 4.º Congresso do Partido dos Comunistas da República Moldova. O PCP esteve representado por Carlos Aboim Inglez, membro do Comité Central.

Tratou-se de um importante Congresso, sendo o primeiro realizado após a vitória eleitoral nas eleições legislativas de 24 de Fevereiro último, em que o PCRM elegeu 71 dos 101 deputados do Parlamento; posteriormente, o Parlamento elegeu Vladimir Voronine, 1.º Secretário do PCRM, Presidente da República.

O Congresso discutiu e aprovou o Relatório Político, traçando as linhas de actualização política e orgânica do Par-

tido, bem como alterações ao Programa e Estatutos, e elegeu o Comité Central. Vladimir Voronine foi eleito Presidente do Partido e Victor F. Stepaniuch Secretário Executivo.

Com 429 delegados e mais de 800 convidados, o Congresso contou com a presença de 18 delegações estrangeiras, bem como uma numerosa delegação do PC de Pridniestre e três delegações de outros partidos da Moldova. No fim da manhã do dia 22 realizou-se num parque da cidade um comício de massas comemorativo do dia de aniversário de Lênine.

Na mensagem enviada, o Comité Central do PCP, tendo

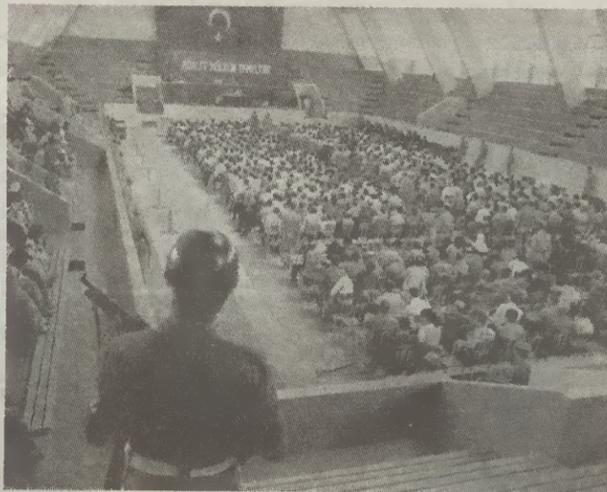
em conta que «após uma década da desastrosa chamada “transição” para o capitalismo, o povo da Moldova confiou aos comunistas o ingente e complexo encargo de refazer a prosperidade do vosso país», manifestava ao PCRM a sua «compreensão pelas árduas tarefas que tem de defrontar nas presentes difíceis condições». Mas transmitia igualmente a «profunda esperança» em que o partido, «reforçando a sua ligação aos trabalhadores, às mais largas massas populares, encontrará os caminhos adequados para realizar essas grandes responsabilidades», podendo «contar com a activa solidariedade dos comunistas portugueses».

Turquia - uma macabra «democracia»

• Rui Paz

Na Turquia, apesar da repressão, têm-se manifestado nas últimas semanas milhares de trabalhadores contra as medidas de um governo em que os social-democratas de Ecevit, baptizados de «esquerda democrática», em aliança com os fascistas do MHP, procuram salvar os interesses dos dez banqueiros que dominam o país. Em Samsun, no mar Negro, os manifestantes que responderam ao apelo dos sindicatos foram atacados com bastões eléctricos pela polícia. Em muitas outras cidades sucedem-se as acções de protesto. A inflação deverá atingir este ano 52,5% e o desemprego aumentará de uma forma dramática num Estado em que trinta por cento dos trabalhadores já ganham menos do que o salário mínimo e em que os chamados salários normais não chegam para sobreviver. Na turbulência da crise e acusado de ter eliminado um concorrente com a ajuda da máfia, o multimilionário da construção civil, Korkmaz Yigit, possuidor de duas cadeias de TV e de um jornal diário, acaba de queixar-se que o vice-primeiro-ministro Yilmaz não cumpriu a promessa que lhe fez

fome já morreram e espera-se que o número de mortos nas prisões políticas turcas atinja em breve a centena enquanto a crise económica e financeira assume proporções gigantescas. Num só dia a Turquia perdeu um terço de todo o seu dinheiro. Onze bancos foram à falência. Porém, inesperadamente, as cotações na Bolsa de Istambul, em queda livre nos últimos meses, acusaram uma ligeira subida. Qual a razão do milagre? Os banqueiros fizeram saber através da sua imprensa que o ministro da Economia, Kemal Dervis, obtivera em Washington o acordo do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional para a concessão de um empréstimo de 14,5 mil milhões de dólares destinados a salvar esta macabra forma de «democracia» militar que impele as suas vítimas para o suicídio colectivo nas prisões. Nenhum dos trinta deputados no Parlamento de Ancara acusados oficialmente pelos tribunais de assassínio, nenhum ministro corrupto ou chefe do governo ligado à máfia, nenhum oficial especialista em tortura formado nos Estados Unidos ou na Inglaterra, nenhum violador de



mulheres nos centros de detenção das forças armadas e da polícia, nenhum general golpista terá de comparecer diante de qualquer Tribunal Internacional da NATO ou responder perante a Justiça do seu país. São apenas três as condições impostas pelos tesoureiros do capitalismo mundial: privatizar, congelar ainda mais os salários de miséria e

reduzir as despesas públicas. A protecção e o apoio internacional de que goza o actual regime militar da NATO no Bósforo, constitui uma demonstração irrefutável de que servir o capitalismo significa no mínimo possuir uma licença para matar impunemente. Essa é também a razão por que nos últimos dias activistas dos direitos humanos ocuparam na Alemanha vários edifícios e sedes do SPD e dos Verdes. No relatório referente a 1999, apresentado pelo ministro da Economia do governo social-democrata de Schröder, a Alemanha acaba de bater todos os recordes de exportação de armamento bélico da sua história com 5,9 mil milhões de marcos. Adivinhe-se qual o regime ou Estado que ocupa o primeiro lugar na lista dos fornecimentos armamentistas de Berlim? São precisamente os militares turcos com 1,9 mil milhões de marcos. É uma vergonha que o Portugal de Abril que se libertou do fascismo e já sofreu todos os crimes hoje praticados pelo seu parceiro na NATO, a Turquia, possa continuar a colaborar e a fazer parte de uma Aliança que actua como uma verdadeira organização militar internacional do crime e da repressão.

● Rui Namorado Rosa

Armas para o estado global de guerra – armas de destruição sem regresso

Em Portugal trabalha-se com o urânio desde os fins dos anos 50 quando foi criada a Junta de Energia Nuclear.

A actividade desenvolvida nesse âmbito compreendeu a extracção e a concentração do minério de urânio, concentrado esse depois exportado para os países que desenvolveram programas nucleares; esse processo funcionava (e funciona ainda) na Urgeirica. Por outro lado, no então Laboratório de Física e Engenharia Nuclear (onde hoje funciona o Instituto Tecnológico e Nuclear) em Sacavém, procedia-se ao fabrico de urânio metálico a partir do mesmo concentrado, urânio que durante muitos anos foi preservado como «reserva» para um eventual programa nuclear português. Também aí se fabricaram e estudaram ligas de urânio e se manipularam e estudaram compostos químicos de urânio. Os investigadores, técnicos e operários envolvidos nesses trabalhos

sabiam dos riscos e das precauções que tinham de tomar, dada a elevada toxicidade química e radiológica do urânio, conscientes que poderiam ocorrer acidentes com consequências sobre a saúde. Também em Sacavém se fizeram e fazem estudos sobre a manipulação de fontes de radiação e de substâncias radioactivas; e sobre radioactividade ambiental; e se desenvolveram métodos analíticos para detecção e dosagem de urânio e de outros radionuclídeos. Aí funciona hoje o Departamento de Protecção Radiológica e Segurança Nuclear de onde partiu a equipa e onde foram feitos os estudos analíticos em que se baseia o «relatório da missão científica portuguesa aos Balcãs» há pouco divulgado.

Propriedades e efeitos do urânio

O urânio ocorre naturalmente nas rochas e dos solos. De origem magmática, forma

Armas de urânio

em que se encontrem; a maior grau de oxidação corresponde maior solubilidade; no limite o urânio torna-se muito solúvel e forma iões complexos com outros elementos. Por esta via é activamente assimilado por certas bactérias, algas e o aparelho radicular de muitas plantas superiores.

O urânio é radioactivo. Ao desintegrar-se espontaneamente emite partículas ionizantes e transmuta-se noutro elemento também radioactivo; e assim sucessivamente. Deste modo, uma amostra de urânio (natural, enriquecido ou empobrecido) exhibe uma actividade crescente à medida que os seus descendentes se vão acumulando. No caso do urânio empobrecido, a sua actividade inicial quase triplica em seis meses; é então emissor de radiação alfa, beta e gama.

As partículas ionizantes distinguem-se quer pela quantidade quer pela densidade de ionização que produzem; os efeitos biológicos das radiações ionizantes dependem dessas suas características, como também da dose de radiação acumulada e da taxa a que ela é absorvida; finalmente, a exposi-

petentes nesta matéria (ICRP, BEIR, NCRPM e UNSCEAR) adopta o modelo segundo o qual o efeito biológico é proporcional à dose, mesmo pequena que esta seja. A investigação acumulada tem conduzido à definição de limites de exposição tolerável progressivamente mais baixos.

Armamentos com urânio empobrecido

Nas guerras do Golfo (1991) e dos Balcãs (1994 a 1999) foram secretamente utilizadas munições penetrantes de urânio empobrecido. As munições penetrantes são armas cinéticas, isto é, munições cujo poder destrutivo resulta da sua muito elevada energia de movimento e não de uma carga explosiva (como acontece com as munições convencionais). A par das munições penetrantes, o urânio empobrecido também está a ser utilizado na blindagem de carros de combate e, em quantidades não reveladas, em mísseis de cruzeiro ou

Se a munição de urânio atingir um alvo pouco consistente, ela penetrará dissipando a sua energia mais lentamente sem atingir temperatura suficiente para que funda e volatilize. Este será o destino da maioria das munições que falham o «alvo». Estas munições «perdidas» penetrarão no solo até um ou mais metros de profundidade, deixando apenas uma pequena perfuração no ponto de incidência, sendo indetectáveis à superfície. Os pedaços de urânio assim «escondidos» irão oxidar-se e solubilizar-se a um ritmo determinado pelas propriedades do meio e a presença e o escoamento de água; este processo de desagregação e dispersão do urânio metálico levará desde anos até muitos séculos. Trata-se de um mecanismo de poluição ambiental prolongado com efeitos tóxicos sobre futuras gerações.

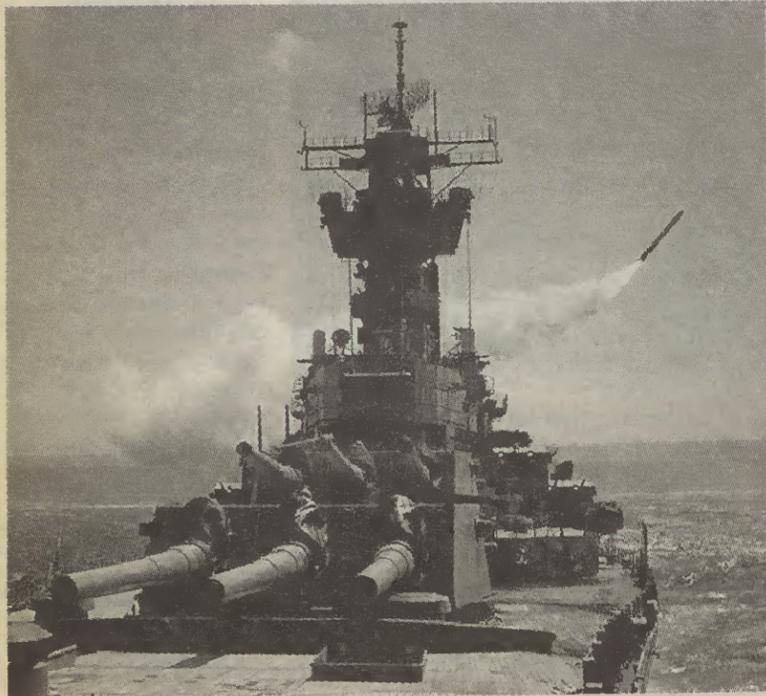
Os núcleos residuais das munições que atingiram alvos «duros» e algumas outras munições perdidas, ficando à superfície, serão depois recuperáveis no campo da batalha, bem como os blindados e outros alvos atingidos, para serem «armazenadas» em lixeiras de materiais tóxicos, ou «recicladas» em fábricas da indústria nuclear ou, ainda, lançadas secretamente no mar.

As armas de urânio nos campos de batalha

As munições com urânio empobrecido foram concebidas e desenvolvidas na década de 70, durante a guerra fria. Foram ensaiadas em campos de tiro nos EUA que, altamente contaminados, representam grave preocupação para as comunidades locais, onde se constituíram movimentos cívicos pelo saneamento ambiental. Após a guerra do Golfo, constatada a natureza das novas armas e as suas graves consequências para a saúde, constituíram-se também movimentos de soldados veteranos de guerra procurando apoio médico e legal. Muita informação disponível sobre as armas de urânio empobrecido tem sido recolhida e revelada em resultado da investigação e pressão desses movimentos junto do governo dos EUA.

Embora recusando sempre reconhecer a origem da síndrome do Golfo, o governo dos EUA foi obrigado a tomar iniciativas e a criar organismos de investigação sobre a síndrome, de «conselho» ao presidente e ao Congresso, de «supervisão» no Ministério da Defesa ou de apoio aos veteranos de guerra. A criação e a acção dessas entidades e os relatórios entretanto produzidos não podem deixar de comprovar os reais riscos e as graves consequências das armas de urânio empobrecido.

São hoje conhecidas consequências da utilização intensiva de munições com urânio empobrecido no Golfo Pérsico e nos Balcãs: dramáticas para as populações civis e gravosas, ainda que em menor extensão, para as próprias tropas agressoras ou de ocupação no terreno. As populações civis no teatro de guerra estão completamente desprotegidas face aos efeitos químicos e radiológicos destas munições, sobretudo durante o período da agressão.



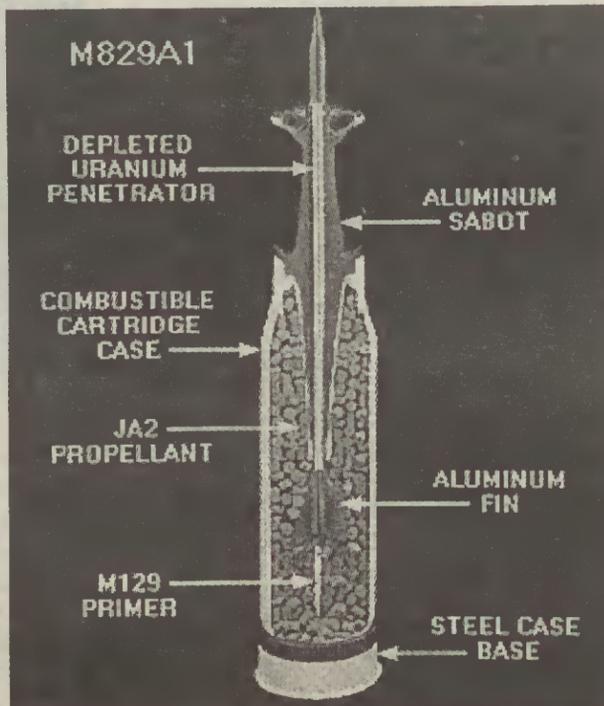
Nas guerras do Golfo e nos Balcãs foram secretamente utilizadas munições de urânio empobrecido

filões cristalinos; em resultado de erosão e de dissolução e de outros mecanismos actuando ao longo de dilatados períodos de tempo, pode ser transportado, disseminado e reconcentrado para vir a ocorrer noutras rochas e solos e até formar jazidas secundárias de urânio. A ocorrência natural do urânio não é preocupante porque ele se encontra estabilizado (à escala da vida humana). Pelo contrário, a deposição pelo homem de urânio metálico no ambiente, o que é o caso do uso de munições de urânio no campo de batalha, ao criar uma situação de desequilíbrio desencadeará uma multiplicidade de mecanismos de transporte, dispersão e reconcentração que poderão atingir o próprio homem por múltiplas de vias; essa deposição implica seguramente um impacto ambiental e um risco para as populações.

O urânio metálico oxida-se lentamente; mas aquecido ou pulverizado, na atmosfera combustiona-se espontaneamente (por isso é dito «pirofórico»). Os óxidos de urânio tendem a atingir graus de oxidação progressivamente mais elevados, consoante o meio

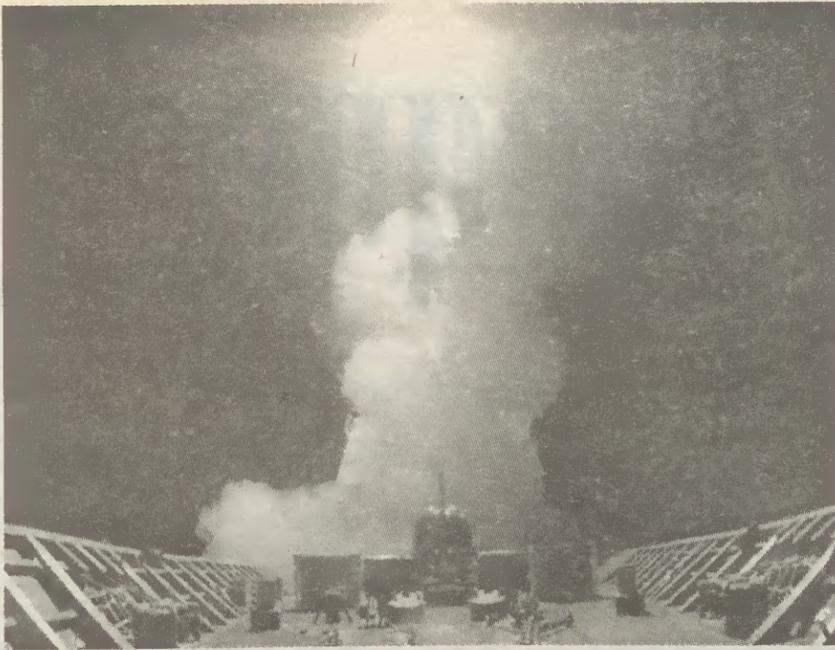
ção a uma fonte de radiação externa e a exposição interna a uma substância radioactiva assimilada produzem efeitos biológicos distintos. Sendo a acção da radiação destrutiva para as células e o seu material genético; todavia as células possuem capacidade para corrigir, em certa medida, aquela acção. A acção destrutiva sobre o material genético é particularmente importante por não só determinar a evolução do tecido celular como também poder determinar alterações transmitidas à descendência. A acção das radiações ionizantes tem efeitos biológicos graves, tipificados em diversas patologias que são por elas ou desencadeadas ou antecipadas, sendo na fase de concepção, de gestação e da infância mais notórios e graves os seus efeitos.

A doses elevadas, a relação entre a acção e o efeito é certa: as consequências são graves e manifestam-se rapidamente. A doses baixas, os efeitos biológicos sendo «estocásticos», é delicado quantificar a relação entre a acção radiológica e o efeito biológico. A maioria das instituições com-



Tomahawk. A NATO tem «justificado» a utilização de urânio empobrecido em munições cinéticas penetrantes alegando as superiores propriedades mecânicas desse metal. O que não é verdade. Pelo contrário, a NATO tem «dissimulado» as suas perigosas propriedades químicas e radiológicas.

A munição de urânio empobrecido funde-se e volatiliza-se aquando do impacto sobre um alvo duro (como uma blindagem). O urânio volatilizado oxida-se instantaneamente (combustão explosiva) e um aerossol de óxido de urânio é ejectado. As partículas mais pesadas ficarão por perto num raio de dezenas de metros. As mais ligeiras são transportadas na camada limite atmosférica e, consoante as condições meteorológicas, acabarão por precipitar mais cedo ou mais tarde, sendo de admitir o seu transporte até dezenas ou centenas de quilómetros do ponto de emissão. Em qualquer caso, esse urânio poderá ser inalado e ingerido; e irá certamente contaminar o solo e as águas, ser assimilado por seres vivos e entrar na cadeia alimentar a breve prazo.



Os estudos epidemiológicos já feitos sobre populações afectadas no Iraque e algumas notícias provenientes da Bósnia revelam patologias coincidentes e permitem prever o agravamento da sua incidência. Quanto às próprias tropas agressoras ou de ocupação, a ocorrência de numerosas patologias coincidentes entre os veteranos do Golfo e as tropas de "manutenção da paz" nos Balcãs apontam para uma mesma causa comum em contextos ambientais muito diferentes. Essa causa comum será o urânio empobrecido das munições penetrantes, intensivamente utilizadas em ambos os teatros de guerra, conhecidas que são as suas propriedades e feitos, já desde o projecto Manhattan (1942-45) que levou à construção dos primeiros reactores e das primeiras bombas nucleares.

Os relatórios oficiais

Os recentes relatórios do Programa das Nações Unidas para o Ambiente e da Organização Mundial de Saúde e a «opinião» da comissão de peritos da EURATOM presente à Comissão Europeia, sobre as armas de Urânio Empobrecido, são textos sinuosos, omissos e ambíguos. Têm um mandato político para procurar (e não encontrar) uma relação causa-efeito entre intoxicação por urânio e patologias em militares. Naturalmente, não encontram relação nenhuma pela razão fundamental que tais relações só podem ser estabelecidas sob condições cientificamente controláveis, o que um campo de batalha obviamente não tem, ou então na base e após a monitorização sistemática do ambiente e dos civis e militares expostos nas condições concretas do teatro de guerra, o que se persiste em não fazer.

Pelo contrário, as «interpretações» dos políticos vão direitas ao assunto para reafirmarem as posições já assumidas, porque é esse o seu cego propósito, sem preocupação de relação lógica com o teor dos documentos técnicos, obedientemente ambíguos. Porém, e infelizmente, a força das realidades não permitirá que as síndromas do Golfo e dos Balcãs se esvançam como acidentes fortuitos ou confusões imaginadas. Eles persistirão aí e possivelmente noutros pontos do mundo, lá onde essas armas sejam de novo utilizadas.

O relatório final que o Programa das Nações Unidas para o Ambiente (UNEP) divulgou em 13 de Março de 2001 fundamenta-se no trabalho de uma missão de 14 especialistas que, entre 5 e 19 de Novembro 2000, observou e analisou 11 áreas alvos de ataque com munições de urânio no Kosovo, de entre uma lista de 121 alvos fornecida pela NATO a instâncias do Secretário-Geral da ONU. O trabalho da UNEP não está isento de falhas metodológicas pelo que tem de ser tomado com reserva; algumas análises deveriam ter sido feitas e não foram; outras apresentam resultados surpreendentes sem explicação; baseia a avaliação de risco num modelo (ICRP) concebido para irradiação homogénea, estritamente não aplicável à presente situação, em que a contaminação interna é que é pertinente; etc. Ainda assim traz nova luz à situação. Este relató-

rio confirma que a «limpeza» dos restos das munições e dos destroços dos alvos nessas áreas teria já sido efectuada, sem que tivesse conhecimento do seu destino actual. Também confirma que a maioria das munições de urânio falhou alvos duros (blindados) tendo penetrado no solo, onde agora se encontram corroendo; e que, em consequência, existe o risco de futura contaminação de águas subterrâneas e de poços que fornecem água de abastecimento, a níveis de toxicidade química superiores aos fixados pela OMS. O relatório conjectura estimativas que apontam para baixos riscos químicos e radiológicos quanto aos actuais níveis de contaminação, mas alerta para o evidente risco de contaminação a prazo das águas subterrâneas. Não explicita, mas podemos concluir, que dessa contaminação resultará também a contaminação da cadeia alimentar e a ameaça à saúde pública. O relatório não refere por que razão não foi dado cumprimento ao que era uma recomendação importante no relatório preliminar (Outubro de 1999) nem sequer retoma essa recomendação; a qual era um programa de exame médico das populações mais expostas nas áreas dos ataques. Essa recomendação era suportada em relatórios e publicações científicas anteriores que certificavam a contaminação ambiental e relatavam o aumento da incidência de diversas patologias entre militares e populações civis no Golfo Pérsico - cancro, malformações congénitas, doenças do sistema imunológico, infertilidade e colapso renal. Esta omissão é preocupante.

A Organização Mundial de Saúde (WHO) enviou uma equipa de 4 especialistas em missão sobre o urânio empobrecido ao Kosovo (22 a 31 Janeiro 2001) cujo relatório foi divulgado também em Março. É um relatório com alcance limitado, que repete o propósito de iludir e acalmar a opinião pública, que não traz dados novos - nem mesmo de natureza médica - para afirmar com ressalvas não existem riscos significativos para a saúde pública. Porém necessariamente recomenda o estabelecimento no território de um sistema de saúde pública (inexistente) que aconselhe as populações residentes e mantenha um registo sistemático de incidências patológicas e de causas de morte. E confirma o cenário da contaminação progressiva do solo e águas, em resultado da oxidação e dissolução de quantidades substanciais de urânio metálico soterrado no solo, como uma ameaça à saúde. Esperamos que a intenção da WHO, expressa em Janeiro de 2001, de enviar missões aos vários territórios dos Balcãs e ao Golfo Pérsico (neste caso com 10 anos de atraso!) para examinar e estudar as consequências das munições de urânio em circunstâncias de guerra ambiental sobre a saúde pública, se concretize de facto a breve prazo e com objectivos e recursos mais alargados do que os que presidiram à missão no Kosovo.

Outro relatório recente é o do grupo de peritos da EURATOM, estrutura da União Europeia, a quem a Comissão Europeia entregou um mandato bizarro. Começando por ressaltar que a «opinião» solicitada será relativa ao uso de urânio na forma de

metal ou de compostos de alta densidade, por razão das suas propriedades elementares, não por razão da sua radioactividade ou possível uso como combustível nuclear, termina por concretizar: os

elementos colhidos à luz do contexto específico permitirão à Comissão ajuizar da necessidade de alterar as «normas de segurança básica» fixadas na Directiva 96/29/EURATOM (que é aplicável à protecção dos trabalhadores profissionalmente expostos às radiações e aos membros do público em geral - e não a aplicações militares em contexto de combate). A «opinião» do grupo de peritos não traz factos ou reflexões novas. A novidade é a afirmação que tiros de ensaio e deposição de munições não utilizadas têm sido efectuados no mar (Adriático?) mas que, dada a lentidão da corrosão e o grande volume de água de mar, é de esperar que o aumento de teor de urânio na água ou nos biota não seja detectável. Porém, a «opinião» sempre vai afirmando que não pode facultar conselho útil quanto à monitorização de indivíduos que tenham incorporado urânio, sem conhecimento da exposição específica a que estiveram sujeitos, nem facultar orientação quanto à necessidade de medidas interventivas, pois que estas justificam-se em consideração de situações específicas. E acaba por concluir não encontrar razões para alterar as referidas normas de segurança básica. Tudo bem, dirá a Comissão Europeia, nada obsta à utilização de munições com urânio empobrecido! Quer dizer, não se tendo monitorado nem havendo o propósito de monitorar sistematicamente o ambiente e a saúde das pessoas expostas, fica aberto o caminho para que nada se encontre, conclua ou faça.

É neste quadro geral que foi solicitado, elaborado e divulgado (17 de Abril de 2001) o relatório da missão científica portuguesa aos Balcãs. É de ressaltar o esforço e a competência técnica demonstrados pelo Departamento de Protecção Radiológica e Segurança Nuclear que realizou essa missão. Por outro lado, devemos regozijar-nos com a circunstância de o relato indicar que as ameaças que pendem sobre os militares portugueses nos Balcãs não serão tão graves quanto se poderia recear. Não obstante os limites dos objectivos fixados pelo Governo e as insuficiências de meios com que o trabalho foi feito, pelo que esse relato deve de ser visto em perspectiva e tomado com reserva. Assim:

- Os resultados de análises de urânio, sobretudo aerossóis e urinas, revelam proporções isotópicas anormais. Tal poderá atribuir-se ao baixo teor de urânio nessas amostras. Pelo menos nos casos «suspeitos», seria aconselhável realizar análises recorrendo a um método mais sensível do que o utilizado para, com segurança, distinguir entre quanto é urânio empobrecido das munições e quanto é urânio natural.

- As análises às urínas não provam a favor nem contra a contaminação interna. O urânio insolúvel inalado bem como o inalado ou ingerido sob forma solúvel e assimilado nas vísceras ou nos ossos, só é detectável mediante contagem sobre todo o corpo («whole body counting»). O urânio solúvel inalado ou ingerido não assimilado nos órgãos é eliminado em semanas, após o que se torna indetectável. Em um e outro caso, a presença ou a passagem do urânio no organismo causa ou causou danos.

- As análises citogenéticas (sobre células do sangue) têm interesse como dosímetro biológico, mas são pouco significativas quando a irradiação é de origem interna (caso de urânio alojado em órgãos) e quando o agente da irradiação é sobretudo um agente de toxicidade química.

- As análises dos aerossóis, não acompanhadas da caracterização da dimensão das partículas, particularmente não discriminando o conteúdo de urânio insolúvel em partículas respiráveis, não permite conclusões seguras quanto ao risco de contaminação por inalação.

Quer dizer, o relatório agora produzido pela missão científica portuguesa responde ao mandato que lhe foi cometido mas deixa em aberto diversas lacunas. A uma questão mal colocada é impossível dar uma resposta esclarecedora. A razão pela qual esta missão foi feita era a razão política de acalmar a indignação pública face a uma sucessão de afirmações, contra-afirmações, encobrimentos e falsidades por entidades nacionais e internacionais. Se a razão fosse científica, a missão teria sido planeada e executada diferentemente: mais ponderada (discutida em âmbito profissional alargado), com mais recursos científicos e técnicos (envolvendo mais instituições) e com mais tempo; teria então maior alcance nas suas conclusões e consequências.

A corrida armamentista ou a Paz

As guerras do Golfo e nos Balcãs marcaram indelevelmente a década de 90 pela razão acrescida da utilização de um novo tipo de armas, munições e mísseis portadores de urânio empobrecido, material que de facto se comporta como agente de guerra Química e Radiológica, com efeitos indiscriminados e duradouros sobre as vítimas actuais e as gerações futuras.

Não podemos alhear-nos das situações de grave ameaça que viveram as populações civis naqueles teatros de guerra aquando das hostilidades, e que agora continuam vivendo indefinidamente, em condições ambientais muito preocupantes, como atestam vários relatórios, mormente o relatório da UNEP divulgado em meados de Março e o relatório da WHO divulgado já em fins de Abril. Essas situações terão efeitos já irreversíveis em larga escala, que se agravarão no futuro. E clamam por intervenções de descontaminação e monitorização ambiental bem como de acompanhamento da saúde pública e de cuidados médicos, que tardam e cada vez são mais urgentes.

É urgente terminar a ocupação militar e quebrar o isolamento político a que os países do Golfo e dos Balcãs se encontram indefinidamente sujeitos, na verdade em situação de «quarentena» no quadro das relações internacionais, com o implícito propósito de esconder aos olhos da opinião pública mundial a dimensão dos crimes cometidos.

Já muitos países possuem armas com urânio empobrecido, na maioria vendidas pela indústria armamentista da NATO. Será pois de admitir uma generalizada corrida a este tipo de armas, cuja utilização a NATO insidiosamente «legitimou» com a sua acção nas guerras do Golfo e dos Balcãs. É de recear um cenário sinistro de guerras regionais fratricidas e de intervenções externas regionais em que este tipo de armas proliferará. A não serem banidas por Tratado internacional, as armas com urânio empobrecido proliferarão e criarão um mundo ainda mais inseguro. E também mais desigual porque, com tais armas, as guerras se tornarão ainda mais devastadoras e persistentes nas suas consequências.

Sobre o choque China-EUA

• Miguel Urbano Rodrigues

O conflito diplomático provocado pelo avião-espião norte-americano EP-3E Aries II veio chamar a atenção para uma realidade pouco lembrada: a China é hoje a única potência em situação de contestar eficazmente a hegemonia mundial que os EUA assumiram após o desaparecimento da União Soviética.

Raras vezes na história da humanidade um povo foi sujeito e objecto de transformações tão rápidas e profundas.

Com frequência os analistas políticos americanos antepõem a futurologia sobre a China ao estudo do presente. Tentam prever a evolução do Partido e do Estado chineses e subestimam as consequências do galopante desenvolvimento económico e científico do país.

Com um PIB que se aproximará este ano dos 5 milhões de milhões de dólares (mais do triplo do francês), a China, a manter-se a sua actual taxa de cresci-

preço tão barato e em tempo tão breve as referidas boinas. Ironicamente, Rongji comentou que os soldados dos EUA provavelmente já usam cuecas chinesas...

A anedota, verídica, expressa bem a pujança comercial da China e a dificuldade da indústria norte-americana para competir com a de um país onde o custo da mão-de-obra, muito qualificada, é inferior a dois dólares por dia.

O que alarma Bush é o facto de esse grande parceiro comercial dispor hoje de Forças Armadas equipadas com mísseis nucleares intercontinentais capazes de atingir qualquer cidade dos EUA.

Colin contra Cheeney

Não é de estranhar que o incidente do avião-espião tenha despoletado as primeiras contradições graves entre os homens de confiança do presidente.

dâncias na equipa da Casa Branca relativamente à política chinesa.

Dois tendências se chocam. O secretário de Estado, Colin Powell, e a conselheira para a Segurança Nacional, Condoleza Rice, entendem que um endurecimento no diálogo sobre questões militares pode prejudicar decisivamente as boas relações existentes na área económica. O vice-presidente Richard Cheeney e o secretário da Defesa, Donald Rumsfeld, discordam e têm multiplicado as declarações desafiadoras. Rumsfeld, que é um superfalção, insiste na necessidade de «dar uma lição» a Pequim para conter as suas veleidades no terreno militar.

É ridículo, mas verdadeiro.

Colin Powell argumenta que um agravamento nas relações com Pequim pode comprometer decisivamente a entrada da China na OMC.

Ora a China, com exportações de 116 mil milhões de dólares para os EUA no ano passado, já é o seu quarto parceiro comercial, após o Canadá, o México e o Japão. Em breve poderá ser o segundo.

O grande capital norte-americano está interessadíssimo em ver a China na OMC. Isso implicará a imediata redução das tarifas aduaneiras de 15 para 9%, o que significaria numa primeira fase a abertura do mercado chinês aos produtos americanos. A importação de computadores ficaria isenta de impostos. No campo da agricultura, Pequim deslocaria para o mercado dos EUA enormes compras de algodão e soja. Os bancos estrangeiros poderiam instalar-se no país.

Segundo a revista «Business Week», a indústria chinesa mais beneficiada pela integração na OMC seria a têxtil. As suas exportações, que já ultrapassam 20 por cento do total mundial, subiriam para 47 por cento, quase metade.

Bush émulo de Tomás

Sabe-se que George W. Bush considera enfadonho qualquer tema que o obrigue a pensar.

Compreensivelmente, o problema das relações com a China aflige-o. Por temperamento, as suas declarações sobre o caso do avião foram logo no início suficientemente belicosas para dificultar a busca de uma solução.

Advertido por Colin Powell, moderou um pouco as suas falas sobre o assunto. Para evitar os temas mais candentes ligados ao avião-espião volta ao enunciado dos princípios básicos da sua política asiática.

O resultado é mau.

O seu discurso sobre questões chinesas tende a tornar-se cada vez mais embrulhado. Por vezes faz lembrar as famosas sentenças do defunto almirante Américo Tomás.

Será talvez útil transcrever alguns parágrafos de arengas pronunciadas sobre o tema:

«A China é um poder emergente e isso é inevitável (...) não prevemos conflitos; a nossa intenção não é ameaçar. E há áreas em que podemos cooperar (...) Mas não se o governo chinês puder ser alarmante no estrangeiro e terrível em casa (...) Pequim esteve investindo a sua riqueza crescente em armas estratégicas e nos mísseis balísticos. Com a sua espionagem ameaça a segurança dos EUA.»

A inteligibilidade do pensamento, infelizmente, é dificultada pela sintaxe torturada do presidente.

A advertência de Kissinger

O coração republicano de Henry Kissinger evitou que até agora se pronunciasse sobre a inexistência na Casa Branca de um consenso sobre a política chinesa.

Bush acaba de o chamar. Escuta-o como assessor.

Kissinger lançou uma primeira advertência. Acha que o presidente está certo ao afirmar que a China não é um sócio estratégico. Mas cautela. «Uma coisa - sublinhou - é abandonar o conceito de associação estratégica (perilhado por Clinton) que nunca funcionou e outra, muito diferente, adoptar uma política de contenção como a que foi aplicada relativamente à Rússia durante a guerra fria, e actuar como se a China fosse um adversário permanente. Esse tipo de política isolaria os EUA na Ásia e no mundo.»

O comentário é esclarecedor da complexidade das decisões que a Administração Bush terá de tomar no seu relacionamento com a China.

Significativamente, o presidente Jian Zeming, durante a sua recente visita a seis países latino-americanos, criticou com firmeza os EUA, salientando que a China será inflexível na defesa da sua soberania e dos princípios que devem reger uma ordem mundial democrática, incompatível com a hegemonia de uma única potência.

Bush não esconde que tudo fará para implantar o polémico sistema de defesa antimísseis, ao qual a China se opõe frontalmente com o apoio da Rússia e dos próprios aliados europeus dos EUA.

Pequim sabe que esse sistema reduziria muito o seu poder de dissuasão nuclear. O falso escudo defensivo reforçaria a pretensão dos EUA de actuar como o gendarme do planeta.

Qualquer que seja a evolução nas próximas semanas das relações entre Washington e Pequim, a emergência da China como grande potência económica, científica, cultural e militar torna inevitável (pela própria irracionalidade da estratégia imperial norte-americana) uma confrontação crescente, em múltiplos terrenos, com os EUA. Essa será a grande batalha do século XXI.

mento, ultrapassará os EUA antes de meados do século no tocante à produção bruta de riqueza. Muito antes dessa data será a primeira nação exportadora.

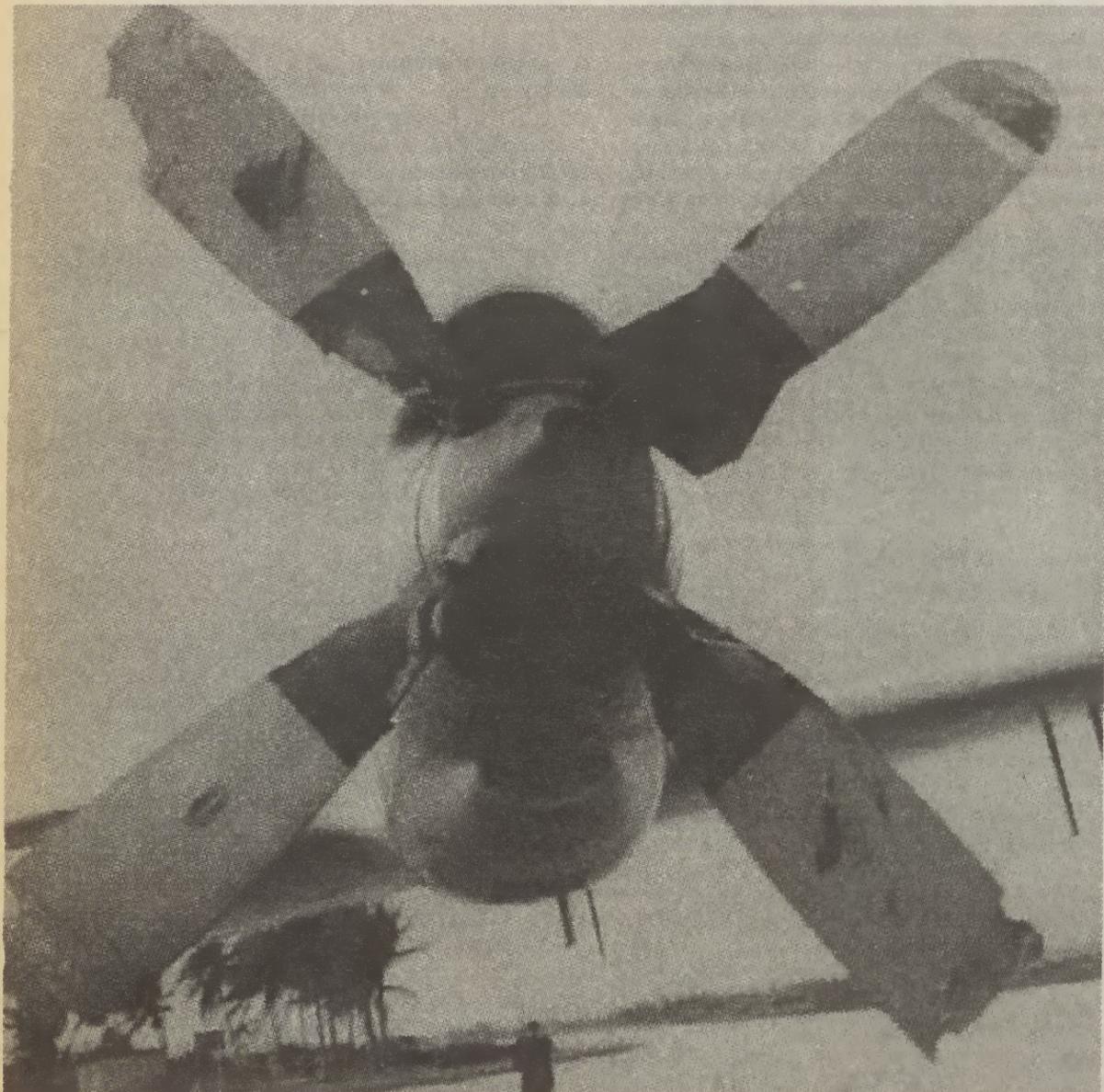
Uma estória recentemente contada a visitantes estrangeiros pelo primeiro-ministro Zhu Rongji é esclarecedora da atitude de dependência e medo dos EUA perante a China.

A pedido do Partido Republicano, Washington tinha acabado de tentar o cancelamento de uma gigantesca encomenda de boinas para o exército norte-americano. Mas o contrato não foi anulado porque se verificou que nenhuma outra empresa no mundo fabricaria por

O choque político com Pequim veio iluminar as dificuldades de Bush para pôr em execução uma política chinesa muito mais ambiciosa do que a da anterior administração.

O governo de George Bush fixou dois objectivos. Pretende, por um lado, apressar e ampliar a abertura do mercado chinês aos produtos e ao capital norte-americano. Simultaneamente tudo fará para impedir a ascensão da China como grande potência militar.

Esses objectivos são na aparência incompatíveis. Como se isso não bastasse, o incidente com o avião confirmou a existência de profundas discor-



Comunicações

• Francisco Silva

Outra vez (Domingo, dia 22 de Abril, TVI) o Professor Marcelo e o UMTS, ou o «UTMS», como cuidadosa e lentamente soletrou, e repetiu, enganado, trocando as duas letras centrais da sigla. Com aquele ar pimpão e doutoral!

(Ai, ai, seja eu castigado e troque também já outras duas letras numa sigla não familiar, como castigo pela pequenez da minha atitude, se isto foi procurar meter o Professor a ridículo. Afinal, quem sou eu? Ainda apanhava uma boomerangada de volta. Além disso, é ver-

Terá feito, o Professor, confusão com a Ericsson que decidiu recentemente subcontratar à empresa americana Flextronics o conjunto da produção dos seus terminais móveis nos EUA, Reino Unido, Brasil, Malásia e Suécia, com o objectivo de reduzir os seus custos de exploração? Ou com o recente acordo celebrado entre a Ericsson e a Sony para a área dos terminais móveis multimédia (incluindo os da geração GSM - versão GPRS - e os UMTS)?

Bem, Professor, espero que nos explique proximamente o que queria dizer sobre a NOKIA e que, tendo-se enganado, o diga, para os seus ouvintes não desenvolverem os seus - deles - raciocínios na base de notícias erradas. Agradeço antecipadamente a atenção.

Da referida charla-entrevista do nosso comentador retiramos ainda um primeiro esclarecimento sobre as novidades trazidas pela terceira geração de telemóveis (UMTS) em relação à segunda (GSM). Já não era sem tempo. Desde Agosto, já lá vão oito meses, que o vemos e ouvimos sobre

Com franqueza, professor!

dade: não é por se rezear cometer tais desimportantes deslizes, quando não se é familiar de uma certa matéria, que não se deve falar dela, caso ela seja julgada importante para trazer a público. E quem escreve estas linhas também agita matérias longe da sua especialidade e agradecerá sempre que o corrijam quando for o caso - além disso, é sinal que o ouviram ou leram!

Depois, foi aquela da NOKIA ir abandonar o fabrico do UMTS. Com franqueza, onde fui buscar essa nova? Lá fui eu afanosamente para a Internet e para os jornais à procura, e nada. Nos despachos da Reuters notei, pelo contrário, uma notícia sobre contratos de fornecimento de UMTS pela

NOKIA. NOKIA, que tem sido o fabricante campeão mundial de telemóveis. Espero que não se tenha enganado, o Professor, senão a NOKIA ainda é capaz de lhe pôr uma acção em tribunal.



as licenças UMTS e nada. Talvez a intenção tenha sido a pedagogia do *suspense*! E ele disse: «É a imagem, senhores», talvez inspirado pela explicação ilustrada, fornecida pouco antes pelo nosso engenheiro primo-ministrador. Este - lembram-se? - terá dito, ensinado, que com o UMTS se poderia, por exemplo, estar a ver futebol e, desejando-se, mudar de ângulo e de pormenor.

(Claro que eu, para tais fins, talvez venha a preferir a TV digital interactiva - ecrã maior, poltrona, etc. -, quando o tempo chegar; ou não sei, afinal, talvez um dia venha mesmo a ter uma necessidade inadiável no meio da rua de ver o golo do Figo perspectivado do lado esquerdo, de baixo para cima, e, então, se o UMTS o permitir, lá satisfaço a minha necessidade simbólica mesmo antes de voltar a casa.)

Mas foi a vantagem da imagem com o UMTS - que não tínhamos com o GSM - que o Professor captou, ou terá achado mais sugestiva. E quem diz imagem diz também fala ou música para acompanhar, como se fazia no tempo do cinema mudo. A não ser que a imagem seja apenas fotografia, uma fototelegrafia via telemóvel. Mas no UMTS a imagem é audiovisual e interactiva, pelo menos a crer no citado exemplo do futebol dado pelo primeiro-ministro.

Pena foi que o Professor não tivesse incluído na sua lição aquilo que é o mais importante na fase actual, ou seja, o acesso através do telemóvel à Internet e, de uma forma geral, o impetuoso emergir das mensagens escritas. E, também, os chamados serviços de localização. Enfim, as «comunicações móveis mediadas por computador» - desculpem lá, o palavrão. Esta é a grande questão. Com a segunda geração já se começa a vislumbrar o caminho, com a terceira geração pretende-se atingir em cheio tais objectivos.

E pelo meio ainda foi conseguindo, o Professor, referir-se às falências das «dotcoms» nos EUA, tal como tinha acontecido em Portugal, em seu tempo, com as unidades de produção na área do tomate, como nada de mau. Aliás, natural. A lembrar o Professor Freitas do Amaral, há uns anos, mais as empresas a falir como sendo algo de saudável... Não são eles que perdem os empregos!

Pontos Naturais

• Mário Castrim

1.º de Maio

Escada

Construir em qualquer parte uma escada para Marte? E por que não, desde que queiras ir?

Parentesco

Primeiro, noutra era, foi sagração da Primavera.

Depois, bigorna e malho, sagração do trabalho.

Nada diferente. Agora ou noutra era trabalho e Primavera é tudo a mesma gente.

1974

Já houve tempo em que o Primeiro de Maio não existia.

Não só não existia como não existia demasiado. Exagerava-se de não existir.

E quanto mais não existia quanto mais não existia mesmo nada mais ele mostrava que existia e que nunca deixara de existir.

— *Estão a ver* (disse ele naquele dia) *estão a ver que não valia a pena insistir...*

Não é

Não quero fazer ironia. Faz favor! Mas um ponto de vista que confusão me dá! Pois se há um dia do trabalhador do capitalista por que é que não há?

Porquê ou por que não eles lá saberão mas eu, na maré alta do futuro que marcha à nossa beira, acho que é porque lhes falta uma bandeira.

1.º de Maio

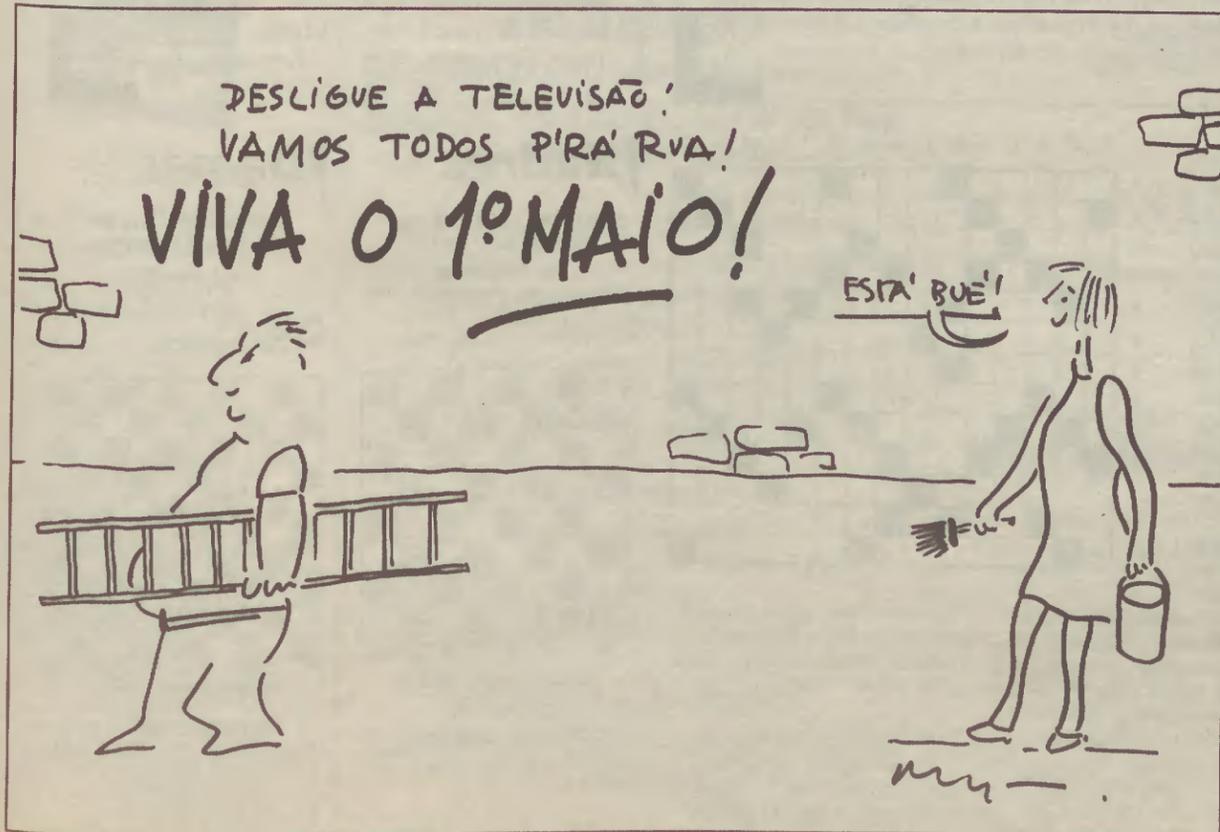
Palavra de vida de trabalho e pão bandeira vestida com o meu coração.

Tal alto que vai os medos espanta mas se, ferida, ai, se, sangrando, cai logo se levanta.

Ó sinal de vida do futuro à mão bandeira vestida com o meu coração!

Cartoon

• Monginho



Cinema

Rogério Feitor

Produzido por uma multinacional norte-americana, dirigido por um realizador originário do Taiwan, falado em Mandarim, protagonizado por actores chineses, este é na realidade um produto internacional. Ballet de Artes Marciais, falamos obviamente de «O Tigre e o Dragão» de Ang Lee. Sucesso de bilheteira apesar de não falado em Inglês (mesmo com toda a



Mulheres ao combate

propalada internacionalização do Capital, em termos de meios de comunicação a língua anglo-saxónica parece dominar), o seu argumento nem é simples nem complexo: trata apenas de uma sucessão de acontecimentos, cómicos e melodramáticos, todos eles fundamentais para o desenvolvimento do fio narrativo, cujo contexto intemporal rodeia este objecto de uma intensa beleza. Mais simplesmente, é uma história de Amor.

Beleza

A coreografia deste filme é espantosa: antes de um filme de combate de artes marciais, trata-se de um bailado, de um musical suportado por um violoncelista de renome internacional - Yo-Yo Ma. Os personagens, esculpidos em pedra, apresentam-se ao espectador num formato clássico de afastamento-aproximação que converge para um seu formato mais radical, amor-ódio. Este conflito dá-se fisicamente num formato temporal e espacial: um casal é mais velho e mais experiente, procurando sempre rodear-se de um clima tranquilo, bucólico; o outro, mais jovem, prefere o deserto, único local onde se pode contar todas as estrelas do céu. E este formato apenas se pode dar no cinema, como Ang Lee e alguns outros anteriores realizadores sabiamente compreenderam.

Além da beleza coreográfica, mesmo musical deste filme, uma outra, a mais importante, predomina: a feminina, a das mulheres ou a do combate no feminino. Pois, se atentarmos devidamente, notamos que em qualquer combate surge sempre, pelo menos, uma mulher. E sempre estas, em vez do homem, lutam, antes de tudo, por um devido reconhecimento da condição feminina. Mesmo quando lutam contra um outra mulher, é pela exibição da sua verdadeira força num mundo dominado por homens que elas lutam. Mas já lá vamos. Antes, pequenos sinais de admiração perante a beleza clássica deste filme: como a cena no deserto, onde nada mais nasce além de um imenso instinto de sobrevivência e um desejo de conciliação cósmica. Nada nasce além do poderoso poder criativo do Homem. E este dá-se pela perfeita simbiose do casal mais jovem, seres que não encontram o seu lugar nas sociedades, preferindo

exilar-se para este lugar inacessível à maioria das pessoas. Ou repare-se também no som suave dos golpes, dos voos, como se nada não natural os pudesse perturbar. Ou ao culminar da batalha na maravilhosa cena na floresta de bambu, onde equilíbrios se unem numa cena suspeitosamente romântica: o juvenil, impetuoso e pleno de energia, e o mais maturo, estado adulto que reserva as suas energias para os piores momentos, que permanentemente ignora a verdadeira razão da impetuosidade juvenil e que o levará à morte e o mais jovem à vitória, mesmo que triste. Como o prova o fim transcendental.

As mulheres

A mulher, como já o dissemos, é o ser fundamental neste filme. Todos os homens se sentem intimidados perante a sua presença. É ela que lhe diz como agir, é ela que está disposta a entregar-se definitivamente, são elas que combatem pelo seu orgulho, propriedade anteriormente sempre entregue ao mundo masculino. Finalmente, é ela que chega ao estatuto da perfeição, com toda a imperfeição que esta definição acarreta. Impulsadora de todo o dinamismo, de todo o movimento, de toda a matéria deste filme. Ela, a mulher.

Já Mizoguchi, lembrando agora realizadores orientais, nos dizia que não se pode envolver numa devida luta de classes se antes não se ultrapassar a verdadeira luta: a que coloca em lados opostos homem e mulher. E como poucos foram os que conseguiram penetrar nesse misterioso mundo feminino. Assim, há que exagerar os actos das mulheres, de modo a que lhes prestem a devida atenção. Ang Lee segue idiossincraticamente esta lição de um seu antigo mestre e eleva as mulheres ao mundo bruto dos homens, mas sempre com uma dose de vanguardismo e radicalismo que a faz lutar e nunca desistir dessa luta contra o homem, até que este deixe as suas certezas e penetre no mundo das dúvidas motivadoras do progresso com ela, a mulher. E, como o filme nos parece dizer, lutam por uma espada? Não, pelo efectivo reconhecimento do seu papel fundamental na sociedade.

E como Ang Lee torna essa luta bela e onírica. Como se realmente algo nos separasse da mulher. E como se essa separação fosse algo tão maciço como a beleza em si. Deixe-se maravilhar por este sonho e levite com os personagens para o mundo da fantasia no cinema.

Pontos Cardeais

Optimistas

Uma reunião de ministros das Finanças e governadores dos bancos centrais dos sete países mais industrializados (G-7) decretou há dias que o futuro da economia mundial é «optimista», apesar das recessões que borbulham por todo o lado. E dizem o que é preciso fazer para confirmar esse optimismo: políticas que «estimulem a produtividade» (leia-se que estimulem os lucros seja a que preço social for), que os preços desçam e estabilizem nos mercados petrolíferos (apesar de serem eles próprios os únicos responsáveis pela especulação desenfreada em que mergulhou o mundo dos combustíveis) e que se reduzam ainda mais as barreiras alfandegárias (leia-se: abram mais as portas aos interesses dos mais fortes). Portanto, há todas as razões para o mundo estar confiante... de que a selvajaria capitalista continuará à solta e de freio nos dentes.

Entretanto, uma pergunta (retórica, bem sabemos, mas que tem de ser feita): se a economia mundial está assim tão boa, por que razão os próprios organismos económicos que o G-7 tutela (com liderança dos EUA, pois claro) declararam concomitantemente que a fome e a miséria continuam a alastrar pelo mundo como mancha de óleo, havendo neste momento 1,2 milhões de pessoas a viver (!) com menos de 220\$00 por dia e um terço da população mundial vegetando abaixo do limiar da miséria?

Neste quadro de aumento incessante da miséria humana, afinal para quem são as «perspectivas optimistas» do G-7? Para a «economia mundial»... ou para eles próprios?

Greves

Emma Bonino, ex-comissária europeia (que bastante maltratou os interesses portugueses, aliás)

e candidata do Partido Radical às próximas eleições em Itália, entrou em greve da fome e sede como forma de protesto pela exclusão do seu partido dos meios de comunicação na campanha eleitoral. Em dois dias - a crer nos jornais - já está com a sua actividade cardiovascular no limite.

Pois é. Mas a demagogia que controla os mecanismos dos processos eleitorais nas democracias europeias e ocidentais é que não tem limites. Nela, até já é preciso arriscar a saúde para se ser notícia...

Turistas

... E lá foi ele! O primeiro «turista do espaço»! Um norte-americano, pois claro - mas transportado por russos; a bordo de uma nave Soyuz e pagando 20 milhões de dólares (qualquer coisa como 4 milhões e 600 mil contos), fora o compromisso de arcar com as despesas de eventuais danos provocados pela sua inevitável inexperiência a bordo da estação espacial internacional ISS, onde irá passar uma semana.

A piada disto tudo é que os EUA não gostaram nada da ideia deste seu milionário cidadão e tudo fizeram para impedir a Rússia de dar seguimento ao negócio. Todavia, 20 milhões de dólares é muito dinheiro para os depauperados cofres dos senhores do Kremlin e o presidente Putin assumiu pessoalmente a decisão de sacar a massa ao turista.

E porquê esta resistência dos EUA? Por questões de segurança da estação, disseram os seus responsáveis. Mas toda a gente sabe que o maior engulho foi este dinheiro fresco - e ainda por cima vindo dos EUA! - a entrar no depauperado programa espacial russo - que continua teso, tecnologicamente falando, mas também teso... financeiramente falando.

Boa viagem para todos!

Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 - Vulgar; maior; grupo musical organizado principalmente por estudantes. 2 - Curado; fraudulento. 3 - Apetite sexual dos animais em determinados períodos; labareda; partida; nome da 21.ª letra do alfabeto grego. 4 - Atmosfera; terceira nota musical; calcular. 5 - Órgão excretor que tem a seu cargo a função da formação da urina; depois de; comisseração. 6 - Afeição; espaço de 12 meses (pl.); pref. de origem latina, que exprime a ideia de aquém de, do lado de cá de, deste lado de. 7 - Administrar; que tem palavras de ouro. 8 - A minha pessoa; expulsão ruidosa, pela boca, de gases provenientes do estômago; cura. 9 - Sete mais um; pedra de amolar. 10 - Prep. designativa de falta, exclusão, ausência, condição, excepção; a si mesmo; feiteira; a ti. 11 - Delicado; destino; aguardente de cereais (cevada, trigo, aveia). 12 - Prep. que indica lugar, tempo, modo, causa, fim e outras relações; prep. que designa diferentes relações, como posse, matéria, lugar, providência, etc.; vestuário rústico feito de peles de ovelha ou carneiro, ainda com a lã. 13 - Estojo para setas (pl.); rasa grande.

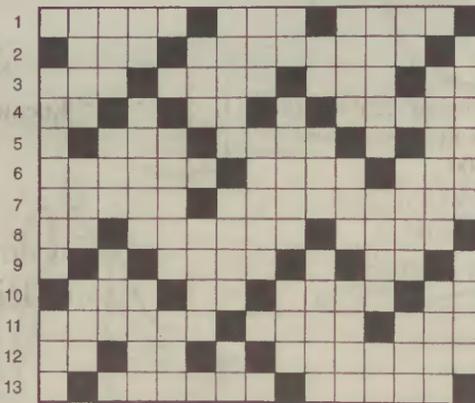
VERTICAIS: 1 - Espécie de adubo com cal que se deita na terra para corrigir a acidez do solo; doçura (fig.). 2 - Sustentar; relativo a mim; anuência. 3 - Partícula de negação; sorrir; virtude. 4 - Contr. da prep. a com o art. def. o; vigília; costume. 5 - Monte de pouca altura; existir. 6 - Prep. que indica várias relações, como companhia, instrumento, ligação, modo, oposição, etc.; zombaria. 7 - Encanto; nó falso num cabo de embarcação; deus egípcio. 8 - Germe (fig.); dividido em partes. 9 - Sorri; instrumento para medir com a máxima exactidão as frações de uma divisão numa escala graduada; certamente. 10 - Medida itinerária chinesa; sinal radiotelegráfico internacional para pedir socorro; vaticinar. 11 - Completo; solitários; solução de amido, para engomar. 12 - Empregara habitualmente em; mistura de terra e água; aquelas. 13 - Laçada; grupo de pessoas que cantam juntamente; galha de uma espécie de carvalho. 14 - Cansaço resultante de trabalho excessivo; detonação. 15 - Gracioso; a parte amarela do ovo.

9 - Rir; não; mas. 10 - Lr; não; mas. 11 - Lr; SOS; fadar. 12 - Usar; usar; usar. 13 - No; cor; gata. 14 - Fadar; fadar. 15 - Alto; gema.

VERTICAIS: 1 - Calagem; mel. 2 - Astr; meu; sim. 3 - Não; tr; bem. 4 - Ao; vig; moda. 5 - Mor; ser. 6 - Com; rto. 7 - Mag; col; Ha. 8 - Ovo; parto. 8 - For; arto; sar; g. 9 - Oit; m. 10 - Sem; set; ma; g. 11 - Mito; sos; fado; g. 12 - Km; det; sam; tra. 13 - Car; das; raso. 14 - Car; das; raso. 15 - Car; das; raso.

HORIZONTAIS: 1 - Banal; mort; lina. 2 - São; cav; liso. 3 - Cio; fogo; ida. 4 - Ar; org; gar. 5 - Rm; apos; do; dó. 6 - Am; gos; anos; cis. 7 - Ger; tr; cristo; logo.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



SOLUÇÃO:
 1 - Ch5, a2; 2 - B; e5, a1=D; 3 - B; p4, Du2/a4; 4 - C; c3 + e.g.
 5 - Rm; apos; do; dó. 6 - Am; gos; anos; cis. 7 - Ger; tr; cristo; logo. 8 - For; arto; sar; g. 9 - Oit; m. 10 - Sem; set; ma; g. 11 - Mito; sos; fado; g. 12 - Km; det; sam; tra. 13 - Car; das; raso. 14 - Car; das; raso. 15 - Car; das; raso.

Xadrez

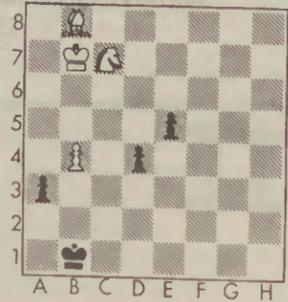
DCCXCVIII - 3 DE MAIO DE 2001
PROPOSIÇÃO N.º 2001X16

Por: Enrico Paoli

4.º Prémio - «La Schacchiera», 1950

Pr.: [4]: Ps. a3, d4, e5 - Rb1

Br.: [4]: Pb4 - Cç7 - Bb8 - Rb7



Branca jogam e ganham

SOLUÇÃO [N.º 2001X16 / E. P.]

1. Ch5, a2; 2. B; e5, a1=D; 3. B; p4, Du2/a4; 4. C; c3 + e.g.

Damas

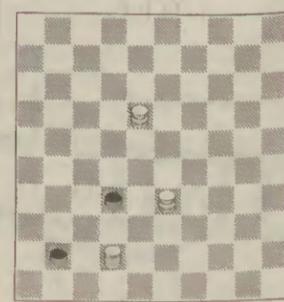
DCCXCVIII - 3 DE MAIO DE 2001
PROPOSIÇÃO N.º 2001D16

Por: Isidore Weiss

F., 1867-1936

Pr.: [2]: 32-41

Br.: [3]: (18)-(33)-(42)



Branca jogam e ganham

SOLUÇÃO [N.º 2001D16 / I. W.]

1. 18-31, (41-46=D); 2. 42-37, (32x41); 3. 33-47, e.g. 4. 48x47 e.g.

1. ..., (41-47); 2. 33-15 e.g.

1. ..., (32-37); 2. 42-47 e.g.

1. ..., (32-38); 2. 42-47 e.g.

A. de M. M.

A. de M. M.

AMADORA

Plenário do Sector de Empresas da Amadora sobre a situação política, social e laboral e conclusões da reunião do CC: hoje, quinta-feira, às 18h30, no Centro de Trabalho, com a participação do camarada **Joaquim Dias**.

LISBOA

Reunião da célula do Património Cultural e Natural (S. Int. Lisboa) sobre a situação política, actividade do Partido e iniciativas sobre o Património: quarta-feira, 9, às 18h30 no CT Vitória.

MOITA

Plenário de militantes da freguesia de Alhos Vedros sobre a situação política e tarefas do Partido, com entrega dos novos cartões: domingo, 6, às 15h, no CT de Alhos Vedros.

OEIRAS

Carnaxide – Almoço-convívio e debate sobre as conclusões da última Reunião do CC: domingo, 6, às 13h, no CT de Carnaxide.

Freguesia de Caxias – Reunião sobre as eleições autárquicas (lista para a Ass. de Freguesia): quarta-feira, 9, às 21h, no CT de Algés.

SANTARÉM

Reunião concelhia de militantes sobre eleições autárquicas e questões da Organização: hoje, quinta-feira, às 21h, no Centro de Trabalho.

TORRES VEDRAS

Plenário de militantes das freguesias de São Pedro e Santiago e Santa Maria e São Miguel sobre a situação política e eleições autárquicas: sexta-feira, 4, às 21h30, no CT de Torres Vedras.

VILA NOVA DE GAIA

Reunião plenária da freguesia de Santa Marinha sobre organização (incluindo a próxima assembleia concelhia) e eleições autárquicas: no CT de Gaia, sábado, 5 às 15h.

PORTO

«Saúde em Portugal

Por um SNS de qualidade. Que fazer?»

– debate com a participação de **Bernardino Soares, António Rodrigues e Jorge Almeida**

Sexta-feira, 4, às 21h30, no CT da Boavista

Nos 130 anos da Comuna de Paris

Exposição de Arte e Mostra Documental no Porto

Inauguração e colóquio com a participação do Dr. Hernâni Resende

Quinta-feira, 3, às 21h30, no Centro de Trabalho da Boavista

**Exposição comemorativa na SIRB «Os Penicheiros»**

Dias 4, 5 e 6 de Maio

- «Histórias da clandestinidade», com **Joaquim Gomes**: dia 4, às 21h30
- Debate sobre Questões Económicas, com **Ilda Figueiredo**: dia 5, às 21h
- Projecção de um filme: dia 6, às 21h

**Almeirim**

Sobre os 80 anos das Juventudes Comunistas, debate com **Jorge Martins**
Sábado, 5, às 21h, no CT do PCP

Viagem ao Canadá

Toronto-Niagara-Mil Ilhas-Ottawa-Montebello-Quebec-Tadoussac-Montreal
10 a 20 de Julho de 2001 organizada pela DORS do PCP
(Informações: cam. Adelaide - Tel. 265526123)

Homenagem a Catarina Eufémia em Baleizão

por ocasião do aniversário do seu assassinato
Excursões a Baleizão no dia 20 de Maio em autocarros, promovidas por Organizações do PCP

● **Freguesia da Ajuda, Lisboa:**

Saída da Calçada da Ajuda (junto ao n.º 226) às 7h30
Despesa prevista com autocarro e portagens, etc.: 1.900\$00

Inscrições: Camarada Boto Fernandes
– tels. 213636552 e 213901124
e CTs da Ajuda, Alcântara e Vitória

● **Amadora:**

Saída da Amadora às 8h
Passagem pela Barragem de Alqueva e Beja
Preço: 2.000\$00
Inscrições: CT da Amadora – Tel. 214941162

● **Freguesia de Amora:**

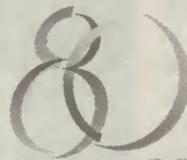
Mais informações e inscrições no Centro de Trabalho de Amora

Encontro Nacional do PCP sobre o Poder Local e as Eleições Autárquicas

Sábado, 5, a partir das 10h30, no Hotel Altis em Lisboa
Sessão de encerramento cerca das 17h, com intervenção de

Carlos Carvalhas

PCP 1921 2001



ANOS
a fazer história
a construir futuro

ESPINHO

Sexta-feira, 4, às 21h30 – Cinema S. Pedro

Comício-festa do PCP

comemorativo do 80.º aniversário

com a participação de **Carlos Carvalhas**

Projecção de filmes documentais sobre a história do PCP e actuação do grupo musical «Convinha Tradicional»

**ÉVORA**

Sessão pública

no Hotel da Cartuxa - Terça-feira, 8, às 20h

Apresentação dos cabeças de lista da CDU à Câmara Municipal e às quatro freguesias da cidade com a participação de **Carlos Carvalhas**

BARREIRO

Sessão pública

no Largo Casal (frente a «Os Penicheiros») – Quarta-feira, 9, às 21h30
Apresentação dos cabeças de lista da CDU à CM e AM do Barreiro com a participação de **Carlos Carvalhas**

PESO DA RÉGUA

Apresentação dos cabeças de lista da CDU à CM e AM
Sexta-feira, 4, às 19h30, na Junta de Freguesia de Peso da Régua, com a participação de **Mário Costa**

SANTIAGO DO CACÉM

Encontro concelhio da CDU sobre as eleições autárquicas:
Sexta-feira, 4, às 20h30, na Biblioteca Municipal

Férias em Palma de Maiorca

com viagem à volta da Ilha 8 dias – 17 a 24 de Julho.
Pensão completa.
Promovido pela Comissão Concelhia de Almada do PCP onde estão abertas inscrições
(Cam. Artur Cabrita, tel. 212752777)

Associação de Amizade Portugal-Cuba**Brigada José Martí**

De 8 a 29 de Julho de 2001

Trabalhos agrícolas – Conferências sobre a revolução cubana – Visitas a Santa Clara – Encontros com dirigentes – Visitas a escolas e CDR's – Actividades desportivas – Música – Aulas de espanhol e dança cubana

(Informações na sede da Associação, R. Rodrigo da Fonseca, 107, r/cE 1070-239 Lisboa
Tel./Fax 21 3857305)

ATVer

Mata Hari é, sobretudo, Greta Garbo, aqui numa cena que o censor entendeu cortar na versão final

Adalen 31

(Quinta-feira, 3 de Maio, RTP-2)

Adalen 31 é a reconstituição ficcionada de um célebre conflito laboral no norte da Suécia em Maio de 1931, que acabou em trágica repressão governamental e abriu caminho ao ascenso do partido social-democrata ao poder, numa profunda viragem à esquerda que tornaria a Suécia num país respeitado em todo o mundo. Nomeado para o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1970 e premiado no Festival de Cannes, é uma excelente realização de **Bo Widerberg**, autor social e politicamente empenhado que também nos deu obras como *Elvira Madigan* ou *Joe Hill* - como se vê, nenhuma delas de deixar um cinéfilo indiferente.

Aracnofobia

(Sexta-feira, 4 de Maio, TVI)

Mais uma crónica terrorífica onde o inimigo vem do mundo animal - desta vez uma aranha mutante a fazer estragos «numa pacífica cidade da Califórnia», que é como quem diz uma vilória de bimbos a precisar mesmo de um susto valente. Uma nota para a presença de **Jeff Daniels** a dar-nos, convincente como de costume, um médico da grande cidade primeiro a braços com os preconceitos brancos da clientela e, depois, com as próprias aranhas por quem, de resto, «nutre» uma configurada fobia. Aracnofobia, aí está!

Difamação (Notorius)

(Sexta-feira, 4 de Maio, RTP-1)

Notorius é mais um bom filme de **Alfred**



Notorius, um Hitchcock que um produtor bronco de Hollywood achava «absurdo»...

Hitchcock, realizado nos EUA e produzido pelo próprio após a recusa de um produtor de Hollywood, que achou o enredo «absurdo». Absurda foi a sua falta de visão: o mestre produziria e realizaria o filme com dois milhões de dólares, arrecadando em seguida oito milhões nas bilheteiras. É uma história de espionagem com amor à mistura - uma mulher, ao serviço dos EUA, casa-se com o chefe de um rede nazi para espionar a organização, mas está apaixonada pelo agente de ligação encarregado de a proteger, num jogo brilhante de medo e paixão, culpa e amor. Destaque para os intérpretes: **Cary Grant**, **Ingrid Bergman** e **Claude Rains**.

Mata Hari

(Sexta-feira, 4 de Maio, RTP-2)

Quem diz **Mata Hari** diz **Greta Garbo**, neste filme de 1931 cotejando a lendária espia da I Guerra Mundial fuzilada pelos franceses em 1917, compõe um dos seus mais emblemáticos papéis de «mulher fatal», aqui dando corpo (e que corpo!) a uma visão romântica e romanceada da célebre dançarina erótica, ao ponto de ter tornado histórica uma espia que, dificilmente, mereceria entrar na história...

Eu Vos Saúdo, Maria!

(Je Vous Salue, Marie)

(Sábado, 5 de Maio, RTP-2)

Este filme de **Jean-Luc Godard** tornou-se



celebérrimo em 1984 não pelo que mostrava, mas pelo que católicos fundamentalistas decidiram nele ver, mesmo sem lhe terem posto a vista em cima. E viram, é claro, um escândalo sem nome, um insulto à Virgem, a Deus e a todos os santos, lançando-se numa campanha insensata e obscurantista contra o filme. Em Lisboa, uma tão patética como pateta manifestação de «desagravo católico» também deu o seu contributo ao histerismo geral, com a concorrência de diversas figuras públicas. Dezassete anos depois a fita aí está, sossegadamente, a entrar-nos em casa com aquilo que sempre foi: uma versão moderna - e nem sequer uma «leitura» - do mito católico da Virgem e da Anunciação, no respeito do cânone e da mensagem mística. Mais uma vez o tempo de encarregou de mostrar como são sempre ridículos os guardiães do templo, que é como quem diz da verdade absoluta...

O Corvo

(Sábado, 5 de Maio, TVI)

Brandon Lee, filho do famoso **Bruce Lee**, mostra neste filme entre o policial negro e o gótico fantástico ser quase tão bom nas artes marciais como o pai e muito melhor que ele no *plateau*. A história fantástica de um guitarrista assassinado que regressa dos mortos guiado por um corvo para se vingar vinga aqui em pleno, graças a uma bela fotografia, a *décors* impressionantes, a uma montagem com nervo, a uma banda sonora inquietante e à própria interpretação de Lee. O facto de o jovem actor ter morrido pouco depois da rodagem, cumprindo um destino trágico semelhante ao do pai, acabou por erguer este filme a mito sazonal. Hoje, continua a ver-se com interesse pelos amantes do género.

Assassinos

(Domingo, 6 de Maio, SIC)

Referimos esta inverosimilhança feita à medida de **Silvester Stallone** porque é interessante ver como até num tiroteio infundável e idiota é possível descortinar talento - o de **Antonio Banderas** -, o que deixa cruelmente exposto o confrangedor cabotinismo de Stallone, a «estrela» da fita. Hollywood é (muito) frequentemente assim...

Fuga para Atenas

(Domingo, 6 de Maio, RTP-1)

Por contraponto às aventuras psicóticas de Stallone, aqui temos um filme de aventuras com pés e cabeça, feito no Reino Unido em 1979 e contando com **Roger Moore** (que ao pé de Stallone até parece um grande actor), **David Niven**, **Telly Savalas** e **Claudia Cardinale**, entre outros.

Quinta, 3

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
15.30 Vidas Cruzadas
16.30 Ramona
17.35 Quem Quer Ser Milionário?
18.00 Quebra Cabeças
18.30 Ajuste de Contas
19.40 Regiões
20.00 Telejornal
21.05 Quem Quer Ser Milionário?
21.45 Elsa, Uma Mulher Assim
22.15 Grande Informação
23.30 Bull
24.30 Ciclismo: G.P. Jornal Notícias
24.45 24 Horas
01.15 «Olha Para Mim» (de Claudio De Molinis, Itália/1977, com Lilli Carati, Mircha Carven, Marco Guglielmi. *Erótico*)

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Espaço Infantil-Juvenil
12.10 Euronews
12.30 A Madeira e os Descobrimientos
13.00 A Loja do Cidadão
14.00 Napoleão Bonaparte
15.00 Por Outro Lado
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.40 Espaço Infantil
18.30 Informação Religiosa
19.00 Andamentos IV
19.30 Horizon: Diamond Makers
20.10 Viver no Campo
20.40 2010
21.50 RTP Economia
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.00 Artigo 37
00.30 «Adalen 31» (de Bo Widerberg, Suécia/1969, com Peter Schildt, Kerstin Tidelius, Roland Hedlund. *Ver Destaque*)

▼ SIC

08.00 Buêrére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.30 A Viagem
16.40 Malhação
17.40 Estrela Guia
18.45 Um Anjo Caiu do Céu
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Minha Família é uma Animação
22.00 Ganância/Porto dos Milagres

▼ TVI

08.30 Animação
10.00 Tic Tac Milionário
11.30 Big Brother II
13.00 TVI Jornal
14.00 Big Brother II Extra
14.30 Chiquititas
15.30 Batatoon
19.00 Olho Vídeo
19.30 Big Brother Extra
20.00 Jornal Nacional
21.00 Olhos de Água
22.00 Crianças SOS
23.10 Big Brother
01.15 A Bola É Nossa
03.00 Última Edição
03.50 Doido Por Ti
04.20 O Vingador

▼ TVI

08.30 Animação
11.00 Tiro e Queda
11.30 Big Brother II
13.00 TVI Jornal
14.00 Big Brother II Extra
14.30 Chiquititas
15.30 Batatoon
19.00 Olho Vídeo
19.30 Big Brother Extra
20.00 Jornal Nacional
21.30 Lua de Mel
22.15 Olhos de Água
23.15 Big Brother II
24.20 «Aracnofobia» (de Frank Marshall, EUA/1990, com Harley Jane Kozak, Jeff Daniels, John Goodman. *Ver Destaque*)
02.20 Última Edição
03.10 «Trama Indecente» (de Yuri Zeltser, EUA/1994, com Colin Firth, Jennifer Rubin, John Getz. *Suspense*)
05.10 Doido Por Ti
05.40 O Vingador

Sexta, 4

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
15.30 Vidas Cruzadas
16.30 Ramona
17.35 Quem Quer Ser Milionário?
18.00 Quebra Cabeças
18.30 Ajuste de Contas
19.30 Roda dos Milhões
19.40 Regiões
20.00 Telejornal
21.05 Sessão Especial
22.45 Turnos de Risco
23.40 Histórias da Noite
24.10 Top Filme
24.40 Ciclismo: G.P. Jornal de Notícias

EMERGENCIA



«Crianças SOS» Série portuguesa sobre as urgências num hospital

24.50 24 Horas
01.20 «Difamação» (de Alfred Hitchcock, EUA/1946, com Cary Grant, Ingrid Bergman, Claude Rains. *Ver Destaque*)

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Espaço Infantil-Juvenil
12.10 Euronews
12.30 A Caça e a Conservação da Fauna
13.00 Livres e Iguais
14.00 Esquadra de Polícia
15.00 Conversa Privada
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.40 Espaço Infantil
18.30 Informação Religiosa
19.00 100.000 Porquês
19.30 Voleibol:

▼ SIC

07.00 Zip Zap
11.15 Dá-lhe Gás
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Malucos do Riso
14.30 «O Meu Papá, O Anjo e Eu» (de Rick Wallace, EUA/1998, com Judge Reinhold, Carol Kane, Stephi Lineburg. *Comédia*)
16.30 «Não Mexas no Meu Periscópio» (de David S. Ward, EUA/1996, com Kelsey Grammer, Lauren Holly, Rip Thorn. *Comédia*)
18.40 Mundo Vip
19.00 Um Anjo Caiu do Céu
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
23.00 Herman Sic
01.30 «Operação Força Delta» (de Sam Firstenberg, EUA/1996, com Ernie Hudson, Frank Zagarino, Joe Lara. *Ação*)
03.30 Portugal Radical

Portugal/Estónia
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.00 Dharma e Greg
23.50 A Outra Face da Lua
01.30 «Mata Hari» (de George Fitzmaurice, EUA/1931, com Greta Garbo, Ramon Novarro, Lionel Barrymore. *Ver Destaque*)

▼ SIC

08.00 Buêrére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.30 A Viagem
16.40 Malhação
17.40 Estrela Guia
18.45 Um Anjo Caiu do Céu
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.30 Ganância/Porto dos Milagres
23.30 Noites Marcianas
02.00 Jogo Limpo
04.00 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Animação
11.00 Tiro e Queda
11.30 Big Brother II
13.00 TVI Jornal
14.00 Big Brother II Extra
14.30 Chiquititas
15.30 Batatoon
19.00 Olho Vídeo
19.30 Big Brother Extra
20.00 Jornal Nacional
21.30 Lua de Mel
22.15 Olhos de Água
23.15 Big Brother II
24.20 «Aracnofobia» (de Frank Marshall, EUA/1990, com Harley Jane Kozak, Jeff Daniels, John Goodman. *Ver Destaque*)
02.20 Última Edição
03.10 «Trama Indecente» (de Yuri Zeltser, EUA/1994, com Colin Firth, Jennifer Rubin, John Getz. *Suspense*)
05.10 Doido Por Ti
05.40 O Vingador

Sábado, 5

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.15 Bandas Fabulosas
15.40 Sem Filtro
17.10 Felicity
18.15 «Os 12 Trabalhos de Astérix» (de Georges Dargaud, R. Goscinny e A. Uderzo, França/1976, vozes de Roger Carel, Pierre Tornade, Henri Labussière. *Desenhos Animados*)
20.00 Telejornal
21.05 Sábado à Noite
22.40 Alves dos Reis
23.35 Lei Marcial
24.30 24 Horas
24.50 Ciclismo: G.P. Jornal de Notícias
01.00 Máquinas

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Universidade Aberta
12.00 Iniciativa
14.00 Parlamento
15.00 Desporto 2
19.00 «Passagem por Lisboa» (de Eduardo Gêada, Portugal/1994, com Anthony Story, Margarida Reis, Jennifer Hamilton. *Espionagem*)
20.45 Horizontes da Memória
21.20 Bombojo
22.00 Jornal África
22.30 Jornal 2
23.30 O Lugar da História
24.30 Britcom («Office Gossip» «Meu Herói» «A Família Royle»)
02.00 «En Vos Saúdo, Maria» (de Jean-Luc Godard, França/Suíça/1984, com Myriem Roussel, Thierry Rode, Philippe Lacoste. *Ver Destaque*)
03.30 Prazeres

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Universidade Aberta
12.00 Iniciativa
14.00 Parlamento
15.00 Desporto 2
19.00 «Passagem por Lisboa» (de Eduardo Gêada, Portugal/1994, com Anthony Story, Margarida Reis, Jennifer Hamilton. *Espionagem*)
20.45 Horizontes da Memória
21.20 Bombojo
22.00 Jornal África
22.30 Jornal 2
23.30 O Lugar da História
24.30 Britcom («Office Gossip» «Meu Herói» «A Família Royle»)
02.00 «En Vos Saúdo, Maria» (de Jean-Luc Godard, França/Suíça/1984, com Myriem Roussel, Thierry Rode, Philippe Lacoste. *Ver Destaque*)
03.30 Prazeres

▼ SIC

07.00 Zip Zap
11.15 Dá-lhe Gás
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Malucos do Riso
14.30 «O Meu Papá, O Anjo e Eu» (de Rick Wallace, EUA/1998, com Judge Reinhold, Carol Kane, Stephi Lineburg. *Comédia*)
16.30 «Não Mexas no Meu Periscópio» (de David S. Ward, EUA/1996, com Kelsey Grammer, Lauren Holly, Rip Thorn. *Comédia*)
18.40 Mundo Vip
19.00 Um Anjo Caiu do Céu
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
23.00 Herman Sic
01.30 «Operação Força Delta» (de Sam Firstenberg, EUA/1996, com Ernie Hudson, Frank Zagarino, Joe Lara. *Ação*)
03.30 Portugal Radical

▼ TVI

08.00 Animação
11.15 Top Rock
12.00 Big Brother II
13.00 TVI Jornal
13.45 Contra-Ataque
14.45 4º a Fundo
15.00 Caras Lindas
17.00 «O Pequeno Génio» (de Rod Daniel, EUA/1999, com Trevor Morgan, Emmy Rossum, Charles Fleischer. *Aventura*)
19.00 Big Brother II
20.00 Jornal Nacional
21.00 Super Pai
22.00 Mulheres de A a Zé
23.30 112
24.00 Lux
01.00 «Alibi» (de Andy Wolk, EUA/1996, com Tori Spelling, Jason Brooks, Era Dawn Chong. *Suspense*)
03.00 «O Corvo» (de Alex Proyas, EUA/1994, com Brandon Lee, Ernie Hudson, Michael Wincott. *Ver Destaque*)
05.00 Grandes Esperanças

Domingo, 6

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da tarde
14.00 Made in Portugal
15.15 JAG Em Nome da Justiça
17.30 Agora é Que São Eles
18.55 Futebol:



«Os Simpsons» Novos episódios sobre a famosa família animada

Belenenses/Sporting
21.00 Telejornal
22.10 Alves dos Reis
23.05 O Rosto da Notícia
24.10 Domingo Desportivo
01.20 Ciclismo: G.P. Jornal de Notícias
01.30 Magazine Liga dos Campeões
02.00 24 Horas
02.20 «Fuga para Atenas» (de George Pan Cosmatos, Reino Unido/1979, com Roger Moore, David Niven, Telly Savalas. Ver Destaque)

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
11.15 Horizontes da Memória
11.45 As Novas Reservas Naturais
12.30 Palácio de Cristal
13.30 Quem Sai Aos Seus
14.00 Desporto 2
18.30 Forces Of The Wild
19.30 Nature Boy
20.30 Onda Curta (Filmes Lumière)
21.15 Simpsons-X
21.45 Artes e Letras
22.30 Jornal 2
23.00 Travessa do Cotovelo
24.10 «A Herdeira» (de Mauro Bolognini, Itália/1976, com Anthony Quinn, Fabio Testi, Dominique Sanda. Drama)

▼ SIC

07.00 Zip Zap
12.00 BBC Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Big Show SIC
18.00 «Debaixo D'Olho» (de John Badham, França/1987, com Richard Dreyfuss, Emilio Estevez, Madeleine Stowe. Aventura Policial)
20.00 Jornal da Noite
21.00 Popstar
22.30 «Assassinos» (de Richard Donner, EUA/1995, com Sylvester Stallone, Antonio Banderas, Julianne Moore. Ver Destaque)
24.30 Esta Semana
02.10 «O Segredo dos Abbots» (de Pat O'Connor, EUA/1997, com Liv Tyler, Joaquin Phoenix, Jennifer Connelly. Drama)
04.10 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Animação
10.45 Angelus
11.15 Missa
12.30 B.* Dia
13.00 TVI Jornal
13.30 Dawson's Creek
14.30 Gémeos à Força
15.15 Lua de Mel
16.00 «Flash» (de Simon Wincer, EUA/1998, com Lucas Black, Brian Kerwin, Shawn Toovey. Aventura)
18.00 «Academia de Polícia 3 de Volta Aos Treinos» (de Jerry Paris, EUA/1985, com Steve Guttenberg, Bubba Smith, David Graf. Comédia)
20.00 Jornal Nacional
21.00 Bora Lá Marina
21.45 Super Pai
22.45 Big Brother
24.05 «A Lotaria» (de Daniel Sackheim, EUA/1996, com Don Cortese, Keri Russell, William Daniels. Suspense)
02.05 «Anatomia de Um Golpe» (de Stephen Frears, EUA/1990, com Angelica Huston, John Cusack, Annette Bening. Drama)
04.05 Grandes Esperanças

Segunda, 7

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
15.30 Vidas Cruzadas
16.30 Ramona
17.15 Quem Quer Ser Milionário?
17.55 Quebra Cabeças
18.30 Roda dos Milhões
18.40 Ajuste de Contas
19.40 Regiões
20.00 Telejornal
21.05 Lotaria Nacional
21.20 Mr. Bean
22.00 Luís de Matos ao Vivo
23.10 Jogo Falado
24.50 24 Horas
01.20 «Miami-Cidade em Fúria» (de Miguel Delgado, EUA/1997, com Steven Bauer, Miguel Delgado, Tina Leiu. Policial)

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Espaço Infantil-Juvenil
12.10 Euronews
12.30 100.000 Porquês
13.00 2010 (R)
14.00 Esquadra de Polícia
15.00 Parlamento
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.45 Espaço Infantil
18.30 Informação Religiosa
19.00 Rotações
19.30 Horizon: Complete Obsession
20.25 Viver no Campo
20.50 Por Outro Lado
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.00 Snoops (estrela)
24.00 Artes de Palco: Camaradagem
24.50 Andamentos

▼ SIC

08.00 Buêrére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.30 A Viagem
16.30 Acorrentados
16.40 Malhação
17.40 Estrela Guia
18.45 Um Anjo Caiu do Céu
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
22.00 Porto dos



«Mr. Bean» O regresso de um dos mais populares comediantes britânicos

Milagres/Ganância
23.30 Noites Marcianas
02.00 «O Detective Milionários» (de Jerry London, EUA/1994, com Bill Cosby, James Naughton, Alice Playten. Comédia)
04.00 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Animação
11.30 Tiro e Queda
12.00 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Big Brother II
15.00 Chiquititas
15.30 Batatoon
17.45 Mulheres de A a Zé
19.15 Big Brother
19.45 Jornal Nacional
20.30 Paris St. Germain/Benfica
22.30 Mulheres de A a Zé
23.30 Big Brother
24.35 Pretender
01.35 Última Edição
02.25 Até Que a Lei nos Separe
03.35 Mercy Point
04.35 Doido Por Ti
05.05 O Vingador

Terça, 8

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.30 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
15.30 Vidas Cruzadas
16.30 Ramona
17.35 Quebra Cabeças
18.30 Roda dos Milhões
18.40 Ajuste de Contas
19.40 Regiões
20.00 Telejornal
21.05 Mr. Bean
21.45 Futebol: Valencia/Leeds
24.00 Top Video
24.30 24 Horas
01.00 «Os Marginais» (de Francis Ford Coppola, EUA/1983, com C. Thomas Howell, Matt Dillon, Ralph Macchio. Drama)

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Espaço Infantil-Juvenil
12.10 Euronews
12.20 Boletim Agrário
12.30 Rotações
13.00 O Lugar da História
14.00 Esquadra de Polícia
15.00 Artigo 37
16.30 Informação Gestual
17.40 Espaço Infantil
18.30 Informação Religiosa
19.00 Bombordo
19.30 Horizon: The Lost World Of Lake Vostok
20.25 Viver no Campo
21.00 O Triunfo dos Porcos
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.00 Conversa Privada
24.00 «O Exame da Meia-Noite» (de Danièle Dubroux, França/1988, com François Cluzet, Serge Riaboukine, Julie Depardieu. Comédia)
01.45 Rotações

▼ SIC

08.00 Buêrére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.30 A Viagem
16.40 Malhação
17.40 Estrela Guia
18.45 Um Anjo Caiu do Céu
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mulher Não Entra
22.00 Porto dos Milagres/Ganância
23.30 Noites Marcianas
02.00 Noites Longas
04.00 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Animação
11.00 Tiro e Queda
11.30 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Big Brother II Extra
14.30 Cortejo da Queima das Fitas
18.20 Big Brother
20.00 Jornal Nacional
21.00 Mulheres de A a Zé
22.00 Big Brother
24.35 Ally McBeal
01.35 Última Edição
02.25 Doido Por Ti
02.55 Profiler

08.30 Animação
11.00 Tiro e Queda
11.30 Big Brother II
13.00 TVI Jornal
14.00 Big Brother II
15.15 Batatoon
17.00 Big Brother II
20.00 Jornal Nacional
21.00 Mulheres de A a Zé
22.00 Olhos de Água
23.00 Big Brother II
24.05 Tic Tac Milionário
02.15 Última Edição
02.55 «Olimpíadas da Vida» (de Lisa Satriano, EUA/1998, com Dave Oliver, Darin Cooper, Brian James. Drama)
04.55 Doido Por Ti
05.25 Profiler

▼ TVI

08.30 Animação
11.00 Tiro e Queda
11.30 Big Brother II
13.00 TVI Jornal
14.00 Big Brother II
15.15 Batatoon
17.00 Big Brother II
20.00 Jornal Nacional
21.00 Mulheres de A a Zé
22.00 Olhos de Água
23.00 Big Brother II
24.05 Tic Tac Milionário
02.15 Última Edição
02.55 «Olimpíadas da Vida» (de Lisa Satriano, EUA/1998, com Dave Oliver, Darin Cooper, Brian James. Drama)
04.55 Doido Por Ti
05.25 Profiler

Nota:
A Redação não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

Quarta, 9

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Emoções Fortes
15.30 Vidas Cruzadas
16.30 Ramona
17.35 Quebra Cabeças
18.40 Ajuste de Contas
19.35 Futebol: Bayern/Real Madrid
21.35 Telejornal
22.30 «Soldado Implacável» (de Paul Anderson, Reino Unido/EUA/1998, com Kurt Russell, Jason Scott Lee, Jason Isaacs. Acção)
24.15 Maiores de 20
24.45 24 Horas
01.15 «A Viagem» (de Fernando Solanas, Arg/Fran/Esp/1992, com Walter Quiroz, Soledad Alfaro, Christina Bacerra. Ver Destaque)

▼ RTP 2

07.00 Hora Viva
09.45 Espaço Infantil-Juvenil
12.10 Euronews
12.30 Andamentos
13.00 O Triunfo dos Porcos
14.00 Esquadra de Polícia
15.00 Euronews
15.30 Travessa do Cotovelo
16.30 Informação Gestual
17.45 Espaço Infantil
18.30 Informação Religiosa
19.00 Onda Curta
19.30 Horizon: Living Forever
20.10 Viver no Campo



20.30 Livres e Iguais
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.00 Fômeno
24.00 Sinais do Tempo
01.00 Departamento de Homicídios

▼ SIC

08.00 Buêrére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.30 A Viagem
16.40 Malhação
17.40 Estrela Guia
18.45 Um Anjo Caiu do Céu
20.00 Jornal da Noite
21.00 O Programa da Maria
22.00 Porto dos Milagres/Ganância
23.30 Noites Marcianas
02.00 Noites Longas
04.00 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Animação
11.00 Tiro e Queda
11.30 Big Brother II
13.00 TVI Jornal
14.00 Big Brother II
15.15 Batatoon
17.00 Big Brother II
20.00 Jornal Nacional
21.00 Mulheres de A a Zé
22.00 Olhos de Água
23.00 Big Brother II
24.05 Tic Tac Milionário
02.15 Última Edição
02.55 «Olimpíadas da Vida» (de Lisa Satriano, EUA/1998, com Dave Oliver, Darin Cooper, Brian James. Drama)
04.55 Doido Por Ti
05.25 Profiler

TVisto

Correia da Fonseca

Abril que a bola ocultou

Não sei se alguém deu por isso, mas é verdade que a RTP transmitiu no passado dia 25 de Abril um programa intitulado «Palavras de Abril». A minha dúvida quanto a uma audiência, mesmo mínima, para o programa reside na circunstância de a sua transmissão ter sido feita na RTP 2. Pior: às 19 horas e 30. Muito pior ainda: quando a RTP 1 transmitia em directo o França-Portugal que por desgraça acabou com um resultado que não convém lembrar. De facto, o menos que se pode dizer é que não foram o canal

antifascista. Por isto se entenderá a minha mágoa por adivinhar facilmente que o programa acabou condenado a uma quase total ausência de telespectadores, sem sequer ter a ilusão de que esse seu destino constituiu uma deliberada homenagem à clandestinidade dos anos do fascismo.

Apetecer e calar

Acresce que à acertadíssima escolha dos poetas e dos poemas (sendo certo, é claro, que poderia ser outra sem perda de adequação e qualidade) se adicionou a justeza do texto dito por Margarida Mercês de Melo, que apresentou o programa. Quanto a este mérito há que referir um lapso que, sendo desagradável, não desvaloriza a qualidade global: o de ter sido atribuída a Francisco Fanhais, que os cantou, a autoria dos versos de João Apolinário que exactamente o canto tornou conhecidos: «É preciso avisar toda a gente, / dar notícia, informar, prevenir, / que por cada flor estrangulada / há milhares de botões a florir». Poderia acrescentar que afinal toda a gente os conhece, mas bem sei que, pelo contrário, cada vez há menos gente que os conheça. Não admira: com programas como este, aliás raros, que quando transmitidos o são na «2» e em concorrência directa com o futebol internacional, o contrário é que seria surpreendente. E, se isto é óbvio para o mais comum dos cidadãos, muito mais o será, sem dúvida, para quem na RTP manda nestas e noutras coisas. Mas «Palavras de Abril», programa assinado por Marques Pinto não apenas na realização mas também na autoria do guião e na produção, não foi apenas os poemas esplêndidos ali ouvidos: foi também o texto a que Margarida deu voz e as imagens que apoiaram e por vezes potenciaram a força do que se ia ouvindo. Do conjunto de todos esses elementos emergiu o que me pareceu ser uma clara intenção didáctica, talvez com o propósito de contar coisas fundamentais a quem pouco ou nada sabe delas: isto é, aos jovens que hoje passeiam por aí uma impressionante embora inocente ignorância de tudo quanto era o País no tempo dos seus pais enquanto novos. Ou, como cantou a voz de Paulo de Carvalho em os Meninos do Huambo, de «quanto custou a liberdade». Porém, é claro que àquela hora os jovens estavam e desesperar-se perante os quatro golos franceses: foi o que sem dúvida resultou da sábia colocação de «Palavras de Abril» naquele canal e naquele horário. Apetece-me dizer que essa opção da RTP foi uma provocação infame, uma agressão descarada às comemorações de Abril. Apetece-me, mas não digo: quero ser um homem moderno e renovado, tenho muito respeito pelos compromissos comerciais. É, porventura, por outros de um outro comércio.

A talhe de foice

• Henrique Custódio

O "peeling"

O peeling de Lili Caneças escarpou a crosta que ainda protegia a desvergonha da informação em Portugal.

Vamos por partes.

A mais curta e simples é Lili Caneças. A Lili Caneças é a Lili Caneças, tal como a galinha é a galinha, a hora de ponta é a hora de ponta, a gaita de foles é a gaita de foles; existem e pronto. O peeling é outra conversa. Além de existir, realiza. No caso, realiza dinheiro - muito dinheiro - à custa de todos os Lilis Caneças que vivem para existir. O negócio é simples: médicos credenciados oferecem a sua medicina para desenrugar peles velhas, pelando-as. O organismo do paciente faz o trabalho, regenerando-se até poder; o médico cobra o trabalho do organismo, esmiifrando o paciente quanto pode; o paciente agradece o trabalho do médico, pagando sem pestanejar o que este lhe pede. At está o peeling.

Só que a Lili Caneças nada pagou e se calhar ainda recebeu. Quem o disse foi o próprio responsável pela clínica espanhola que lhe fez o peeling, ao admitir num programa de Margarida Marante na SIC que tudo fazia parte de uma campanha publicitária com o objectivo de promover a cirurgia plástica da sua empresa em Portugal, escolhendo-se, para o efeito, uma figura conhecida que estivesse disposta a arrancar a pele para subir na ribalta.

A Lili Caneças, pois claro. O que mostra que se a mulher não faz nada, ao menos está disposta a tudo.

Más o problema não é esse.

O problema nem sequer está na técnica promocional usada pela empresa espanhola de comprar quem está à venda em Portugal para aqui instalar o seu negócio. Neste mundo global, vende-se quem quer e compra quem pode.

O problema é que a operação publicitária da empresa espanhola com o desencarquilhamento da Lili Caneças foi impingida ao país por muitos órgãos de comunicação social como notícia, e em alguns casos de primeira página. A SIC chegou a fazer chamadas para o acontecimento ao longo da programação e todos os canais o incluíram nos seus principais noticiários.

Já se tinha visto muita coisa no panorama informativo português, com realce para os noticiários televisivos.

Casos de polícia transformados em dramas sociais. Crimes erráticos servidos no alinhamento dos telejornais como patologia social.

Propaganda partidária mascarada de notícia. Promoção descarada a coberto do interesse noticioso.

Difamação terrorista sob o mesmo argumento. Silenciamento de pessoas, omissão de factos e distorção de acontecimentos em nome da «objectividade» que sempre se alardeia e raramente se pratica.

Destaques absurdos para trivialidades como uma cirurgia plástica ou a transferência de um futebolista e nota de raspão para um despedimento colectivo ou uma luta laboral.

Papagueamento acéfalo do que os colossos mediáticos impingem ao mundo inteiro.

E por aí fora, num quotidiano informativo tão medíocre e manhoso como emproado e convencido, com as honrosas excepções da praxe para confirmar a regra.

O que nunca se tinha visto era travestir de notícia uma rele campanha de publicidade, creditá-la em pleno telejornal e vigarizar, de uma assentada, o Estado, pela fuga ao fisco que tal publicidade encapotada configura, o jornalismo, ao ser assim exercido em níveis de prostituição, e, sobretudo, um povo inteiro, que engoliu a promoção de um produto julgando estar a saber uma notícia.

Ora aqui está um episódio interessante para levar aos cursos de jornalismo, onde alguns dos responsáveis máximos pela difusão deste «acontecimento» falam de cátedra sobre deontologia e independência editorial.

Bem perguntados, são até capazes de exemplificar o que é o peeling, num expedito faça-você-mesmo ao vivo e na aula...

Loures e Odivelas

Boicote eleitoralista

Com a criação do município de Odivelas, em 1998, o Governo foi lesto em retirar verbas à Câmara de Loures mas até agora não deu nenhuma contribuição para as despesas de instalação, que ascendem já a cerca de três milhões de contos.

Desde 1 de Janeiro de 1999 que o Município de Odivelas passou a receber todas as receitas legalmente atribuídas aos municípios. Isto implicou a retirada imediata e sem qualquer informação prévia à CM de Loures, de dois milhões de

contos de transferências do Orçamento do Estado e das receitas de impostos cobrados pelo Estado, nomeadamente a contribuição autárquica, a sisa e a derrama, no valor de vários milhões de contos.

Contudo, segundo uma declaração de Carlos Carvalhas, divulgada na passada segunda-feira, o Município de Loures continuou obrigado a assegurar a prestação de todos os serviços inerentes ao bem-estar das populações, enquanto o processo de partilhas continua por resolver.

Em conferência de imprensa - em que, para além do secretário-geral do PCP, participaram igualmente Adão Barata, presidente da CM de Loures, e Francisco Pereira, membro do Comité Central e da Comissão de Controlo - os

comunistas acusaram o Governo de não cumprir as suas responsabilidades: «não contribuiu com um tostão para a instalação do Município de Odivelas», e continua a adiar o despacho ministerial sobre o Relatório de Partilhas.

Este relatório está pronto desde Julho de 2000, tendo sido votado favoravelmente pela Câmara de Loures e pelo representante do Governo. No entanto, a Comissão Instaladora do Município de Odivelas votou contra e o Governo optou por não intervir, tal

Ganhar na secretaria

Os comunistas dos concelhos de Loures e Odivelas acusam o PS de eleitoralismo e de procurar «ganhar na secretaria, à custa das populações, aquilo que não consegue no terreno por falta de dinamismo, transparência e competência».

É que para além do arrastamento do processo de partilhas, o Partido Socialista colocou novos entraves à actividade municipal ao reprovar pela segunda vez o pedido de empréstimo no valor de três milhões de contos, inviabilizando assim investimentos já previstos no plano de actividades.

como a lei prevê em caso de desacordo entre os municípios. Segundo explicou Adão Barata, o voto desfavorável de Odivelas passaria a favorável desde que o Governo atribuisse 2,2 milhões de contos para fazer face às despesas de instalação.

Populações lesadas

O problema é que enquanto não houver Relatório de Partilhas os dois municípios

enfrentam sérias dificuldades, nomeadamente: «indefinição quanto aos trabalhadores a afectar a Odivelas, criando natural instabilidade e servindo de pretexto em Odivelas para contratações motivadas por interesses pessoais e/ou partidários», lê-se na declaração.

Acrescem «limitações na gestão e transferência de património imóvel e móvel; impossibilidade de dar continuidade ao PER iniciado em Loures, impedindo os realojamentos de mais de 500 famílias no Município de Odivelas; impossibilidade de Loures ser reembolsado no montante em dívida, que já ascende a mais de três milhões de contos, e de transferir para Odivelas o cumprimento de obrigações no montante de 3,5 milhões de contos».

O adiamento do processo de partilhas traz evidentes prejuízos para as populações e trabalhadores dos dois concelhos e «só razões de mera oportunidade eleitoralista podem justificar semelhante comportamento, do qual o PS procura fazer um claro aproveitamento partidário», afirma o PCP.



Na conferência de imprensa, Francisco Pereira, do CC, Carlos Carvalhas, Secretário-Geral do PCP, e Adão Barata, presidente da CM de Loures, acusaram o Governo de se furtar às suas responsabilidades no apoio à instituição do Município de Odivelas

Professores em luta

A Federação Nacional dos Professores iniciou ontem, quarta-feira, uma série de concentrações junto ao Ministério da Educação que se prolongará por todo o mês de Maio. Esta acção foi convocada para protestar contra o modo precipitado como o Ministério pretende fazer a generalização da revisão curricular/reforma educativa.

Caso não haja evolução nas posições do ME, o Conselho Nacional da Federação dos Professores poderá decidir a realização de uma greve nos dias 18 e 21 de Junho, de acordo com o plano de acção aprovado pelo 7.º Congresso da Fenprof.

Encontro Nacional do PCP O Poder Local e as Eleições Autárquicas

O Partido Comunista Português realiza no próximo sábado, no Hotel Altis, o Encontro Regional sobre o Poder Local e as Eleições Autárquicas. Com início às 10.30 horas, o Encontro funcionará por secções, sendo a primeira dedicada à «Intervenção Eleitoral», a segunda versará as «Linhas de Acção Programática para o mandato 2002/2005» e a terceira será sobre «Participação e Gestão Democrática». A iniciativa abrirá com uma intervenção de Jorge Cordeiro, da Comissão Política, e será encerrada pelo secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, por volta das 17 horas.

ENCONTRO NACIONAL
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
SOBRE O PODER LOCAL E AS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS

PCP

LISBOA • 5 MAIO 2001 • HOTEL ALTIS

